

cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 12 – Março/2010



cadernos da

FEI

CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI, IECAT e Escola
Técnica São Francisco de Bórgia.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux
Prof. Raul Cesar Gouveia Fernandes

Colaboração

Prof. Ayrton Novazzi

Fotos

Setor de Audiovisual da FEI
e Banco de Imagens

*Editado no Centro Universitário da FEI,
instituição filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Endereço para correspondência

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

CONTEÚDO

Voz do Presidente

Ao recomçar, lembremo-nos da missão que nos é confiada	05
Formação da juventude e valorização do bem comum	08
Chamados a dar testemunho da verdade	11
Pronunciamento de abertura da Semana da Qualidade - 2º semestre 2009	14
Homilia para a Eucaristia da visita do Pe. Provincial	16
Visita do Revmo. Provincial Pe. Ednardo Serafim de Sousa, S.J.	18

Os Jesuítas Hoje

Se tudo muda, por que resistimos à mudança?	20
Os Jesuítas e seu Projeto Apostólico	26

Religião e Cultura

Contribuições do Pe. Antonio Vieira para um Centro Universitário de Inspiração Inaciana	32
Caridade na verdade. A inteligência e o amor	41
Pe. Matteo Ricci (1552 - 1610): Um cientista na China	47
Memória: Os Mártires de El Salvador	51
Cristianismo puro e simples, de C.S.Lewis	53

Desafios Modernos

Um proposta para viver a política	54
A Expansão da Razão, a Universidade e a Tecnologia.....	60

Projetos

Grupo “Gente”: transformando as relações de ensino e aprendizado	65
O programa “Jovem” e o dilema entre competir e cooperar	68
Competência, Pesquisa e Tecnologia para responder às necessidades sociais	71

Na Luz da Eternidade

Dr. Pedro Kassab	73
Prof. Jorge Hilsdorf.....	74
Prof. Franco Brunetti.....	75
Prof. Flávio Vieira de Souza	76

APRESENTAÇÃO

Os compromissos docentes e as atividades dos alunos absorvem a sucessão rotineira das aulas e trabalhos marcados pela preocupação de dar conta das responsabilidades que pesam sobre cada um. Isso se reflete na movimentação dos carros no estacionamento, no vai e vem dos corredores das aulas, nos grupos dos laboratórios. Por todo lado, nas salas, nos restaurantes, na biblioteca, há sempre alguém debruçado sobre as intrincadas questões e problemas que os professores colocaram. Acrescente-se o clima de alta tensão quando se aproximam os períodos das inevitáveis “Ps”!

Por maiores que sejam as cobranças acadêmicas e institucionais não fica perdido o lado humano que acompanha o projeto universitário de formação integral. A capacidade e desempenho intelectual, a metodologia que disciplina o modo de proceder no querer e agir ficariam estéreis, roboticamente automatizados, se paralelamente não se desenvolvessem as dimensões que aproximam uns dos outros: a riquíssima experiência da convivência, o gosto pela vida.

Ela implica na partilha do que se tem, se sente e deseja, naquilo que faz rir como também pode fazer chorar.

A sucessão dos acontecimentos que refletem o dinamismo da vitalidade universitária é registrada nos diversos informativos que acompanham o desenrolar do processo acadêmico e atividades da FEI.

Nesta edição dos Cadernos da FEI foram selecionados alguns temas que em 2009 abordaram outro lado da comunidade universitária.

As palavras do Presidente da Fundação, Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, pronunciadas nas celebrações e atos acadêmicos, abordam a missão evangelizadora da Companhia e aprofundam aspectos do Plano Apostólico para as obras e atividades da Província do Brasil Centro Leste. O Plano foi apresentado à comunidade universitária na primeira visita que o novo Provincial, Pe. Ednardo Serafim de Sousa fez às unidades de São Bernardo e São Paulo.

Desde o Vaticano II, na gestão dos Superiores Gerais Pedro Arrupe, Kolvenbach e agora Adolfo Nicolás, a Companhia passa por uma série de transformações ao adaptar-se às exigências de uma organização multinacional secular que se atualiza.

O Plano Apostólico responde ao que o Pe. Adolfo Nicolás comentou sobre a missão da Companhia na visita que fez aos jesuítas da Província da Califórnia.

Por outro lado, na comemoração do centenário do Pe. Antonio Vieira, em palestra proferida na FEI, no início do ano, o Pe. Carlos Alberto Contieri abordou com geral agrado a tão complexa relação entre Religião e Cultura.

Essa relação ganha, através dos tempos, contornos históricos especiais nos quais se verificam comportamentos de aproximação e parceria como também de hostilidade e confronto.

A recente encíclica *Caritas in Veritate*; o livro de C. S. Lewis *Mero Cristianismo* e a abordagem da Doutrina Social da Igreja sobre a política ajudaram a situar dois momentos expressivos da atuação missionária da Companhia em contextos bem diferentes: a evangelização da China pelo Pe. Matteo Ricci, no séc. XVI e o papel da Universidade Católica de El Salvador na defesa da justiça social que culminou no assassinato de sete membros da comunidade, em 1989.

Os Cadernos são enriquecidos pela contribuição de docentes que relatam experiências de projetos sociais feitos com os alunos como desdobramento dos conhecimentos tecnológicos postos a serviço das comunidades carentes.

Ao lado das conquistas e sucessos da FEI, o ano de 2009 deixou-lhe também marcas de dor e tristeza. Registramos o falecimento de pessoas muito queridas como a do Dr. Pedro Kassab; dos professores Jorge Hilsdorf e Franco Brunetti e a saudade do Prof. Flávio Vieira de Souza que por tantos anos coordenou o Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas e era responsável por estes Cadernos. São pessoas que ajudaram a construção da FEI com dedicação e apreço, cada um na sua área de atuação. Com os padres Roberto Sabóia e Aldemar Moreira fazem parte da galeria dos grandes beneméritos.

A edição dos Cadernos recolhe a riqueza da vitalidade da FEI naquilo que ela tem de mais precioso: as pessoas compõem a comunidade universitária. Com a dedicação, capacidade e ideais colaboram para um mundo em que o homem e a natureza vivem a integração harmoniosa almejada pelo Criador.

Pe. Paulo de Arruda D´Elboux, S. J.

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Homilia na capela do
campus SBC na missa
de abertura do
ano letivo,
02 de fevereiro de 2009.*



AO RECOMEÇAR, LEMBREMOS-NOS DA MISSÃO QUE NOS É CONFIADA

Somos todos irmãos e irmãs chamados a responder com inteligência discernida e vontade decidida aos apelos do Evangelho de Jesus Cristo. O evangelho: Palavra e Vida de Deus, entregue ao nosso alcance para criar uma nova cultura relacional entre todos os seres humanos e deles com a própria natureza animal, vegetal e mineral.

O evangelho anuncia que Deus escolheu revelar-se, dar-se a conhecer. Identificou-se como Amor que ama e deseja ser correspondido. Ama, abrindo o caminho da graça para que cada ser humano possa percorrê-lo e chegar à verdade e à vida verdadeira. O amor deseja uma identificação de nossa imagem com a imagem divina. O amor almeja o melhor bem de cada um. Deus nos ama com amor eterno, torcendo para que possamos aderir à sua vontade para nossa plena realização. Criados à imagem e semelhança divinas, somos instados a realizar

com todas as nossas convicções a presença de Deus no mundo de hoje, testemunhando para benefício de todos os nossos semelhantes.

Jesus passou pela terra fazendo o bem. Anunciou o evangelho, tornou-se o Evangelho de Deus para que cada um de nós pudesse, seguindo seus passos, chegar a realizar a própria filiação divina em sua pessoa. Tornar-se pessoa na Igreja pelo batismo, recebendo o próprio Deus como força, sabedoria, alegria constante, para que cada um de nós articule sua fé com seu conhecimento, sua razão; sua esperança com a superação dos limites e das fronteiras que isolam, separam, segregam as pessoas, as culturas, as crenças religiosas, impedindo um maior bem como a construção da paz duradoura, a prática da justiça reconciliadora e a segurança alegrando o viver.

Nossa fé e nossa esperança devem evoluir na me-

dida da nossa qualidade intelectual para que nossa inteligência iluminada possa gerar atitudes de grande quilate para a vida do mundo, para que nossa vontade possa desenvolver os projetos necessários ao bem da humanidade, projetos que só a nossa competência como intelectuais, pesquisadores, estudiosos e formadores de opinião, poderá conseguir realizar e promover com êxito e satisfação. A Igreja precisa de pessoas inteligentes, bem formadas, com pleno conhecimento de suas potencialidades e com a generosidade de poder responder “aqui estou!”, disponíveis com toda liberdade que a vontade de ajudar outorga.

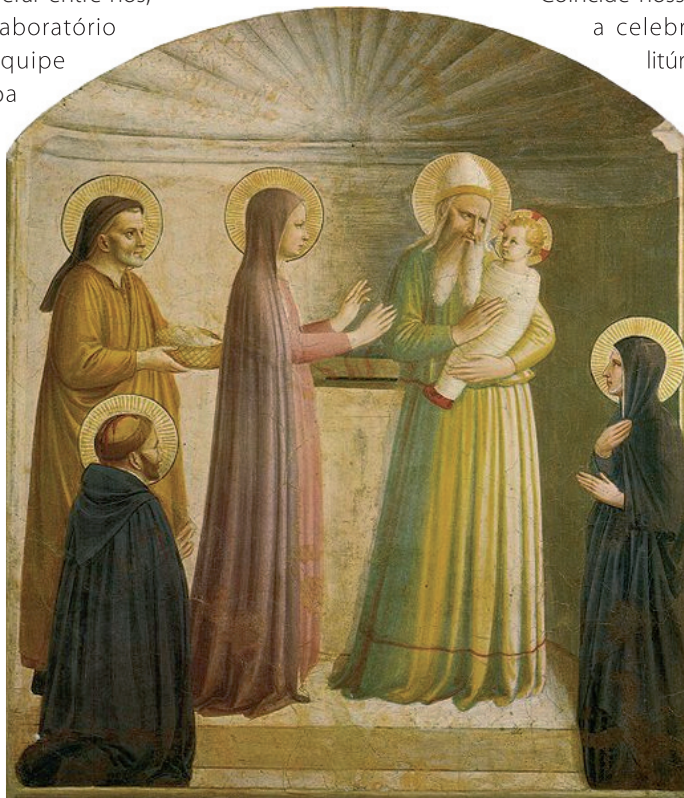
Hoje, começamos o novo ano letivo com muita esperança para cooperar entre nós, curso com curso, laboratório com laboratório, equipe com equipe, pessoa com pessoa, em função de exercer um mandato, uma vocação e missão que nos é confiada: preparar bem a juventude que se confia a nossa instituição para formar-se através do estudo, da pesquisa, da extensão e da convivência universitária. Desejamos dar a todos as melhores boas-vindas. Expressar nosso entusiasmo contagiante para que se sintam bem no que realizam e desejem aprimorar cada vez mais suas

especialidades, seus pontos fortes e luminosos.

Esta instituição é universitária e se qualifica como católica e jesuíta. Significa que, em tudo o que fazemos, visamos a melhor qualidade que nos leva a ultrapassar o que fazem as outras instituições. Sabemos que, pela fé que nos é confiada, as nossas ações ultrapassam o tempo para atingir a eternidade. Ensinamos, educamos para formar excelentes profissionais, com uma consciência humana plenamente formada e forjada nos valores do evangelho de Jesus. Queremos, assim, modificar a nossa sociedade pela qualidade humana, cultural e espiritual de todos que passam por esta casa de ensino e saber estudado.

Coincide nossa tarefa de hoje com a celebração de uma festa litúrgica: da apresentação de Jesus no templo.

“A liturgia é a linguagem que a Igreja utiliza para comunicar os mistérios de Cristo” (Columba Marmion). É a festa das luzes. Maria é purificada após o nascimento de Jesus e Jesus é consagrado ao Senhor. A Sagrada Família, cumprindo a Lei, apresenta-se para toda a humanidade como luz que ilumina a todos. Jesus é a luz das nações, Maria é a portadora da



“A apresentação de Jesus no Templo” (1438-1440),
Fra Angelico, afresco do Convento de São Marcos em Florença.

luz das nações: Jesus, o enviado do Pai para iluminar todos os caminhos humanos. Na simplicidade da cena, o evangelista narra com paixão os acontecimentos. A mãe, o menino, José oferecem as pequenas aves em sacrifício e são complementados em suas preces pelas pessoas abençoadas que passaram a vida inteira aguardando a manifestação divina através do envio do seu mensageiro, do seu messias, do seu filho. São anciões de idade avançada. Simeão, homem justo e dedicado em sua piedade, tinha a certeza divina, garantida pelo Espírito Santo, de que não partiria desta vida sem ver a realização da promessa e da Aliança. Ele toma o menino em seus braços e glorifica ao Deus dos pais, vislumbra a missão do menino, que será uma contradição, revelará o interior dos corações humanos; diante dele, muitos cairão e muitos serão reerguidos. A própria mãe terá o coração transpassado, será a mãe das dores, a Dolorosa, a Pietá, tão unida à missão do menino Jesus. Além do homem clarividente, há uma mulher, uma profetisa, uma mulher de oração, que abre sua boca para louvar a Deus e testemunhar sobre o Menino, fonte de libertação de Jerusalém. Simeão, de longo alcance, vislumbra a realização das promessas de Isaías: “todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus, luz das nações, glória de toda a humanidade”. Ana olha ao redor e vislumbra a cidade capital do reino de Davi, libertada de toda a opressão convertida ao Senhor Deus da Aliança.

A leitura do profeta Malaquias é uma promessa. Deus vai enviar seu mensageiro para preparar seus caminhos, para purificar os corações como o fogo que derretendo os minerais os separa, isolando o que é precioso no seu verdadeiro quilate, como os detergentes alvejam as roupas para que resplandeçam em sua pureza e esplendor. Malaquias menciona dois anjos, dois mensageiros. O primeiro é apresentado pelo próprio Jesus: seu primo João Batista. A voz que clama no deserto, preparando os caminhos do Senhor, conclamando à penitência e à conversão

das más atitudes para a adesão plena à vontade de Deus. O segundo, o anjo da Aliança, é o próprio Jesus que celebrará as novas núpcias da humanidade com Deus, prefigurada no vinho novo e perfeito de Caná e concretizada em seu corpo e sangue eucarístico, nova e eterna aliança.

A Ceia do Senhor institui o sacramento fundador da Igreja, o memorial que torna presente o Senhor, em cada vez que é celebrado. “Fazei-o em memória de mim”. No pão e no vinho oferecidos ao Senhor, oferecemos o sacrifício de Jesus, sua morte, sua ressurreição, sua redenção. Seu corpo dado em alimento, seu sangue dado em bebida. Participamos da nova e eterna aliança constituída pelo Filho de Maria, verdadeiro homem, pelo Filho de Deus, verdadeiro Deus. Pela fé, somos guiados na leitura dos acontecimentos da vida de Jesus, à luz da revelação divina ao longo da história da salvação. Jesus foi anunciado pelos profetas, foi suplicado nas preces de todas as gerações da humanidade. “Oxalá abrisse os céus e viesse nos salvar”, falava Isaías, “que as nuvens chovam o justo”, continuava.

Lucas sintetizava: “a graça de Deus estava com o menino, crescendo em todas as dimensões humanas e espirituais”. Conosco quer estar o Senhor, com sua graça, para que também cresçamos continuamente em nossa vocação humana e cristã. Vida de esperança, geradora de serviço qualificado ao nosso próximo.

Irmãos e irmãs, é o Espírito Santo quem impulsiona as idas e os encontros das pessoas para reconhecerem o Senhor na criancinha Jesus e anunciar com júbilo esta percepção. É o mesmo Espírito que nos reúne ao encontro de Cristo na fração do pão, na partilha do vinho. Nosso Deus é a origem de toda a luz, luz das nações, luz que não se apaga nem fenece. Que cada um de nós queira apresentar-se ao Senhor com um coração novo, uma visão iluminada, uma vida de serviço a todos os nossos educandos. Que o Senhor nos conceda suas graças para levarmos adiante o que nos confia e confia em nosso íntimo. Amém. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade
(1º semestre de 2009).
São Bernardo do Campo,
02 de fevereiro de 2009.*



FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E VALORIZAÇÃO DO BEM COMUM

Ao final das férias, com alegria e prazer, nos encontramos para reiniciar nossos trabalhos letivos neste ano novo de 2009. Espero que todos tenham aproveitado bem os tempos das férias para repouso, lazer, entretenimentos familiares e cuidados pessoais. É bom interromper as ocupações para retomá-las com novo ardor e ânimo entusiasta. É muito bom reencontrar os companheiros de trabalho e conferir com eles os acontecimentos, as aventuras, os dias bem aproveitados, as preocupações, os planos e as inovações em andamento para a melhoria da qualidade da nossa participação e cooperação.

Formamos um corpo unido em vista de uma finalidade muito nobre: apoiar a formação da juventude, incentivar a preparação de capital humano do mais alto quilate, semear a capacidade de verificar ao redor e assumir a atitude de transformar as condições e

situações. Somos pessoas comunitárias, com pertença familiar e social, com inserção na cultura da nossa época, com imersão numa espiritualidade desafiante para superação de todas as nossas limitações.

Trabalhamos em equipes e grupos de trabalho para acelerarmos os processos com o enriquecimento compartilhado em ampla cooperação com a pesquisa, em que cada um é partícipe qualificado, com o ensino, colocado ao público que nos procura para haurir a seiva do conhecimento que produzirá seus frutos no presente e no porvir, com a alta densidade de nossa espiritualidade católica de vertente inaciana, que insiste em que “o amor se coloca mais em obras do que em palavras”, exigindo um discernimento contínuo entre o bom e o melhor, supondo que o mal e o pior já foram banidos na escala de nossos valores e crenças.

O Apóstolo Paulo

A Igreja Católica foi convocada pelo Papa Bento XVI a celebrar a memória do apóstolo Paulo no segundo milênio de seu nascimento, esperando que cada pessoa busque no exemplo de Paulo, que necessitou de um banho de graça para perceber qual o verdadeiro caminho para quem deseja seguir a vontade de Deus e cooperar com o próprio Deus em sua dedicação. Ele passou de perseguidor a perseguido. Perseguia os cristãos porque estava convencido que seguiam um mau caminho. Foi perseguido pelos que, por sua vez, o julgavam no caminho errado. Através de sua experiência no caminho de Damasco, Paulo ficou forte da graça de Deus e convicto de que entrara em conflito com o próprio Jesus, o Filho de Deus, que o confrontou como sendo o perseguido em cada pessoa que Paulo perseguia em nome de Deus.

Paulo foi inicialmente catequizado na fé cristã por Ananias, que lhe restituiu a luz da visão e o batizou. A seguir, foi ensinado diretamente por Deus, na reflexão, na meditação, na oração e na própria pregação do mistério da Salvação. Paulo, iluminado, iluminou a Igreja nascente, ultrapassou os limites do povo da primeira aliança e levou o Evangelho a formar comunidades de fé e de esperança em todas as nações conhecidas da Terra. Foi passando pela Grécia, formando comunidades até chegar a Roma, capital do mundo civilizado, onde entregou sua vida em martírio. As lições de Paulo moldaram a Igreja através de sua teologia, dialética e capacidade de escolher e ensinar as comunidades a decidirem corretamente nas circunstâncias e situações vividas e apresentadas. Para Paulo, cada batizado passa a fazer parte do Corpo de Cristo. Seu corpo torna-se reflexo da glória de Deus, templo sagrado do Espírito Santo. Para ele, era natural concluir que as pessoas não se pertenciam



São Paulo escrevendo as epístolas
(Obra atribuída a Valentin de Boulogne ou a Nicolas Tournier,
Museum: Blaffer Foundation Collection, Houston)

mais, mas tinham como referencial aderir à vontade de Deus, evitando a promiscuidade em suas relações e consagrando-se a descobrir, defender e promover o bem de todas as pessoas e a renunciar com toda intensidade às tentações e ao mal ilusório que se apresenta com a capa, a veste do bem aparente.

Com a celebração do jubileu bimilenar, a Igreja quer que nossa fé se aprofunde, que nossa esperança perceba seus referenciais, que nosso amor se transforme em serviço ao bem comum e em benefício aos mais empobrecidos.

A Campanha da Fraternidade de 2009: “A paz é fruto da justiça”

A Igreja Católica no Brasil lançará a Campanha de Fraternidade, desenvolvendo o nexo entre fraternidade cristã e segurança pública. O lema é bíblico, uma frase do inspirado profeta Isaías 32,17: “A paz é fruto da justiça”. Séculos antes de Jesus, ele já intuía que a injustiça impede a paz, que os injustiçados, se clamarem aos céus, seriam ouvidos, que a própria justiça

VOZ DO PRESIDENTE



frutificava em paz para os conterrâneos e vizinhos. A CNBB lançou o manual com a metodologia do “ver, julgar e agir” para criar uma cultura de paz e de respeito aos direitos individuais e sociais. Menciona caminhos para a superação de conflitos: capacidade de diálogo, legitimidade de instâncias mediadoras, identificação do problema real, delimitação da questão, clareza de critérios de análise, distinção entre consenso e demanda, compromisso com as decisões tomadas e compromisso ético (*Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2009*, nº 58, p. 32). A seguir, os pressupostos para amadurecer a verdadeira cultura da paz: o respeito à vida e à sua dignidade; a prática da não violência em todas as suas formas; a prática da generosidade para

terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão econômica e política; a defesa da liberdade de expressão e da diversidade cultural; a promoção do consumo responsável e um desenvolvimento sustentável; a plena participação das mulheres na vida social e o respeito aos valores democráticos (*Idem*, nº 59, p. 34).

O “julgar” analisa a realidade à luz da Palavra de Deus e conclui uma lista de decorrências éticas (*Idem*, nº 256, p. 96-97), e o “agir” sugere uma série de atividades na área de formação que se poderia consultar (*Idem*, nºs 297 e 298, p. 112-116).

A Companhia de Jesus hoje

A Companhia de Jesus encerrou sua 35ª Congregação Geral e publicou os decretos e os documentos sobre a relação entre o Governo Geral e o Santo Padre. Houve uma grande convergência na reflexão sobre os temas de interesse universal, para toda a humanidade e para o anúncio do Reino de Deus, focalizando a identidade, missão e vocação da Companhia de Jesus, de seus membros, suas instituições e seus colaboradores. Todas as pessoas são chamadas a se sentirem parte viva de um corpo apostólico dedicado ao desenvolvimento e concretização do carisma inaciano.

A Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus lançou a primeira fase de seu Plano Apostólico, do qual, com a Reitoria, focamos os pontos que agregam valor, aplicando-os ao serviço de nossa Instituição.

O Pe. Carlos Palácio foi nomeado para o cargo de Provincial do Brasil e foi substituído pelo Pe. Ednardo Serafim de Souza, que assumiu sua função no dia 30 de janeiro em uma celebração eucarística, em Itaici, com a participação de muitos membros da Companhia de Jesus, e a presidência e a reitoria da FEI estiveram presentes. □

CHAMADOS A DAR TESTEMUNHO DA VERDADE



Santo Inácio de Loyola
(Peter Paul Rubens, 1620-22)

É um grande dom de Deus concedido à comunidade acadêmica deste Centro Universitário iniciar o dia com a grande prece da Eucaristia de Jesus.

Jesus celebrou a páscoa, a passagem de Deus na história humana. Veio revelar a face e o agir de Deus para a vida de todas as pessoas. O agir de Deus é a demonstração de seu amor dedicado pela humanidade. Na descrição da prece da Ceia Eucarística, o evangelista comenta: “Tendo amado os seus, amou-os até o fim” (João 13,1). Até o fim!

Os evangelhos apresentam o verdadeiro sentido da frase. Jesus testemunhou o amor de Deus até o extremo de ser julgado iniquamente e executado no patíbulo da cruz. Foi colocado ao lado dos malfeitores, quem “passou pela vida humana fazendo o bem”. Os evangelhos retratam o testemunho de quem presenciou, ouvindo, vendo, sofrendo e contemplando o mal, atingindo e até querendo eliminar o bem da face da Terra. Inspirados pelo próprio Deus, os testemunhos escolhidos para a missão descobriram, a duras expensas, que a vida foi mais forte do que a morte, que a obediência a Deus na missão de Jesus foi mais forte do que a desobediência violenta a Deus pelo pecado, que a humilhação pública de Jesus era a hora de sua glorificação, que a acusação com falsidade ideológica contra Jesus, apesar de resultar em sua condenação e morte, foi a oportunidade da invenção do perdão que só Deus pode dar e confirmar. “Pai, perdoa; não sabem o que fazem”. Jesus é o Filho herdeiro enviado aos vinhateiros, por eles eliminado para tomarem posse da herança.

Os evangelhos, revelando o projeto de Deus, denunciam as artimanhas do inimigo de Deus apossando-se do espírito humano, vedando o discernimento da verdade, endurecendo corações e mentes, impedindo a percepção da contradição entre a fé proclamada e a ação de injustiça praticada, aparentemente, em nome de Deus.

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Homilia na capela do
campus SBC por ocasião
da abertura da
Semana da Qualidade
(2º semestre 2009) e da
comemoração de Santo
Inácio de Loyola.
São Bernardo do Campo,
27 de julho de 2009.*

VOZ DO PRESIDENTE

Nesta celebração, comemoramos a festa da entrada no céu de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Inácio foi um santo muito inteligente, universitário, percebeu como existe confusão em tudo o que vive o ser humano. Ele mesmo passou pela experiência e foi descobrindo que é possível agradar a Deus com segurança e referencial, discernindo o que se passa no interior de cada um. Cada pessoa pode abrir a si mesmo os segredos vividos e fechados a sete chaves, e ir se deixando conduzir pelo espírito bom de Deus, que deseja a felicidade de cada ser humano.

Inácio percebeu que o critério da paz, da serenidade contínua e da plena satisfação indicava quando o desejo e o pensamento eram para valer em sua vida. Foi analisando afeições, sentimentos e delírios desvairados que percebeu que poderia, com método, deixar de lado afeições sem ordem, para ordená-las em vista do desejo de Deus. Ia escrevendo em seu caderno diário todas as inclinações e emoções sentidas e incorporadas em seu agir. Decide ajudar a Deus socializando suas descobertas e foi trilhando o longo caminho da santidade. As pessoas ajudadas aceitaram retribuir, desejando igualmente ajudar a Deus a santificar a todos com quem compartilhavam a existência, sem se importarem com a localização. As-

sim, perambularam pela Europa, partiram para a Ásia Menor e o Extremo Oriente, chegaram às Américas e, inclusive, ao nosso Brasil.

Em nossa celebração, a Palavra de Deus nos ofereceu textos preciosos para percebermos a vontade de Deus, iluminando e fazendo as vidas florescerem com segurança. O primeiro episódio nos coloca diante de Moisés, Josué e Aarão. Descendo da montanha ouvem gritos, talvez de guerra, afirma Josué. Moisés nega, dizendo que são cânticos e danças. No sopé da mon-

tanha, Moisés verifica que o povo escolheu um deus feito pelas mãos humanas, constatou que Aarão, o sacerdote, endossou, promoveu a apostasia do povo. Joga as tábuas ao chão, tábuas da Aliança feita com Deus, tábuas recebidas no cume do monte.

O povo quebrou a Aliança, as tábuas da Aliança são quebradas em consonância com o delito do povo. Moisés pune os culpados e, diante da compunção dos mesmos, sobe novamente do sopé ao cume da montanha para interceder diante de Deus pelo Povo de Deus. Deus o atende e afirma que cada pessoa será tratada de acordo com seus procedimentos e que Moisés não só continuaria no livro da vida, como deveria prosseguir sua missão de conduzir o povo aonde Deus dissesse. O



Capela Santo Inácio de Loyola, campus SBC

próprio anjo do senhor iria adiante do povo.

O evangelho de Mateus apresenta Jesus peregrino entre o povo. Ele proclama coisas escondidas, ocultas desde a criação do mundo. Revela o agir de Deus. Revela Deus. E o faz através da pedagogia das parábolas. Ouvimos duas apresentando o Reino de Deus. O Reino de Deus está entre nós e em crescimento contínuo, condicionado pela nossa resposta aos apelos e graças divinas. O Reino cresce como uma pequenina semente de mostarda. Como o fermento levedando a massa na qual é misturado. O crescimento acontecerá sempre. A semente será uma árvore frondosa, a massa alimentará toda a família depois de crescida e bem assada.

Ele quis deixar o Reino semeado em nossos corações pelo batismo. Crescer é aderir à fé recebida, favorecendo as ramificações e os frutos, acolhendo a todos como a boa árvore abriga os passarinhos. Deixar o Reino expandir-se, como fermento na massa para levedar a própria vida e a vida de todos com quem interagimos, é dizer sim às inspirações divinas decorrentes de sua predileção para com cada um de seus filhos e filhas.

O evangelho nos envolve na perspectiva divina, perspectiva desenvolvida por todos os que foram fiéis

guardiães depositários da experiência de camaradagem e de vida na missão de Jesus, seus discípulos, a seguir, seus apóstolos, enviados na mesma missão que Jesus recebeu. Hoje, somos nós chamados a darmos testemunho da verdade que nos habita, pelas nossas atitudes, gestos e palavras.

Inácio, celebrando conosco a palavra de Deus proclamada, medir-se-ia com Moisés para ultrapassá-lo nos gestos, atitudes, palavras e intercessões, querendo ajudar a Deus com todas as suas potencialidades.

Conosco ouviria as parábolas de Jesus, emulando-nos a ir adiante na celebração para que o Reino de Deus crescesse, inflasse, abarcando toda a humanidade na imensidão das terras, céus e mares.

Este desejo inflamado de superar-se continuamente – dom

natural recebido por graça de Deus e por Inácio colocado a serviço da missão – superou o santo, alcançando tantos companheiros, seguidores como Xavier, Pedro Canísio, entre outros, nosso fundador, Pe. Sabóia, que partiu desta vida na mesma data.

Que a memória de Inácio seja grande incentivo para a nossa vida e missão.

Que a Palavra de Deus seja a salvação consentida a todos nós. Amém. □

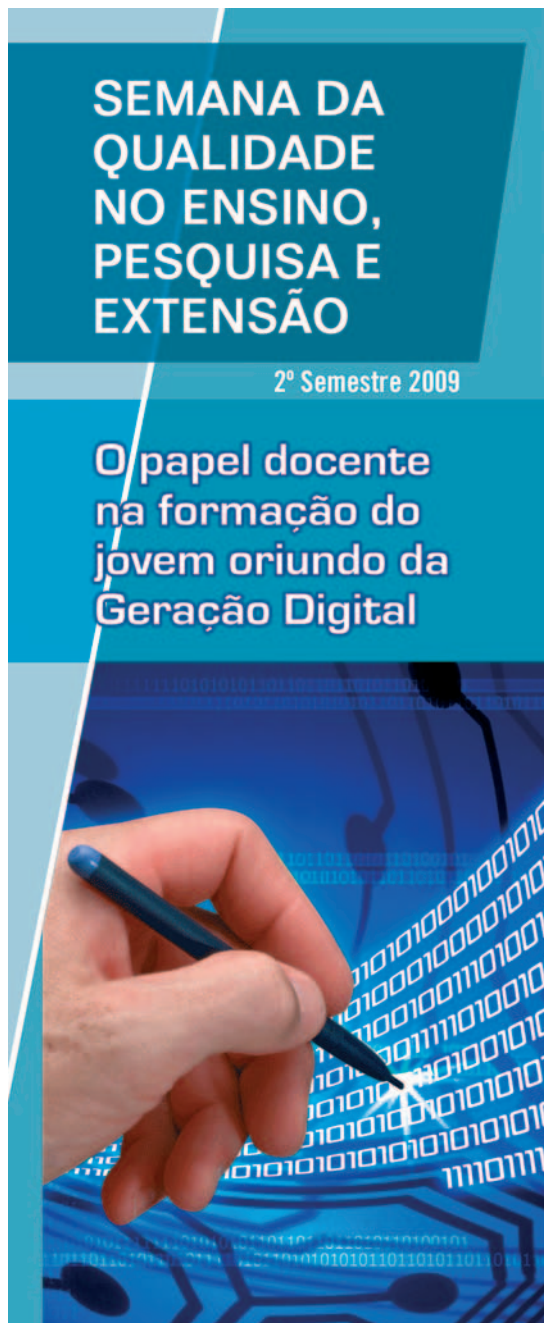


Capela Santo Inácio de Loyola, campus SBC

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade
(2º semestre de 2009).
São Bernardo do Campo,
27 de julho de 2009.*



Em breve encerrar-se-á o tempo de férias do meio do ano e inaugurar-se-á o segundo semestre do ano de 2009. A comunidade acadêmica habitua-se a cumprir seu calendário para que as atividades sejam desenvolvidas pelos diferentes interlocutores, construindo o grande mosaico da formação humana integral. Professores, pesquisadores, estudantes, corpo técnico funcional relacionam-se entre si e com a sociedade para a sublime construção de pessoas alertas para o momento e situação em que viverão e criativas no discernimento das decisões a serem tomadas.

A missão educativa não se conclui. Permanece sempre em devir, envolvendo reciprocamente a todos, porque quanto mais alguém se dedica e se especializa, adquirindo autoridade sobre seu campo de saber, tanto mais é desafiado a prosseguir, superando fronteiras e limites do conhecimento, relacionamento humano, concretização do que mais adequado for para o bem-comum e bem-estar de todos que constroem a sociedade. Sociedade humana na qual se expressam demandas impostas pelos direitos pessoais. Direitos, muitas vezes, negados, a ponto de tornarem-se apelo ou mesmo grito de socorro às nossas competências adquiridas. Pertence ao nosso modo de atuar o desejo de afirmar os valores humanos autênticos, enobrecidos pelo cristianismo para se tornarem referencial seguro para as opções a serem feitas por todos, em conjunto e mesmo pela pessoa em particular.

O hoje da academia visa o futuro em gestão do conhecimento, do acesso aos bens e serviços, da capacidade de estar ao lado, em sintonia com quem requer nossa competência para adquirir ou readquirir sua autonomia. Os diversos saberes convergirão através de uma pessoa bem formada em sua capacidade intelectual, em sua sensibilidade para perceber situações pessoais e sociais, em sua força de vontade para elaborar e apoiar as implantações requeridas em cada caso. Movimentam-se, interagindo soluções pessoais e políticas públicas, atingindo o cerne dos problemas que afloram continuamente. É preciso desenvolver a

capacidade de uma visão de conjunto, a antevisão que todo planejamento exige para ser estratégico e eficaz ante o objetivo fixado.

Fazer parte de uma comunidade pensante em torno de uma missão envolvente é a paixão que nos atrai. É a força que nos imanta. É a liberdade conquistada de oferecer o melhor de cada um para a concretização dos objetivos comuns consensuados. A união em nossa diversidade provém de participarmos de uma rede maior de instituições que aderem à missão da Companhia de Jesus, a ponto de serem referenciais da mesma missão. Tal pertença honra nossa comunidade acadêmica, fortifica o esforço de cada um, articula o trabalho em comum.

Antecipamos hoje a celebração da festa de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Celebramos seu legado de tal universalidade que levou seus companheiros, ao longo dos tempos, a fundar colégios, universidades, hospitais, paróquias, missões itinerantes, acompanhamento pessoal na espiritualidade. Trabalhos sociais, serviço de apoio e acolhi-

mento aos refugiados, respostas rápidas às situações de calamidade. Universalidade que situou a Companhia de Jesus em todos os continentes, na maior parte dos países da Terra. Universalidade que nos leva a refletir hoje sobre o “Papel do corpo docente na formação do jovem oriundo da geração digital”. Universalidade que não é etérea, mas indutora de princípios e estratégias a serem implantados na regionalidade de nossa instituição. O universal não contradiz o local, nem vice-versa. É necessário que os princípios adquiram corpo, se encarnem em nossas ações. Os princípios universais da inspiração inaciana pervadem todos os seguimentos de nossa comunidade, nenhum está excluído, todos são convidados a um pleno envolvimento.

A missão universal do corpo da Companhia de Jesus se concretiza geograficamente também no corpo local, intitulado Província. Após estudos, discernimentos e participações, foi aprovado o Plano Apostólico, a missão a ser concretizada pela Companhia de Jesus nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás e Tocantins. □

Tudo que existe de mais atual você encontra na FEI.



Inovar é pensar à frente de maneira sustentável. É com este pensamento e a excelência em ensino, pesquisa e extensão que a FEI forma, há mais de 65 anos, profissionais atualizados com as mais novas tecnologias e capacitados para um trabalho responsável. Por isso, quando pensar à frente, pense na FEI.

Cursos de Graduação em Administração, Ciência da Computação e Engenharia, Especialização e Mestrado. Campus São Bernardo do Campo e Campus Liberdade (próximo ao Metrô São Joaquim).

Faça bem feito. Faça FEI.



Centro Universitário da **FEI**
www.fei.edu.br

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia da Celebração
Eucarística realizada por
ocasião da visita do Revmo.
Provincial, Pe. Ednardo
Serafim de Sousa, ao
Centro Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
14 de setembro de 2009.*

HOMILIA PARA A EUCARISTIA DA VISITA DO PE. PROVINCIAL AO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI



Irmãos e Irmãs congregados nesta comunidade universitária, sentimo-nos honrados pela visita oficial do Superior Provincial dos Jesuítas, Pe. Ednardo Serafim de Sousa, com o qual concelebramos esta Eucaristia, juntamente com Pe. Madrugá e Pe. Paulo, encarregados das atividades pastorais.

Hoje a nossa assembleia deseja expressar publicamente sua esperança e dar publicidade à fé que inspira nossas ações de ensino, pesquisa e extensão, celebrando nossa pertença cristã, desejosa de tornar a Palavra de Deus patrimônio de toda pessoa, a fim de que possa ser iluminada pela sabedoria para descobrir a verdade de sua vida e de seu serviço a ser realizado continuamente.

A Igreja desejou que houvesse uma liturgia dedicada à Cruz da morte de Jesus Cristo. Pela liturgia, os fiéis batizados teriam os elementos de razão e de sentimento para contemplarem o que os primeiros discípulos contemplaram. O Nazareno, crucificado pelo pecado e maldade humana, derrotou a origem do próprio mal pela sua atitude pacífica e portadora do perdão e da graça divina.

O mentiroso desde a origem (Jo. 8,44), o demônio – desejoso de afastar a humanidade de Deus pela desconfiança e, assim, conduzi-la ao “não” definitivo a Deus, ou seja, a morte eterna – é vencido, é reduzido a nada pelo Filho que, humildemente, revelou que o amor de Deus é mais forte do que a morte e da humilhante morte na Cruz.

Os discípulos fizeram um longo aprendizado para superarem a horrenda visão de Jesus sendo reduzido a um malfeitor punido. Ele, que passara pela vida humana “fazendo o bem” (At. 10,38). “Deus estava com Ele” (At. 10,38). Foi necessário aprofundarem-se no conhecimento de Deus e de seu proceder para abrirem os olhos para a verdadeira realidade acontecida na páscoa de Jesus e para sua vitória sobre a morte, o pecado e o mal através da Ressurreição, com a consequente graça

do Espírito de Deus, revelador de toda verdade. Jesus falava: “a vida eterna é que conheçam o Pai e Aquele que foi por Ele enviado, o filho muito amado no qual pusera toda a sua complacência”.

Os apóstolos fizeram o longo percurso das escrituras judaicas para perceberem como, em Jesus, todas as histórias e profecias se foram realizando. Assim, o evangelho de João hoje nos apresenta Jesus em diálogo, mostrando a Nicodemos as condições de acesso aos céus. “Só pode subir ao céu, quem desceu do céu: Ele o Filho do Homem”. “Como pode ser isso?”, Nicodemos lhe perguntou e Jesus, imediatamente, retoma a cena do povo de Deus no deserto, revoltando-se contra Deus e Moisés. De povo sedentário, de escravo alimentado morando à beira das águas, passa a ser errante no deserto inóspito, temendo a cada passo ser surpreendido pelo medo da fome, da sede, dos animais perigosos e dos assaltos das tribos nômades predadoras, sentindo nostalgia de suas casas fixas e as saudades das antigas e seguras refeições. Moisés entende as dificuldades pelas quais passam, eles que atribuíam à sua infidelidade a Deus o fato de serem atacados por serpentes venenosas. Agora, pedem intercessão de Moisés para que os livre do mal. Moisés atende-os, fazendo o sinal de cura que necessitavam na imperfeição de sua religião. Querem um Deus curandeiro, terão a imagem de metal do animal que os feria: bastaria olhar para a serpente suspensa na haste para serem curados. Assim procederam com Moisés, ponderando que a imagem que olhavam a fim de terem a segurança de um apoio material era quase como um amuleto; era preciso, porém, que ficassem sabendo que era o Deus invisível quem curava, que atendia o povo em todas as suas necessidades. O livro da Sabedoria afirma comentando o acontecimento: “quem se voltava ficava curado, não pelo objeto olhado, mas por Ti, Salvador de todos” (Sb.16,7).

A estátua era um sinal: porém, era Deus quem curava. É também a mensagem do Salmo 77, cantando para que o povo de Deus não se esqueça dos mistérios do passado, das conversões por causa dos castigos sofridos,

recordando que Deus é o rochedo do qual brota a água no deserto diante dos lábios, línguas e corações enganadores que rompiam a Aliança. Porém, Deus permaneceu benigno, compassivo, fiel à sua Aliança com o povo, perdoava os pecados, tropeços e falhas. É esta remissão do evangelista João hoje: como Moisés elevou a serpente de bronze, o Filho do Homem será levantado. Como outrora os que olhavam a serpente viam e sentiam a ação divina, atualmente, os que crerem no Crucificado terão a Vida Eterna. A salvação! Porque Deus amou tanto a humanidade que a ela enviou seu Filho Unigênito para que todos os que nele crerem tenham a vida eterna. O Filho foi enviado pelo Pai para que a humanidade seja salva por Ele da morte e possa viver plenamente.

João percebeu o alcance dos atos de Jesus e os apresenta para que possamos, como ele, fazer a experiência espiritual que transforme nossas vidas à luz da vida e do proceder de Jesus, o Filho do Homem, o Filho Unigênito. Na cruz, prova do ódio e da crueldade humana, João vislumbra a realidade emblemática da mansidão e do perdão do Nazareno. Realiza, pela sua firmeza em Deus, o que o homem jamais conseguiria isolado de Deus. É a esta experiência que a Igreja convida a todos os batizados, para que, fazendo parte dela, vivam a vida de Deus, de modo que a vida humana permaneça iluminada, refletindo a imagem e semelhança do próprio Deus em todas as relações recíprocas.

Celebramos esta festa litúrgica acolhendo o Superior Provincial que, com sua palavra e atitude, mostrou estar ao nosso lado, como aquele que participa da mesma missão que recebemos, guiando-nos com seus referenciais seguros e indicadores decisivos para que prossigamos animados pelo nosso caminho, sabendo que deveremos discernir os meios e as ações de ensino, pesquisa e extensão. Seguiremos sempre em frente, com espírito renovado e vontade de ajudar a todas as pessoas com quem partilharmos a vida, a existência, o trabalho e o esforço.

Assim fizeram Inácio e Sabóia; que o mesmo seja realizado por nossa comunidade universitária. Amém. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Pronunciamento por
ocasião da visita do
Provincial ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
14 de setembro de 2009.*



Pe. Ednardo Serafim de Sousa, S.J.

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

Prof. Dr. Marcio Rillo

É sempre motivadora a acolhida pela comunidade universitária da visita oficial do Provincial da Companhia de Jesus, no exercício de sua autoridade, para conhecimento de nossas atividades e consequente confirmação da missão recebida por todos nas diversas atividades delegadas.

É do conhecimento de todos a deliberação dos primeiros padres liderados pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, na institucionalização da vontade de ajudar da melhor maneira possível a todas as pessoas a descobrirem seus talentos, configurarem seus projetos de vida, para realizarem o serviço da melhor qualidade em prol de toda humanidade. Eram poucos e foram enviados em missões a diversas partes do mundo, em diálogo com todas as culturas para anunciarem a verdade do evangelho, com a mesma sintonia que Jesus de Nazaré vivia com o Pai que o enviara em missão.

Cedo os companheiros perceberam que, para receber e exercer suas missões, seria necessário manter grande disponibilidade e criar uma base institucional a fim de que a semente da palavra pudesse ser acolhida para germinar e frutificar. Ainda vivo na Terra, Inácio

foi surpreendido pela criação de colégios para educar a juventude e formar a elite cristã para melhorar a sociedade. Desde a fundação, a Companhia de Jesus quis aplicar a espiritualidade inaciana contribuindo para que cada pessoa se tornasse contemplativa na ação. E a contemplação do mistério de Deus, fruto da fé como serviço, exigiria a promoção da justiça em todas as atividades, ações e projetos.

Inácio desenvolveu o relacionamento necessário entre as pessoas para que a vontade de Deus fosse reconhecida e pudesse ser realizada pela vontade humana esclarecida. O relacionamento entre o superior e cada religioso individualmente e com cada comunidade ou atividade apostólica visava, assim, articular o poder da autoridade constituída (a ser exercida como serviço em nome do Deus ao qual os religiosos se consagram na vida e no serviço) com a *sabedoria* de cada pessoa colocada a serviço do bem comum de toda a humanidade.

Devemos articular poder e sabedoria para encontrar a vontade de Deus a ser desenvolvida e seguida em cada situação concreta e única, na qual se encontram os destinatários do serviço a ser oferecido. Os séculos

passaram, a história acumula experiências de sucessos e de fracassos e, hoje, as exigências contínuas de acertar decisões pessoais e institucionais com o objetivo de afinar o discernimento dos verdadeiros valores e finalidades, nos convidam ao trabalho em redes de colaboração para que as sinergias se desenvolvam tornando mais eficiente o efeito multiplicador das ações e inovações. Ao mesmo tempo, somos instados a ultrapassar fronteiras, a superar limites.

Inácio falava, em latim, “*magis*”, o que *mais* ajuda; Sabóia expressava “o que falta me atormenta”, como quem dizia “não me contento com o conseguido, sou motivado pelo futuro a ser construído”; nós afirmamos a busca contínua da melhor qualidade. Os indicadores são necessários; porém, nossa corrida não parará jamais. A “gincana” na qual estamos envolvidos ultrapassa os decênios institucionais já vividos e lança-nos para um futuro inalcançável.

Como estes critérios constitutivos da vida e missão da Companhia de Jesus devem nortear nosso dia a dia é o tema de nossos encontros. Cada um de nós desenvolve seus talentos e possibilidades, cada um de nós, com sua

individualidade, adere a um corpo vivo irradiador de vida, uma instituição bem qualificada radiando qualidade na interlocução com todos os seus segmentos internos e externos. É vital que a comunidade seja bem reconhecida na sociedade na qual está inserida; é nevrálgica, igualmente, a sua percepção pelos componentes em todos os níveis de sua comunidade interna. A sinergia para fora e para dentro, externa e interna, é a razão dos fundadores e dos consolidadores desta instituição carregarem a bandeira da formação e da educação da juventude e de cada um dos que aceitaram conosco avançar nesta aventura do “*magis*”, das fronteiras e limites do conhecimento e da virtude, na certeza de que construímos juntos a santidade prazerosa do dever bem feito a ser cumprido continuamente.

O Superior Provincial é fiador deste engajamento entre a finalidade da instituição e o exercício de sua finalidade de ensino pesquisa e extensão social e comunitária. Com muita esperança, esta comunidade aguarda sua palavra orientadora para confirmar o exercício de sua missão, recebida com entusiasmo e levada com laboriosa ufania. ▢

“As mesmas razões que levam a aceitar colégios e a ter neles aulas públicas para edificar na doutrina e na vida, não somente os Nossos, mais ainda os que não pertencem à Companhia poderão nos induzir a assumir o encargo das Universidades. O fruto difundido por meio delas será mais universal tanto pelas matérias que ensinam, pelas pessoas que as frequentam e pelos graus que conferem. Assim poderão transmitir com autoridade o que nelas aprenderam, para a maior glória de Deus Nosso Senhor.”

S. Inácio de Loyola, *Constituições dos Jesuítas*, n. 440

* * * * *

“É importante que em uma Universidade Católica não se aprenda só a preparação para uma profissão. Uma Universidade é algo mais que uma escola profissional na qual se estuda física, sociologia, química ... é muito importante uma boa formação profissional. Mas se for só isso não seria mais que um prédio de escola profissional diferente. Uma Universidade tem de ter como fundamento a construção de uma interpretação válida da existência humana. À luz desse fundamento, podemos ver o lugar que ocupa cada uma das ciências como também a nossa fé cristã. Ela deve estar presente em alto nível intelectual.”

Cardeal Ratzinger - entrevista aos jornalistas - 30.11.2002

OS JESUÍTAS HOJE

Entrevista com o
Pe. Adolfo Nicolás,
Superior da
Companhia de Jesus.

SE TUDO MUDA, POR QUE RESISTIMOS À MUDANÇA?



O superior-geral da Companhia de Jesus, Pe. Adolfo Nicolás, S.J., visitou, entre os dias 30 de janeiro e 7 de fevereiro, a Província Jesuíta da Califórnia, nos Estados Unidos, por ocasião do seu 100º aniversário. Durante os nove dias, visitou 11 cidades e 30 locais diferentes, falando com uma ampla variedade de grupos, além de conceder uma grande coletiva de imprensa, no dia 4 de fevereiro, para os representantes dos meios de comunicação católicos, na Universidade de San Francisco (USF).

A coletiva ocorreu após a missa celebrada na Igreja de Santo Inácio e o almoço com quatro estudantes do St. Ignatius College Preparatory e outros quatro da USF. As questões foram enviadas previamente pelos jornalistas católicos locais, para permitir que Nicolás tivesse tempo para preparar suas respostas.

O provincial jesuíta da Califórnia, Pe. John McGarry, fez a abertura do evento, afirmando que a visita do Pe. Nicolás *“elevou nosso espírito, ampliou nossa visão, aprofundou nossa fé e o nosso compromisso com Cristo e com a Companhia de Jesus, assim como com o nosso serviço à Igreja e ao mundo”*.

Nesta entrevista, que perpassa diversos temas relevantes da conjuntura atual, Nicolás aborda a importância dos leigos para os jesuítas e para a Igreja, o papel da educação superior e os grandes desafios da cultura contemporânea para uma formação integral das pessoas.

A entrevista¹ foi publicada na íntegra no sítio da Província da Califórnia. A tradução é de Moisés Sbardelotto, pelo Instituto Humanitas, Unisinos.

Quais são os maiores desafios e oportunidades na parceria leigos-jesuítas em um futuro próximo? O que o senhor fará para promover esse movimento?

Adolfo Nicolás: Uma das experiências mais encorajadoras que estou tendo na Califórnia é ver um maravilhoso treinamento profissional que envolve coração e mente entre as equipes de leigos que estão trabalhando conosco nas universidades, escolas e paróquias. Em resposta a sua pergunta, quais são as oportunidades? Eu diria todas – tudo está em aberto. Se temos essa qualidade de colaboração, então creio que

¹ Um vídeo da coletiva e da missa está disponível no link <http://www.siprep.org/Nicolas> (em inglês).



Pe. Adolfo Nicolás, S.J.

a nossa missão se expande imensamente.

Iniciar novas aventuras com os leigos, apesar do pequeno número de jesuítas, é uma possibilidade realista. Estou desabrindo pessoas muito ávidas por comprometer

suas vidas com o serviço e com os ideais aos quais temos tentado nos comprometer. Nós, jesuítas, somos muito auxiliados, encorajados e apoiados [pelos leigos] não apenas em nossos ministérios, mas também para pensar a respeito de novas possibilidades. Isso tem sido muito encorajador.

O grande desafio que temos agora é este: como estruturamos essa colaboração? Precisamos de algum tipo de estrutura para termos grupos de leigos que compartilham a nossa visão e a nossa espiritualidade e que continuam se unindo a nós? Mesmo se o fizermos, gostaria que isso ocorresse com os leigos no centro, para que os jesuítas sozinhos não criem instituições para apoiar o nosso trabalho, mas trabalhem com os leigos como parceiros reais. De minha parte, eu farei tudo o que puder para apoiar as possibilidades significativas que trarão mais criatividade à nossa missão e ao nosso trabalho.

Há questões sociais ou educacionais comuns que se colocam aos jovens sobre as quais a educação jesuíta deveria pensar com relação ao futuro?

Adolfo Nicolás: Sim. Penso que os desafios reais que enfrentamos não são desafios jesuítas. Temos os mesmos desafios que você e a sociedade têm. É

aí onde os jovens e as instituições de ensino devem entrar e incorporar os planos e programas educacionais das nossas instituições. Eles estão fazendo isso muito bem.

O que estou vendo na Califórnia é muito edificante. Inspirei-me muito com as duas escolas Cristo Rey com as quais tive contato. Esses são um dos programas mais criativos que eu já vi. Os colégios Cristo Rey são muito significativos não apenas porque respondem a prioridades que temos em termos de serviço apostólico, mas também porque oferecem um programa realista e são imaginativos sem serem complicados. E eles podem se multiplicar. Eu escuto que os colégios Cristo Rey estão se multiplicando, e não necessariamente com jesuítas, mas com outros grupos, e acho que esse é o ideal. Quanto mais pessoas se envolverem nesse tipo de serviço criativo que essas instituições realizam, melhor para as pessoas, que é o objetivo de todo tipo de serviço.

Outro plano interessante é ir ao encontro dos jovens onde eles estão como totalidade. Eu estou muito animado nesta manhã. Acabo de ter um encontro com pessoas muito importantes na direção das instituições de ensino daqui [estudantes do St. Ignatius College Preparatory e da USF]. Eles me contaram a respeito dos tipos de projetos que os levaram a diferentes partes do mundo para fazer com que experimentassem os desafios de como as pessoas vivem. Eles, então, fazem disso uma parte dos seus estudos. Isso é um indicador do ideal jesuíta de uma educação humanista que toca a pessoa como um todo. Envolve não apenas bons trabalhos em sala de aula com informações intelectuais, mas também uma educação do coração e da sensibilidade, das mãos e dos pés.

Esses são programas realistas que estão influenciando os estudantes muito profundamente. No meu encontro com os estudantes, esse foi o ponto que mais se ressaltou. Eles sentem que essas experiências os estão mudando. É maravilhoso quando rapazes e

OS JESUÍTAS HOJE

moças sentem que estão mudando. Essa é uma das coisas mais encorajadoras para um educador.

Com relação às vocações, quais as diferenças da ordem jesuíta hoje com relação a quando o senhor entrou? Qual o desafio para a Companhia de Jesus no sentido de promover vocações para as novas gerações?

Adolfo Nicolás: A Companhia de Jesus é diferente hoje com relação há 55 anos, quando eu entrei, assim como a Igreja é diferente e assim como o mundo é diferente. O mundo mudou imensamente nesses 55 anos. Pensem nos Estados Unidos e em San Francisco. Eu passei por San Francisco em 1961. E vim hoje e está diferente. O Vaticano II levou a uma mudança tremenda, assim como todos os eventos pós-Concílio. Somos diferentes porque somos frutos e filhos dos nossos tempos e da nossa Igreja.

Ao mesmo tempo, os desafios continuam a ser os mesmos: como podemos ser fiéis e coerentes no seguimento de Cristo para responder aos desafios que Santo Inácio teve que enfrentar em seu próprio tempo, com relação ao discernimento, a olhar a realidade, servir e ajudar os outros a ser parte desse serviço? Continuamos sendo diferentes e, espero, continuaremos a mudar.

Estive lendo recentemente sobre o mestre budista mais importante da história japonesa, Dogen². Ele escreve que a vida inteira é mudança. Olhem para as paisagens hoje, e amanhã elas estarão diferentes. Se tudo muda, por que resistimos à mudança? Ele diz que a mudança é a essência da vida. Eu me inclino a concordar com isso. Porém, espero que as nossas mudanças sejam criativas em um processo dinâmico, bem discernidas e bem analisadas, para que não apenas mudemos sem direção. Como lemos ontem na Carta de Paulo aos Coríntios, precisamos mudar, mas com os nossos olhos em Cristo.

Ao visitar as nossas instituições de ensino, o senhor viu alguma coisa inovadora ou interessante que lhe dá esperanças para o futuro?

Adolfo Nicolás: Por meio das bolsas de estudo e de outras formas de auxílio, a USF fez um grande trabalho de abertura da universidade a pessoas com renda inferior a 30 mil dólares anuais, o que é algo difícil para uma universidade fazer para ajudar essa população. Isso, por si mesmo, modifica a instituição. Também faz com que seja mais fácil que os migrantes de primeira geração estudem, consigam um diploma universitário e modifiquem o padrão das suas famílias. Estou também entusiasmado ao ver que os estudantes norte-americanos se encontram e trabalham com pessoas de fora dos EUA.

Os centros Cristo Rey, que servem a populações que, de outra forma, não poderiam ir para a escola, permitem que os estudantes estudem de uma forma diferente, porque estão trabalhando um ou dois dias por semana. Eles estão vendo, ao mesmo tempo, o mundo dos livros e o mundo do trabalho real, assim como fazendo contatos e mudando o espírito de seu local de trabalho.

Essas são respostas criativas a nossa necessidade de mudar de uma educação exclusiva e elitista para uma educação mais ampla. A educação da elite sempre será necessária e irá continuar, mas as escolas Cristo Rey abrem as mentes e iniciam um processo de cooperação que enriquece a todos nós.

A educação real não ocorre apenas na sala de aula ou na capela. A educação real acontece em todo o *campus* e por meio de atividades externas. Levar a educação a uma perspectiva mais ampla é uma forma de expressar a espiritualidade inaciana como pedagogia. Isso nos permite ver como Deus trabalha na vida e permite que as pessoas cresçam por meio desses encontros. Incorporar tudo isso na educação é um processo muito criativo que eu vejo acontecendo, pelo menos na Califórnia.

² Dogen Zenju (1200-1253), também conhecido como Dogen Kigen ou Eihei Dogen, foi mestre zen-budista japonês nascido em Kyoto. Dogen fundou a escola Soto de Zen. Foi uma figura religiosa proeminente em seu tempo, bem como um filósofo importante. Dogen é mais conhecido pelo seu Tesouro do Olho do Dharma Verdadeiro, ou Shobogenzo, uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação.

Qual parte do mundo, mais do que qualquer outra, apresenta o maior potencial para dar forma ao futuro da Companhia?

Adolfo Nicolás: Depende de qual área você se refere. Por exemplo, na educação superior, certamente os EUA apresentam um grande potencial. Nos EUA, muitas coisas estão acontecendo, boas, ruins e intermediárias. Há juventude, frescor, riscos sendo assumidos e uma abundância de recursos que tornam os EUA uma parte do mundo muito criativa.

Mas eu hesitaria em dizer que os EUA apresentam a maior influência em toda a parte. A Índia tem muito a oferecer em termos de tradição e de profundidade desde outras perspectivas. A África tem muito a oferecer, aspectos que nós nem mencionamos em termos de cultura e de integração da pessoa. A Ásia oriental também tem muitas possibilidades. Diferentes partes do mundo contribuem com diferentes coisas.

Um dos objetivos de uma visita como esta à Califórnia é conseguir descobrir quais são os pontos fortes e fracos de cada área. Os pontos fortes podem ser uma ajuda para o resto do mundo. Aqueles entre nós que estão em Roma precisam saber o que está acontecendo para que esse intercâmbio possa ser mais rico e mais produtivo.

Eu hesitaria em dizer que a parte dominante é os EUA ou a China ou a África. Em algumas áreas, sim; em outras, não. Deus trabalha livremente. Ele não me consulta.

Como a Companhia de Jesus responde às mudanças climáticas?

Adolfo Nicolás: Há muito mais respostas do que eu pensava quando vi essa questão pela primeira vez. Eu perguntei a um companheiro que sabe disso, e ele me deu duas páginas de coisas que estão acontecendo.

Vivemos em um mundo em pedaços. Muitas pessoas têm publicado coisas a respeito da desertificação, das enchentes e das mudanças climáticas. Outros estão trabalhando no sul da Ásia na educação e na mobilização de dois milhões de estudantes em ações locais voltadas para o meio ambiente. Em 2008, 150 oficinas ocorreram no sul da Ásia.

Nas Filipinas, nós patrocinamos o Instituto de Ciências Ambientais para a Mudança Social. O padre encarregado está trabalhando com as mudanças climáticas e seus efeitos no país, como a desertificação.

Em Munique, temos o Projeto de Mudanças Climáticas e Justiça. Na Colômbia, dirigimos o Instituto Mayor Campesino, que oferece treinamento em agricultura e outras áreas. Nos EUA, temos o Earth Healing, liderado pelo Pe. Al Fritsch, S.J., que disponibiliza uma página na Internet com reflexões diárias com mais de 10 milhões de visitantes desde 2004. Na África, temos o Centro de Treinamento Agrícola Kasisi. Em todos os continentes, temos pessoas que estão envolvidas e trabalhando com esse tema.

Obviamente, esse é um desafio. Meu assistente nesse assunto também indica que enfrentamos os desafios do crescimento da conscientização e da divulgação de informações erradas e preconceitos. Ambos caminham juntos. Temos que pedir que as universidades e os cientistas jesuítas estabeleçam uma plataforma com sólidos fundamentos científicos. As universidades jesuítas precisam apoiar as novas redes sociais enquanto aprendem com outras redes e campanhas.

Temos que desenvolver uma espiritualidade que leve a sério a criação. Não é apenas uma questão de necessidade de sobrevivência e de necessidade de oxigênio. Precisamos nos questionar sobre como entramos e nos harmonizamos com o nosso meio ambiente. Nesse sentido, o Japão é muito mais consciente do que nós com relação ao significado da natureza. Minha recomendação vem do Mestre Dogen, que eu

OS JESUÍTAS HOJE

citei antes: sempre que você tiver uma crise, vá para a natureza, e a natureza irá ajudá-lo a superá-la. Há uma sabedoria do universo trabalhando por meio da natureza, uma sabedoria de que nós temos necessidade. A natureza pode nos curar e nos aliviar, e também nos dar sabedoria.

Além disso – e isto surgiu em nossa última Congregação Geral –, precisamos repensar a nossa forma de vida mesmo dentro da nossa comunidade. Somos uma pequena porcentagem do mundo, mas precisamos simplificar nossas vidas. Parte do problema é que nós nos acostumamos a uma forma de vida que é muito prejudicial e não-sustentável. O nível de vida dos EUA não pode se tornar universal, ele não é sustentável. Se os chineses gastassem tanta energia quanto os norte-americanos, o mundo entraria em colapso muito rapidamente. Temos que abrir mão de muitos dos nossos privilégios e vantagens para que toda a Terra se torne mais humana, mais justamente organizada e, ao mesmo tempo, mais sustentável, para que a natureza possa continuar a ser a nossa irmã e o nosso apoio.

As instituições de ensino jesuítas hoje convidam os estudantes a ser “contraculturais” (ou a “nadar contra a corrente”). Que aspectos da cultura mais ameaçam, e como as instituições jesuítas preparam os estudantes para um mundo que busca despojá-los de dignidade?

Adolfo Nicolás: Isso é algo que afeta o Japão, a Europa e a América de uma forma semelhante. Eu acho que os pontos em que todos nós, não apenas os estudantes, temos de ser “contraculturais” envolvem o culto ao sucesso. O sucesso é a maior tentação que temos. Nós, jesuítas, temos essa tentação. Cerca de 80% ou mais dos seres humanos não têm sucesso e experimentam o fracasso no casamento ou no trabalho ou na educação de seus filhos. Quando grande parte das pessoas do mundo fracassam ao cultivar o sucesso, vê-se que isso não é muito humano.

Eu penso que temos que reduzir a mentalidade do sucesso. Teremos sucesso muitas vezes em muitas coisas, mas devemos ser muito livres com relação a esse sucesso. O sucesso nunca deveria ser um princípio para a competição. Isso é perigoso para todos nós. Nossos estudantes podem aceitar todos os valores [que ensinamos em nossas instituições], mas, no momento em que saírem das escolas ou das universidades, se cultuam o sucesso, irão esquecer todo o resto.

Às vezes, nas escolas mais elitistas que tivemos no passado, demos uma dupla mensagem sem nos darmos conta. Dissemos aos estudantes que fossem homens para os outros, mas, por meio do sistema, dissemos para eles correrem mais rápido do que os outros, pois de outra forma não chegariam ao final. Essas duas mensagens não convivem muito bem. Quando uma crise surgir, eles irão se lembrar da mensagem de correr mais rápido.

Outro valor cultural que deve ser desafiado é o viver com pressa. Vivemos em um mundo repleto de *fast food*, relacionamentos rápidos, aprendizado rápido, casamentos rápidos e divórcios rápidos. Tudo isso ameaça a capacidade humana de crescer. O crescimento real não é rápido. As coisas reais não são rápidas. Mestre Dogen indica que, quando comemos uma boa comida, a ponto de, no meio da refeição, dizer “Nossa, isto é delicioso!”, então essa é uma experiência que nos prepara para a iluminação. É um momento não de pensamento, mas de pura sensação, quando você está aberto a qualquer coisa. As pessoas modernas não têm mais essa experiência. Não aproveitamos uma companhia silenciosa durante uma refeição. Se estamos com pressa, como poderemos mudar verdadeiramente alguma coisa?

Outro valor que precisa ser desafiado – e talvez vocês estão mais em risco do que na Ásia, porque as democracias asiáticas não são tão democráticas – é a determinação de valores pela maioria de votos. Isso é algo perigoso. Os valores nunca nascem pela maioria

de votos. Os valores nascem do coração, do interior profundo, dos encontros com pessoas ou dos sofrimentos da vida. Se optarmos pela maioria de votos, então os valores rebaixam-se geração após geração, como experimentamos em muitos lugares. Esse é um valor cultural que deve ser desafiado.

No Ocidente, não apenas nos EUA, há uma falta de espaço para o silêncio, para a calma, para a relação pacífica e para a vida em conjunto nos bairros ou no centro da cidade. Tínhamos isso no passado, mas não temos mais. O espaço para o silêncio e a calma, o poder curador da calma e da paz é imenso, e o estamos perdendo. O único momento em que podemos ser curados é quando estamos dormindo, porque então não podemos falar. Mas mesmo isso está se tornando cada vez mais curto, exceto se eu me recusar a dormir menos. Precisamos de tempo para que o coração se recupere e possa se desenvolver.

Também precisamos desafiar a importância esmagadora dada no Ocidente ao pensamento em comparação ao sentimento. O pensamento é muito importante, mas, no Ocidente, racionalizamos-lo a ponto de dizer que o pensamento é o melhor de todos os valores. Eu não concordo. O coração é o mais importante. O coração envolve tanto o pensamento quanto o sentimento. O coração é um dos órgãos mais importantes para o conhecimento, e isso é afirmado pela neurobiologia moderna. O coração é um órgão do conhecimento conectado ao cérebro. Isso é algo que as pessoas mais antigas sabiam, mas nós perdemos esse conhecimento. Descartamos o coração dizendo: "É apenas sentimento", e colocamos a mente acima do coração, e a natureza prática e a eficiência acima da compaixão e a amizade.

Em sua opinião, qual é o papel da educação superior jesuíta no mundo de hoje? O que significa hoje ser uma universidade jesuíta?

Adolfo Nicolás: A educação superior é um dos sistemas que a humanidade criou com grande sabedoria para garantir que a sociedade cresça de uma forma racional. Se a educação superior pode ser integrada com a pessoa como um todo, com toda a humanidade e com uma filosofia melhor, portanto esse é provavelmente um dos melhores serviços que a sociedade pode oferecer a si mesma.

A educação superior é fruto da sociedade que responde a suas próprias necessidades. A educação superior é absolutamente necessária para qualquer sociedade e ela oferece um serviço de discernimento, de racionalidade e de integração que será cada vez mais necessário. Não podemos deixar a sociedade nas mãos de improvisadores ou de pessoas que pensam apenas em termos de ganho político ou econômico. Precisamos de um lugar em que as pessoas possam pensar, aprender e crescer.

Em nosso encontro capitular no ano passado, houve uma grande insistência sobre a importância do que chamamos de apostolado intelectual. Precisamos estar presentes onde a educação superior está ocorrendo, onde as pessoas estão pensando, para que, nesse pensamento, haja uma integração de toda a realidade junto com uma abertura a Deus e à transcendência, que não pode ser limitada apenas a um fato científico.

Estou lendo agora um artigo que diz que o grande erro da filosofia ocidental começou com Aristóteles. Ele foi um cientista e teve uma filosofia da ciência muito boa. O problema é que ele aplicou essa ciência aos seres humanos, que têm liberdade, um coração e uma vontade. Você não pode aplicar os princípios da ciência física a um ser humano, que sempre está em processo e em crescimento. Isso reduz o escopo da pessoa. Temos que estar conscientes disso e estar presentes precisamente para dar o que Inácio deu, que foi coração a todo o processo de aprendizagem, de serviço e de ministério aos outros. □

OS JESUÍTAS HOJE

Pe. Paulo de Arruda
D'Elboux, S.J. ⁽¹⁾



A Igreja se renova

O Vaticano II (1962-1965) motivou os cardeais e bispos do mundo inteiro a fazerem uma releitura da missão e imagem da Igreja Católica quando o século XX começava a declinar. O desejo do Papa João XXIII era bem expressivo: abrir as janelas da Igreja ao sopro do Espírito, voltar-se para o mundo que a cerca.

A primeira fase deveria ser a de uma profunda avaliação teológica. Nela ficaram evidentes as tensões existentes entre as tendências conservadoras e progressistas que encontravam respaldos nas pastorais e posicionamentos nos mais diversos bolsões da evangelização, como a Teologia da Libertação gestada no Terceiro Mundo e acalentada de modo especial na América Latina. Os encontros episcopais que se seguiram em Medellín (1968) e Puebla (1979) refletem muito bem o clima e jogo das tensões existentes na tentativa de conciliar a doutrina e a pastoral entre os povos subdesenvolvidos tendo em vista a propagação da fé e a defesa da justiça social.

As ideias-força tinham sua capilaridade não apenas entre os teólogos e analistas dos comportamentos sociais. Atingiam as grandes famílias religiosas que se inseriam nas periferias carentes e expostas ao confronto das diferenças e injustiças sociais.

Muitas delas abandonaram as obras tradicionais voltadas para a classe dominante e partiram para atividades assistenciais nas favelas e bairros populares, para as Comunidades de Base, engajando-se com os menos favorecidos.

As grandes comunidades esvaziavam-se, as vocações diminuíam. A vida religiosa como vivência dos votos de pobreza, castidade e obediência toma novas formas de motivação tendo como referência o pobre, o marginalizado, sem voz e sem vez, sob as bênçãos de autoridades eclesásticas dignas de admiração, respeito e muitas vezes à custa da própria vida.

O carisma de Pe. Pedro Arrupe

A Companhia de Jesus não podia ficar à margem do processo inovador tendo em seu Superior Geral, o Pe. Pedro Arrupe, seu principal gestor.

Esse basco perspicaz e vigoroso trazia no coração as marcas das feridas causadas pela bomba atômica quando era missionário no Japão.

A humanidade entrava em nova fase histórica: as estruturas dos relacionamentos de autoridade e poder estavam abaladas. Levantavam-se muros, introduziam-se cortinas de ferro.

¹ Assistente Religioso do Centro
Universitário da FEL.

Logo no início, ele teve a difícil tarefa de apaziguar e recompor a unidade da organização em relação às diretrizes do Concílio e às orientações específicas do Papa, amenizando as tensões dos jesuítas conservadores resistentes ao Vaticano II, refreando os arroubos dos progressistas que ultrapassavam as fronteiras dos decretos conciliares e instruções papais.

A 32ª Congregação Geral, que convocou em 1973, resume no famoso Decreto 4º a decisão que define a prioridade da ação dos jesuítas expressa no binômio: o serviço da fé e a promoção da justiça.

Começam a ser reformuladas as estruturas de formação dos candidatos à Companhia quanto aos estudos e experiências comunitárias, proporcionando maior conhecimento da realidade pelo contato com as comunidades carentes e os marginalizados. Os grandes colégios abrem-se para as famílias pobres e atividades assistenciais, deixando para um segundo plano a preocupação por um programa voltado para o sucesso nos vestibulares.

São criadas novas frentes, como o Serviço de Atendimento aos Refugiados, àquela multidão obrigada a

emigrar entre as nações em busca da sobrevivência. É constituído um Fundo Social com a contribuição de todas as Províncias, pessoalmente administrado pelo Superior Geral, para ajuda da Companhia em casos de necessidades mais urgentes.

Uma solução vaticana

O carisma e liderança de Arrupe deram à Companhia dinamismo e audácia para participar dos desafios provocados por uma sociedade secularizada cada vez mais distante dos valores pelos quais Jesus Cristo entregou a vida.

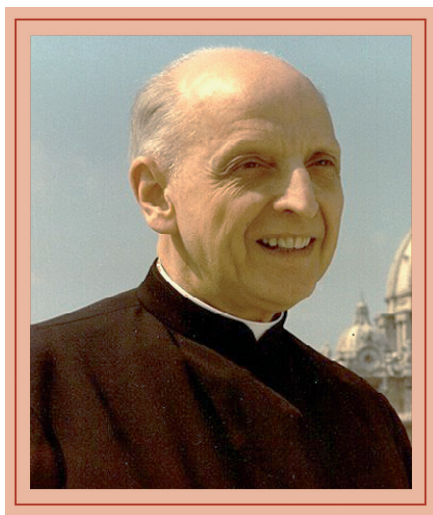
No auge das atividades, em 1981, quando voltava de uma visita à Ásia é surpreendido por uma trombose que o imobilizou e o deixou sem condições de continuar exercendo a função de Superior Geral.

Como esse cargo é vitalício na Companhia, o Papa, não aceitou sua renúncia mas servindo-se do que as Constituições da Ordem lhe conferem, nomeou um Delegado Pontifício que tinha por missão, além de ser responsável pelo governo ordinário da Companhia que exerceu por três anos, preparar e convocar a 33ª Congregação Geral. Em 1983, reuniam-se em Roma os Superiores e Delegados das Províncias de todo o mundo quando foi aceita a renúncia do Pe. Arrupe e eleito como sucessor, o Pe. Peter-Hans Kolvenbach.

No texto de despedida dizia: "Hoje, mais do que nunca, eu me sinto nas mãos de Deus. Sempre desejei isso em toda a minha vida, desde quando jovem e é o que continuo querendo. Há uma diferença: hoje, toda a iniciativa vem do Senhor. Confesso que sentir-me em suas mãos é uma experiência profunda." Veio a falecer em 1991.

Um generalato holandês

Ao contrário do furacão Arrupe, enriquecido pelas características do povo basco, Pe. Kolvenbach, além da índole própria dos que se originam dos Países Baixos,



Pe. Pedro Arrupe, S.J.

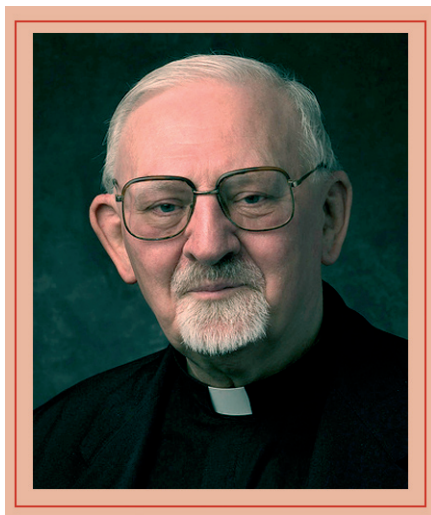
OS JESUÍTAS HOJE

tinha o perfil do intelectual influenciado pela cultura do mundo oriental, ao qual dedicou boa parte da vida como professor, tendo também exercido o cargo de Superior em regiões de conflito com extraordinária habilidade conciliadora.

Essas qualidades foram paulatinamente transferidas à forma de exercer sua autoridade, desempenhando suas funções como um verdadeiro peregrino, compondo forças, apaziguando tensões, administrando com equilíbrio e bom senso o valioso legado religioso e social deixado pelo seu antecessor.

Quando convocou a 34ª Congregação Geral para 1995, tinha pelo menos dois temas a serem propostos aos padres congregados. O primeiro, definir qual a identidade e missão da Companhia de Jesus no mundo atual tendo como referencial tudo o que fora apontado nas Congregações anteriores, sobretudo na 32ª e seu Decreto 4º. O segundo, fazer a necessária adaptação das *Constituições* escritas por Santo Inácio às exigências canônicas atualizadas pela Igreja.

Sem grandes novidades, foram confirmados os



Pe. Peter-Hans Kolvenbach, S.J.

Decretos das Congregações, sobretudo na defesa da fé, promoção da justiça e, nesse contexto, as exigências da vida religiosa.

No que se referia à missão, desenvolveu com muita ênfase a importância da colaboração dos leigos. Pela primeira vez, um decreto específico sobre a participação da mulher quebra a tradicional clausura jesuítica. O Decreto 4º é enriquecido com a estratégia da evangelização através do diálogo com a cultura e abertura para o Ecumenismo.

Por outro lado, o mundo entrava em uma nova fase com a queda do muro de Berlim e a desagregação do Império Soviético. O neoliberalismo marcava as linhas das gestões internacionais e a secularização relativizava os comportamentos morais e religiosos.

Nessa Congregação, percebeu-se a dificuldade de se manter a rígida estrutura de governo centralizada no poder monárquico exercido pelo Superior Geral com os Provinciais. A diminuição dos efetivos, a participação dos leigos, a necessária agilidade e rapidez de decisões foram pontos que os padres congregados confiaram à consideração do Pe. Geral.

Os resultados não demoraram. As Conferências de Provinciais regionais se fortaleceram, foram criadas comissões e grupos de trabalho, novas frentes de ação apostólica.

Nessa Congregação, o Pe. Kolvenbach praticamente completava sua missão, de certa forma coincidindo com o ocaso progressivo de João Paulo II.

Encerrava-se também uma fase da Igreja com a eleição de Bento XVI, em 2005.

Novos tempos, novos rumos

O Pe. Kolvenbach, em carta dirigida a toda a Companhia em 2006, justificava ser o momento de convocar uma Congregação Geral. Além dos assuntos pendentes, comentava que depois das consultas de praxe, estava autorizado a apresentar sua renúncia. Se fosse aprovada, implicaria na eleição do novo Geral.

No início de 2008 reunia-se a 35ª Congregação Geral, que aprovou a renúncia do Pe. Kolvenbach e elegeu como novo Geral, o Pe. Adolfo Nicolás, de 71 anos, da mesma região do Pe. Arrupe.

Pe. Nicolás teve sua formação religiosa e atividades de professor e Superior voltados para a Ásia, tendo vivido por muito tempo no Japão.

Ao ser eleito, cabia-lhe a tarefa de responder ao pedido que Bento XVI fez aos padres congregados: “a fidelidade plena dos jesuítas ao carisma originário no contexto eclesial e social que se caracteriza o Terceiro Milênio”.

Na prática, o trabalho da Congregação foi facilitado pelo que a 34ª tinha produzido e ainda estava muito vivo na ação da Companhia. Alguns pontos necessitavam ser enfatizados como um fogo que acende outros fogos.

Era preciso atender ao pedido do Papa: reviver o carisma da Companhia, partir para os desafios de fronteiras, vivenciar o espírito com uma visão universal, sem fronteiras, dando continuidade à colaboração mútua e

a participação dos leigos na missão já apontada na 34ª Congregação Geral.

As instâncias que vinham intensificando suas atividades começaram a rever seus planejamentos articulando as reuniões regionais e interprovinciais.

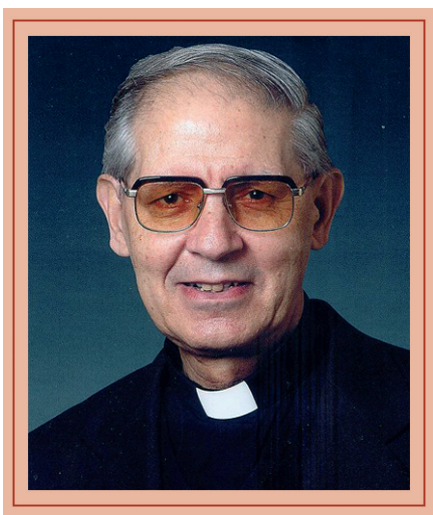
A Conferência dos Provinciais da América Latina – CPAL – foi constituída pelo Pe. Kolvenbach em novembro de 1999, com sede no Rio de Janeiro. Cabe-lhe a tarefa de pôr em prática as orientações recebidas e elaborar um projeto participativo da ação apostólica a ser aprovado pelo Pe. Geral.

Diante dos problemas que afetam o continente, da redução dos efetivos, da participação dos leigos na missão e da necessidade de uma forma de gestão mais atualizada, é orientação da Companhia que sejam redesenhadas as atuais estruturas de governo, atividades e obras provinciais, preservando-se o que determinam as *Constituições*, *Normas Complementares* e as orientações das últimas Congregações Gerais.

A Província do Brasil Centro-Leste

A Província Jesuíta do Brasil Centro-Leste abrange os Estados de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e o Distrito Federal, com 197 jesuítas entre sacerdotes, irmãos e estudantes, distribuídos em 17 comunidades. Entre as atividades, destacam-se as três instituições de Ensino Superior (PUC-Rio, FEI-SP e FAJE-BH), os 6 colégios e uma Escola Técnica de Eletrônica, os Centros de Formação Religiosa e Retiros (Itaici, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia, Brasília), a Editora Loyola, o Pátio do Colégio, além de várias residências e paróquias.

O responsável pela Província é escolhido pelo Padre Geral através de lista tríplice. Seu mandato não é superior a seis anos. Tem seu escritório na Cúria Provincial, no Rio de Janeiro. Compete-lhe manter anualmente contato pessoal com as comunidades e jesuítas, além de dar continuidade à execução e revisão periódica do Plano Apostólico que norteia as atividades e obras.



Pe. Adolfo Nicolás, S.J.

OS JESUÍTAS HOJE

Depois de três anos em um processo que envolveu a participação de todos os jesuítas e leigos responsáveis das diversas áreas e atividades, em 12 de junho de 2009, o Pe. Adolfo Nicolás, Superior Geral, aprovou o “Plano Apostólico da Província do Brasil Centro-Leste 2008-2014”.

O Plano Apostólico da Província

Deixando as contextualizações sociológicas e considerações teológicas, o Plano foi elaborado como instrumento e marco referencial das atividades, iniciativas e obras frente aos desafios da região em que se encontra a Província dentro da forma do proceder da Companhia, com uma visão universal e colaboração sem fronteiras.

Diferente dos anteriores, foi coordenado, elaborado, redigido e apropriado com a colaboração dos leigos (ou mais exatamente, os não-jesuítas) com responsabilidade na missão.

Não poderia ser diferente. Em 1950, a Companhia de Jesus tinha um contingente em torno de 35 mil membros e a Província Centro-Leste contava com mais de 400 jesuítas. Nestes cinquenta anos surgiram novas obras, abriram-se novas frentes. No entanto, as estatísticas de 2008 apontam para um total de 18.815 jesuítas em todo mundo e, na Província, eles não chegam a 200.

A participação dos leigos não significa a pura substituição dos jesuítas. A 34ª Congregação Geral referenda a ascensão do novo sujeito apostólico enfatizado no Concílio Vaticano 2: a missão evangelizadora não é exclusividade de clérigos e pessoas consagradas. Deve ser assumida por leigos que, pelo batismo, recebem uma missão que lhes é própria.

Nesse sentido, a Companhia preocupa-se com a seleção e formação de quadros de colaboradores que se identifiquem com seu modo de proceder que tem como inspiração e fundamento o que Santo Inácio de Loyola desenvolve nos *Exercícios Espirituais*.

O Plano concentra a ação em seis áreas (ou linhas) a serem articuladas entre si:

1. Juventude e vocações
2. Educação Básica
3. Apostolado Intelectual e Ensino Superior
4. Apostolado Social e Educação Popular
5. Apostolado Paroquial
6. Espiritualidade

Essa ação deve obedecer a alguns princípios como pré-requisitos da eficiência e identidade:

1. Explicitação e fortalecimento do carisma inaciano através do modo de ser e proceder, que tem como característica o discernimento pessoal, comunitário e institucional;
2. O serviço da fé é indissociável da promoção da justiça, como também da preservação do meio ambiente;
3. Abertura e diálogo permanente com a cultura pelo conhecimento profundo da realidade e dos problemas;
4. Trabalho apostólico em rede: transpor as fronteiras, abrir-se para colaboração e para as modernas formas de gestão;
5. Colaboração com os outros: agregar riquezas e experiências;
6. Sentido eclesial: identidade com a missão da Igreja.

A seguir, foram selecionadas como prioridades:

1. A formação de lideranças para a missão e inserção responsável e comprometida na sociedade;
2. Reforçar e tornar visível a identidade inaciana e jesuíta das obras e ações apostólicas;
3. Articulação do trabalho com a juventude nas diversas obras;
4. Fortalecimento da presença e do trabalho apostólico no meio dos empobrecidos a serviço da fé e promoção da justiça;
5. A participação efetiva e qualificada na reflexão sobre

os temas candentes debatidos no pensamento contemporâneo que configuram a sociedade e a cultura;

6. A gestão articulada, responsável e eficaz de acordo com o modo de proceder da Companhia em coerência com as orientações do Plano.

Em cada uma das prioridades são apontados os respectivos objetivos, estratégias e metas operacionais a partir dos elementos e recursos de cada área.

Conclusão

Sabemos que a elaboração de um plano ou a redação de um projeto tem a dimensão estática do que se recolheu e que, no momento, parece como o mais acertado para alcançar os objetivos desejados.

No entanto, o cumprimento das metas e a utilização das estratégias implicam ajustes e correções periódicas para garantia da continuidade do processo e para que ele não fique apenas no papel.

Esta é a fase em que se exige maior empenho do Provincial como gestor principal, para que em 2014 o Plano Apostólico da Província se encontre naquele patamar de execução compatível com os esforços despendidos dentro dos limites humanos.


Na verdade, é preciso lembrar de que este Plano faz parte de um Projeto da Companhia bem mais abrangente para envolvimento paulatino das províncias do Brasil e dos outros países da América Latina.

Como ocorreu em Medellín e Puebla, esse Plano Apostólico da Província do Brasil Centro-Leste identifica-se com as preocupações da Igreja da América Latina, expressas no Encontro de Aparecida, dando uma contribuição substancial para a evangelização.

Tem o mesmo horizonte do olhar do fundador, Santo Inácio, em uma das meditações dos *Exercícios Espirituais*: colocar-se em disponibilidade generosa para o serviço do Reino onde houver maior necessidade. □

MESTRADO

**SÓ OS MELHORES POSSUEM
RECONHECIMENTO INTERNACIONAL.
FAÇA PARTE DE UM GRUPO QUE SE
DESTACA EM TODO O MUNDO.
FAÇA MESTRADO NA FEI!**



ADMINISTRAÇÃO

Área de Concentração:
– Gestão da Inovação

Linhas de Pesquisa:

- Mercados e Consumo
- Capacidades Organizacionais e Inovação
- Gestão para a Sustentabilidade

ELÉTRICA


Áreas de Concentração:

- Dispositivos Eletrônicos Integrados
- Inteligência Artificial Aplicada à Automação

MECÂNICA

Áreas de Concentração:

- Materiais e Processos
- Produção
- Sistemas da Mobilidade



Centro Universitário da FEI

**MESTRADO
2010**
WWW.FEI.EDU.BR

OS JESUÍTAS
HOJE

Pe. Carlos Contieri, S. J.
Diretor do Páteo do Colégio

*Palestra proferida na
Semana da Qualidade do
Centro Universitário da FEI,
02 de fevereiro de 2009.*

CONTRIBUIÇÕES DO PE. ANTONIO VIEIRA PARA UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DE INSPIRAÇÃO INACIANA



Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite para participar da abertura da “Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão”, aqui neste *campus* da FEI. Mesmo se, atualmente, em razão da minha missão, eu não estou engajado formalmente na vida acadêmica, ela não me é alheia, pois fui por anos professor e vice-diretor da Faculdade de Teologia na FAJE e professor da PUCCAMP, além de continuar, no presente, pesquisando o tema de minha especialização, a exegese bíblica e agora, em função da minha missão, também a história.

O tema que nos propomos desenvolver – “Contribuições do Pe. Antonio Vieira para um Centro Universitário de Inspiração Inaciana” – pode parecer pretensioso. No entanto, nosso propósito é muito modesto, a saber: possibilitar um encontro entre um jesuíta – intelectual, grande orador e pregador, missionário do século XVII, que marcou sua época e continua a ser atual, cujo quarto centenário de nascimento comemoramos o ano passado – com as *características* próprias de uma Instituição de Ensino Superior inaciana ou de inspiração inaciana. E como ninguém sai imune ou indiferente de

um encontro, será necessário permitir que este fato nos provoque, questione, inspire, renove... Para tanto, na minha exposição, procederei da seguinte maneira: exporei alguns traços históricos e característicos do Ensino Superior da Companhia de Jesus, tendo como base uma alocução do Pe. Kolvenbach, então Geral da Companhia de Jesus, feita em Roma em 2001; em seguida, uma apresentação sumária do Pe. Antonio Vieira com o que poderíamos chamar do “centro integrador” de toda a sua vida e atividade e, por fim, tiraremos umas breves conclusões. Estou convencido que um bom professor não é aquele que sabe tudo (saber tudo se oporia ao conhecimento, pois a “douta ignorância” é o princípio do saber) ou diz tudo, mas o que é capaz de fazer boas perguntas e fazer pensar.

Nossa exposição, como tudo, será certamente passível de apreciação, por parte de alguns, e de crítica, por parte de outros. Ela não pretende unanimidade uma vez que todo empreendimento intelectual é um risco e aberto à crítica e ao dissenso.

Traços e exigências do Ensino Superior na Companhia de Jesus¹

A educação, básica ou superior, é para a Companhia de Jesus um meio privilegiado para a realização de sua missão. O objetivo, não só da educação, mas de toda a atividade da Companhia, ontem e hoje, como o repetem as Constituições da mesma Companhia de Jesus, é “ajudar as almas” e “o maior serviço divino”. Tal objetivo é claramente apostólico, o que diferencia substancialmente uma instituição inaciana de outras.

Mesmo nascendo numa Universidade (Inácio e os primeiros companheiros se encontraram na Universidade de Paris), será pouco a pouco que a Companhia sentir-se-á chamada a um ministério letrado. Logo depois do fervor inicial, princípio de um itinerário de conversão, Inácio cai na conta da necessidade de “aprender e ensinar”. Ele mesmo, na sua *Autobiografia*, dirá, referindo-se à experiência do tempo de sua conva-

lescência, que Deus o tratava como um mestre-escola ao seu aluno, ensinando-o (*Aut.*, 8). A educação de Inácio se realiza fora da Universidade – ele é um homem guerreiro, cavaleiro e não das letras. As várias derrotas irão conduzi-lo ao estudo²: a) a derrota “militar” em Pamplona vai fazê-lo experimentar Deus como Mestre que ensina; b) o propósito de seguir os passos de Jesus na Palestina fracassa; será devolvido de Veneza à Espanha; c) sem saber o que fazer, chegando em Barcelona, estudou, por dois anos, gramática com muita diligência (*Aut.*, 54-56); d) foi aconselhado a “ouvir” filosofia e, para tanto, que fosse a Alcalá, o que ele fez, estudando quase ano e meio (*Aut.*, 56-57); e) de Salamanca, perseguido pela Inquisição, decidiu ir a Paris estudar, onde encontrou os seus primeiros companheiros, entre os quais Pedro Fabro e Francisco Xavier.

Num primeiro momento, para a formação dos jesuítas a Companhia se contenta em aproveitar as estruturas universitárias já existentes (Coimbra, Pádua, Lovaina e Colônia). Em 1548, pouco antes da morte de S. Inácio (31 de Julho de 1556), a Companhia funda instituições educativas tanto para a formação dos estudantes jesuítas como para os externos. A razão desta mudança foi a seguinte: “Inácio intuiu o formidável potencial apostólico da educação, e não vacilou em privilegiá-lo sobre os outros ministérios habituais”³. É importante notá-lo e insistir que, se Inácio introduziu o ensino como novo ministério, é porque ele foi “impulsionado pelo desejo de servir a sua Divina Majestade, como uma nova oblação de maior estima e valor. O compromisso da Companhia com o apostolado intelectual foi uma consequência do *magis*; o resultado da busca de um maior serviço apostólico através da inserção no mundo da cultura”⁴.

Vale, aqui, uma observação: como bem sinalizou o Pe. Kolvenbach, “a universidade tem suas próprias finalidades que não podem ser subordinadas a outros objetivos. É preciso respeitar a autonomia institucional, a liberdade acadêmica e salvaguardar os direitos da pessoa e da comunidade dentro das exigências da verdade

¹ Para a nossa exposição tomamos como base uma alocução do Pe. Kolvenbach: “Alocución em la Reunión Internacional sobre La Educación Superior de La Compañía de Jesús: La Compañía de Jesús a la luz Del carisma ignaciano [Roma, Monte Cucco, 27 de mayo de 2001], in: Selección de Escritos del P. Peter-Hans Kolvenbach, 1991 – 2007.

² Cf. Kolvenbach, p. 312.

³ Kolvenbach, p. 312.

⁴ Id., p. 313.

e do bem comum. Mas, uma universidade da Companhia persegue outros objetivos, mais além dos objetivos óbvios da mesma instituição. Em uma universidade católica, ou de inspiração cristã, sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, não existe – não pode existir – incompatibilidade entre as finalidades próprias da universidade, e a inspiração cristã e inaciana que deve caracterizar toda instituição apostólica da Companhia. Crer o contrário, ou atuar, na prática, como se tivesse que optar entre o ser universidade ou ser da Companhia, seria cair num reducionismo lamentável⁵, o que nada teria a ver com o carisma inaciano ou mesmo com a inspiração cristã da instituição.

Com esta “nova” e surpreendente opção apostólica, os jesuítas, paulatinamente, se dispuseram assumir a *tensão* entre depender totalmente da graça divina, e servir-se dos meios humanos possíveis, como a ciência, a arte, a investigação e a vida intelectual. Experimentarão e compreenderão que graça e meios humanos não são incompatíveis e nem estão, necessariamente, em concorrência, mas que “a graça supõe a natureza”. Este *insight* estimulará a Companhia percorrer uma longa trajetória no campo intelectual, na docência e na investigação.

O Pe. Kolvenbach, antecessor do atual Geral da Companhia de Jesus, insiste que “o caráter próprio de uma universidade da Companhia de Jesus é dado por sua missão: *diakonia* da fé e a promoção da justiça, como modo de proceder e servir a sociedade”⁶. É possível, no entanto, que o imediatismo, “a tentação da eficiência a curto prazo, a busca de resultados rápidos ameacem o compromisso da Companhia com um trabalho intelectual profundo”⁷.

Toda e qualquer universidade está situada num contexto histórico-sócio-cultural. “Qualquer que seja o contexto, a universidade deve sentir-se interpelada pela sociedade e a universidade deve interpelar a sociedade”. Neste sentido, a universidade tem um papel sócio-cultural importante, que pode ser *profético*, de anúncio e denúncia. Como dissemos acima, a universidade tem

finalidades próprias e sua própria autonomia. Contudo, deve perguntar-se “para quem” e “para quê”⁸.

O saber, seja ele a que área do conhecimento pertença, *não é neutro*, “porque implica sempre valores e uma determinada concepção do ser humano”⁹. O Pe. Geral insiste que “a docência e a investigação não podem dar as costas para a sociedade que as rodeia. A universidade deve ser portadora de valores humanos e éticos, deve ser consciência crítica da sociedade”¹⁰.

Lembrem-se de que “as universidades jesuítas surgiram como uma crítica frente a um modelo de universidade fechada em si mesma, incapaz de encontrar respostas para os novos tempos. Ainda que com reticência, no início, os jesuítas fizeram uma clara opção pelo humanismo cristão e, através da educação, contribuíram para a configuração da nova sociedade”¹¹.

A universidade não pode se omitir diante dos grandes e sérios problemas por que passam o ser humano e o planeta. A universidade, enquanto tal, deve ter uma palavra a dizer a respeito de temas candentes como as minorias étnicas, a pluralidade cultural, a diversidade, o diálogo interreligioso, a injustiça, a exclusão, o desemprego, a crise da democracia, a educação, a biodiversidade, a globalização, o desenvolvimento tecnológico em detrimento do ser humano. “Não basta a denúncia: é necessário também o anúncio e a proposta. Comprometer-se neste campo, como universidades, é uma consequência do serviço que a universidade deve prestar à sociedade. E para as universidades da Companhia, é além do mais, uma consequência da visão de Inácio na contemplação do Reino e da missão da Companhia de procurar o serviço da fé e a promoção da justiça”¹². Trata-se, em profunda comunhão com Jesus Cristo, de generosidade para fazer a vontade de Deus, de ir onde quer que o Senhor vá a fim de que a salvação, da qual Ele é portador, atinja o coração de todo ser humano (EE. 91 – 100). Na contemplação da Encarnação, S. Inácio nos convida a ver a imensidão enorme e o globo do mundo, no qual se encontram tantas e tão diversas gentes na variedade de trajés e

⁵ *Id.*, p. 314-315.

⁶ *Id.*, p. 316.

⁷ *Id.*, p. 317.

⁸ *Id.*, p. 318.

⁹ *Id.*, p. 318.

¹⁰ *Id.*, p. 318.

¹¹ *Id.*, p. 319.

¹² *Id.*, p. 320.

costumes: uns brancos, outros negros, estes em paz, aqueles em guerra, uns chorando e outros rindo, com saúde uns, e enfermos outros, uns que nascem, outros que morrem, etc. (EE. 101 – 109). Não se trata do olhar de um mero espectador, mas de alguém que, inserido no mundo e com o olhar fixo em Cristo, sente as aflições por que passam tantas pessoas e se engaja na busca de ouvir o que Deus quer; é a contemplação de alguém (coletivo?) que se engaja na busca de solução dos problemas da humanidade.

Depois desta breve exposição acerca de alguns aspectos que caracterizam uma universidade da Companhia ou de inspiração inaciana, passemos ao segundo ponto de nossa exposição.

Vieira e sua função profética

Num artigo em que compara Vieira e Bossuet, Ives Gandra da Silva Martins¹³ defende que “Vieira fora maior que Bossuet”. Ambos viveram no século XVII, ambos sermonistas, oradores excepcionais. Vieira não era mais conhecido que Bossuet por ter escrito e falado em português. Porque pregou em francês, Bossuet ficou conhecido em todo o mundo¹⁴. Bossuet era mais voltado para a especulação filosófica, enquanto Vieira, “sacerdote pleno, político inteiramente consciente de sua função pastoral; suas idéias dilaceravam o ouvinte pela força de robusta convicção”¹⁵.

Em 2008, nós celebramos o quarto centenário do nascimento do Pe. Antonio Vieira. Foi um ano de “evocação da vida e da obra de uma figura ímpar da cultura portuguesa e brasileira, de um homem do seu e de todos os tempos. A obra de Vieira – cartas e sermões, escritos proféticos – é inesgotável para o conhecimento; ela se

oferece sempre ao aprofundamento. Ela é, igualmente, inspirada, pois, apesar dos séculos que nos separam, ela não simplesmente nos faz entrar na história em que se situa, mas se faz nossa contemporânea, desvelando a face do nosso próprio tempo, assim como as exigências de uma vida autenticamente cristã.

A vida do Pe. Antonio Vieira foi, sobretudo, caracterizada pela *maîtrise* da língua, pelo ardor da Palavra. Certamente, como o profeta Jeremias, ele provou da perseguição por causa da Palavra verdadeira e inspiradora, mas sem desistir: *A Palavra de Deus se tornou para mim*



“Padre António Vieira” (1651-1725),
Arnold van Westerhout

¹³ IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, “Vieira e Bossuet”, em VV.AA., *Vieira Vida e Palavra* (São Paulo, Loyola 2008), p. 185-191.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 185.

¹⁵ *Id.*, p. 186-187.

RELIGIÃO E CULTURA

escárnio e caçada constantes, e eu disse a mim mesmo: Não me recordarei dele, não falarei mais em seu nome. Mas, eu a sentia dentro como fogo ardente encerrado nos ossos: fazia esforço para contê-la e não podia (Jr 20,8b-9).

Vieira viveu praticamente todo o século XVII (1608 – 1697); viveu entre Portugal e Brasil, com passagens pela França, Holanda Inglaterra e Itália. Como se diz num artigo do *site* da Universidade de Lisboa “este jesuíta assumiu-se sempre como ator no grande teatro do mundo, desdobrando-se em desempenhos tão fascinantes pela diversidade como pela genialidade da representação. Religioso, escritor, diplomata, pregador, teólogo, *profeta...*, conheceu o triunfo e os aplausos, mas também o insucesso, a censura, o descrédito, a que quis e soube resistir”.

“O interesse pela vida e obra do Pe. Antônio Vieira continua extraordinário. Sua obra publicada abrange mais de 200 sermões, além de 700 cartas e numerosos escritos proféticos. Cativam o entendimento pela beleza de expressão, pela adequação da forma ao pensamento, pelo rigor da argumentação e pela criatividade. Este interesse manifesta-se, com particular intensidade, por ocasião de comemorações de efemérides a seu respeito. Assim foi no terceiro centenário de seu traspasse, acontecido em 18 de julho de 1697. Assim está sendo aos quatro séculos de seu nascimento, ocorrido em 6 de fevereiro de 1608. (...) A obra profética de Vieira situa-se no quadro de antiga e permanente aspiração humana de uma sociedade plena de paz e prosperidade na terra. (...) Embora muitas das previsões de Vieira não se tenham realizado, como a da ressurreição de Dom João IV, falecido em 1656, seus livros proféticos continuam do maior valor, pelo alto conhecimento demonstrado do passado, pela análise engenhosa de textos sagrados e profanos, pelo domínio eminente do idioma pátrio, pela contribuição à conveniente auto-estima de seus concidadãos empenhados em consolidar a independência nacional e pelo exemplo de sua dedicação a causas nobres, que soube abraçar e viver com singular perseverança”¹⁶.

BREVE CRONOLOGIA VIEIRA E O SÉCULO XVII

- ❖ 1608: Antonio Vieira nasce a 6 de fevereiro, em Lisboa.
- ❖ 1623: Com 15 anos inicia o noviciado no Colégio dos Jesuítas da Bahia.
- ❖ 1624: A armada da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais ataca e conquista Salvador, que passa a ser governada pelos holandeses.
- ❖ 1625: Vieira faz os primeiros votos como clérigo. Trabalha como professor de Retórica no Colégio de Olinda.
- ❖ 1626: Escreve a “Carta Anua”, na qual relata o estado calamitoso da colônia e das missões jesuíticas devido aos ataques holandeses.
- ❖ 1633: Começa sua carreira de orador, pregando pela primeira vez na Bahia. Empenha-se na resistência contra os holandeses.
- ❖ 1635: Aos 27 anos ordena-se sacerdote.
- ❖ 1642: Prega pela primeira vez na Capela Real, em Lisboa. Passa a dar sua opinião em questões políticas ao rei D. João IV, ganhando poder na corte portuguesa.
- ❖ 1644: Propõe a criação de uma Companhia de Comércio Portuguesa e a readmissão ao Reino dos cristão-novos a fim de melhorar as finanças reais.
- ❖ 1649: Em função diplomática na Holanda, organiza a *História do Futuro* e aprofunda suas idéias messiânicas. É denunciado ao Tribunal da Inquisição Portuguesa por conta de suas relações com os cristão-novos.
- ❖ 1653: De volta à América Portuguesa, atua como missionário no Grão-Pará e Maranhão.
- ❖ 1655: Parte para Lisboa a fim de sensibilizar o rei D. João IV para as carências das missões

¹⁶ JOSE CARLOS BRANDI ALEIXO, “Pe. Antonio Vieira e sua história do futuro”, em: *Vieira, Vida e Palavra* (São Paulo, Loyola 2008).

jesuíticas do Maranhão. Regressa bem sucedido da sua missão.

- ❖ 1656: Com a morte de D. João IV, a influência de Vieira na corte diminui. É novamente denunciado ao Tribunal da Inquisição.
- ❖ 1661: Vieira é expulso do Maranhão por ocasião de uma revolta dos colonos contra os jesuítas. Regressa a Lisboa.
- ❖ 1663: Apresenta-se pela primeira vez ao Tribunal da Inquisição de Coimbra para ser interrogado sobre os escritos *Esperanças de Portugal – Quinto Império do Mundo*. É aberto um processo contra Vieira.
- ❖ 1665: É recolhido ao cárcere de custódia da Inquisição onde redige sua defesa, valendo-se da Bíblia e de um Breviário.
- ❖ 1667: É condenado pelo Tribunal da Inquisição, sendo-lhe proibido escrever e pregar.
- ❖ 1668: Recluso no Colégio de Coimbra e depois no Noviciado de Cotovia, em Lisboa. Em junho é perdoado, sendo-lhe proibido tratar das proposições relacionadas ao Quinto Império.
- ❖ 1669: Vieira é enviado a Roma para promover a canonização dos 40 Mártires do Brasil e a causa de beatificação do Pe. José de Anchieta.
- ❖ 1675: Recebe do Papa uma isenção da jurisdição inquisitorial e regressa a Lisboa.
- ❖ 1679: Sai do prelo, em Lisboa, o primeiro volume dos Sermões.
- ❖ 1681: Vieira regressa à Bahia, onde se ocupa da escrita dos Sermões e de outros textos.
- ❖ 1688: É nomeado visitador da Província do Brasil e do Maranhão.
- ❖ 1697: A 18 de julho Vieira morre, aos 89 anos, na Bahia.
- ❖ 1746: É publicada a biografia de Antonio Vieira escrita por André de Barros.

Salvador era, no século de Vieira, considerada a corte do Brasil. O maior biógrafo do Pe. Antonio Vieira, João Lúcio de Azevedo¹⁷, falecido em 1927, diz que “o colégio dos jesuítas era o principal se não o único foco da vida intelectual no Estado. Ali recebeu Antonio Vieira, chegada a idade própria, a instrução literária”¹⁸. Para o referido biógrafo de Vieira, ele não foi desde sempre um gênio; tinha dificuldades de compreensão, para decorar, e fazia penosamente as composições. Era um estudante mediano. Conta-se que rezava à Virgem Maria para o tornar mais hábil nos estudos. “Em um de tais lances, a meio da súplica, sentiu como estalar qualquer coisa no cérebro, com uma dor vivíssima, e pensou que morria; logo o que parecia obscuro e inacessível à memória, na lição que ia dar, se lhe voltou lícido e fixo na retentiva. Dera-se-lhe na mente uma transformação de que tinha consciência. Chegado às classes pediu que o deixassem argumentar, e com pasmo dos mestres venceu a todos os condiscípulos. Daí por diante, foi ele o primeiro e o mais distinto em todas as disciplinas. Refere o caso o padre André de Barros...”¹⁹.

Tendo sido aluno do Colégio de Salvador, que na época oferecia ensino aberto a todos e gratuito, Vieira, aos 15 anos de idade, foi recebido na Companhia de Jesus e cumpriu todas as etapas da formação: noviciado (1623-1625); esteve nas aldeias de índios para melhorar o tupi e, imediatamente, foi para o magistério no Colégio de Olinda (1626), onde foi professor de Retórica; à continuação estudou Filosofia e Teologia, ordenando-se sacerdote em 1635. Três anos depois foi nomeado professor de Teologia. A sua carreira de orador começou em 1633.

Diante do Santo Ofício (1668), ao apresentar a sua defesa, falando dos seus dezessete anos na Companhia no Brasil, ele destaca dois pontos: seu fervor missionário e a formação intelectual. O seu fervor missionário é uma opção pessoal, como ele mesmo relata: “...de idade de dezessete anos fiz voto de gastar toda a vida na conversão dos gentios e doutrinar aos

¹⁷ J. LÚCIO DE AZEVEDO, *História de António Vieira* (Lisboa, Editora Clássica, 1992), vols. I e II.

¹⁸ *Op. cit.*, p. 15.

¹⁹ *Cf. id.*, p. 16.

novamente convertidos, e para isso me apliquei às duas línguas do Brasil e Angola, de que usam os gentios e cristãos boçais²⁰ daquela província. E, porque para este ministério me não era necessário mais ciência que doutrina cristã, pedi aos superiores que me tirassem dos estudos, porque não queria curso nem Teologia, e cedia dos graus da religião que a ele e ela se seguem. E posto que os superiores mo não quiseram conceder, antes me tiraram a obrigação do voto, e o Padre Geral fez o mesmo, eu contudo o tornei renovar e insistir nele, até que ultimamente o consegui, indo-me para o Maranhão”.

Do ponto de vista intelectual, foi acusado de presumido por criar novas doutrinas. A isto ele responde: “Confesso, contudo, que se me pode replicar que, ainda em seguimento de outros autores, não era esta empresa para homem tão idiota como eu tenho agora acabado de conhecer que o sou; mas esta culpa tiveram em parte os meus prelados, os quais de idade de dezessete anos me encomendaram as ânuas da província, que vão a Roma historiadas em língua latina, e de idade de dezoito anos me fizeram mestre de primeira, aonde dei, comentadas, as tragédias de Sêneca, de que até então não havia comento; e nos dois anos seguintes comecei um comentário literal e moral sobre Josué e outro sobre os Cantares de Salomão em cinco sentidos; e indo estudar filosofia em idade de vinte anos no mesmo tempo compus uma filosofia própria; e passando à Teologia me consentiram os meus prelados que não tomasse postila, e que eu compusesse por mim as matérias, como com efeito compus, que estão na mesma Província, onde de idade de trinta anos fui eleito mestre de Teologia, que não prossegui por ser mandado a este Reino na ocasião da restauração dele”²¹. Vieira atribui o que ele é à formação que recebeu na Companhia. Impressiona a vivacidade, a autenticidade, a clareza, o destemor ao falar.

Posto isto, podemos passar, explícita e brevemente, ao que o próprio Vieira considerava a essência de sua missão, a saber, a sua *vocação profética*, que é, por as-

sim dizer, o centro integrador de toda a sua vida como jesuíta e missionário. A partir de seus sermões, cartas, escritos proféticos, nós podemos deduzir que Vieira se via, como os profetas bíblicos, empenhado numa dupla função: denunciar os pecados da sociedade, ameaçando com a justiça divina, num tom quase apocalíptico, e incutir a esperança, mediante o anúncio de uma intervenção de Deus, criando “novos céus e nova terra”. Os sermões de Vieira, por exemplo, tinham um caráter moral: crítica dos costumes e denúncia pública dos pecados sociais. “É de tal função que se sentia revestido como pregador: pregar a verdade com total destemor, denunciando os erros e pecados sem temer ofender os grandes nem condescender com os pequenos. No sermão do primeiro domingo da quaresma, pregado em São Luis do Maranhão, em 1653, refletia Vieira sobre essa obrigação de pregador: ‘Senhores meus, somos entrados à força do Evangelho na mais grave e mais útil matéria que tem este Estado...e sendo a mais útil é a menos gostosa. Por esta última razão, de menos gostosa, tinha eu determinado de nunca vos falar nela, e por isso também de não subir ao púlpito. Subir ao púlpito para dar desgosto não é de meu ânimo, e muito menos a pessoas a quem eu desejo todos os gostos e todos os bens. Por outra parte, subir ao púlpito e não dizer a verdade é contra o ofício, contra a obrigação e contra a consciência, principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade a tão grandes ouvidos’”²². No sermão da primeira domingo da quaresma, de 1655, também em São Luis, Vieira exprime a consciência de sua função profética, atribuindo a si mesmo as palavras de Isaías: “*Clama, ne cesses: quase tuba exalta vocem tuam, et anuncia populo meo scelera eorum* – Brada, ó pregador, e não cessa; levanta a tua voz como trombeta, desengana meu povo, anuncia-lhe seus pecados, e dize-lhe o estado em que estão... Sabeis, cristãos, sabeis, nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que Deus quer de vós esta Quaresma. Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos. Estes são os pecados do

²⁰ Ver: ALCIR PÉCORA, “O bom selvagem e o boçal”, em: VV.AA., *Vieira, vida e palavra* (São Paulo, Loyola 2008), p. 55-68.

²¹ Ver: LUÍS GÓMEZ PALACÍN, *Vieira. Entre o reino imperfeito e o reino consumado* (São Paulo, Loyola 1998), p. 13-14.

²² PALACÍN, 34-35; Sermões XXI.

Maranhão, estes são os que Deus me manda que vos anuncie: *Annuncia populo meo scelera eorum* – anuncia a meu povo as suas maldades. Cristãos, Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estais em pecado mortal, todos viveis e morrereis em estado de condenação, e todos vós ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, e vós também estareis cedo com eles, se não mudardes de vida”. “Pois, valha-me Deus! Um povo inteiro em pecado? Quem se admira disto não sabe que coisas são os cativeiros injustos”²³. É a dignidade da pessoa humana que importa para Vieira; defesa da dignidade humana é exigência de sua vocação e missão. Segundo Palacín²⁴, “o grande fundamento em que Vieira se apóia para a sua defesa da dignidade humana é sólido e universal: a doutrina católica, fundamentada na revelação bíblica da origem e do fim do homem, elevado à dignidade de filho de Deus”. O sentido de igualdade aparece, por exemplo no Sermão II do Rosário²⁵: “Dir-me-eis que Deus não vos manda desconhecer a vossa qualidade, nem negar a vossa nobreza, e se todos somos iguais em ter a Deus por Pai vós tendes de mais a nobreza dos pais de que nascestes, e que esta vos distingue e desiguala dos outros homens, e vos faz de melhor e muito superior condição. A resposta é muito própria de vosso entendimento, mas não muito digna de nossa fé...Quisera chamar a isto gentildade, mas nem a resposta merece tão pequena censura, nem os

gentios tamanha afronta...Tão nobre é João, filho de Deus e de um pescador, como o imperador Arcádio, filho de Deus e de Constantino Magno. Cuidar alguém o contrário não é só ignorância e loucura, mas falta ou desprezo da fé.”

À denúncia da maldade humana, segue-se o anúncio do “Quinto Império” (cf. Dn 2), império consumado de Cristo. A expressão Quinto Império traz um paradoxo que poderíamos exprimir nestes termos: os quatro impérios nomeados em Daniel 2 (assírio, babilônio, persa e romano) “tornaram-se impérios pela conquista e subjugação de povos estranhos; especialmente, os dois primeiro se distinguiram pela extrema crueldade dos métodos empregados. Em virtude da dominação de império e da continuidade que indica ser o “quinto”, sucessão do último, o Império de Cristo adquire esta conotação contraditória: será última prolongação dessa sucessão de guerras, extinção de povos, disputas de poder, que dão nome à história humana, mas ao mesmo tempo, como Império de Cristo consumado na terra, ser a superação desse tipo de história movida pela discórdia”²⁶. Esta contradição está na base das objeções e condenações do Santo Ofício contra Vieira. Para aquele dicastério, o

Quinto Império não passava de um messianismo terreno. Na sua defesa Vieira diz: “As partes, circunstâncias e felicidades de que se compõe este novo e mais perfeito império ou Estado eram a extirpação de todas as seitas de infieis, a conversão de todas as gentes, a reforma da Cristandade e a paz geram entre os príncipes, a mais



Obra de autor desconhecido com a efígie do célebre padre jesuíta, retratado num escritório, com o manuscrito da *Clavis Prophetarum*, obra deixada inédita e só publicada e traduzida em 2000.
Óleo sobre tela, 1680 x 1280 mm. Casa Cadaval, Muge, Portugal.

²³ Citado em PALACÍN, p. 38.

²⁴ *Id.*, p. 39 e 42.

²⁵ Citado em PALACÍN, p. 42.

²⁶ PALACÍN, 78.

abundante graça do céu, com que se salvariam pela maior parte os homens e se encheria o número dos predestinados, sendo os instrumentos imediatos da dita conversão um Sumo Pontífice santíssimo e alguns varões apostólicos de singular espírito, que divididos por todas as terras de infiéis as reduziriam e sujeitariam à Igreja, e um imperador zelosíssimo da propagação da fé, o qual empregaria toda sua autoridade em serviço do dito Pontífice e favor dos pregadores, segurando-lhes o passo e defendendo-os onde necessário fosse com as suas armas, e sujeitando com elas a todos os rebeldes, principalmente o Império Otomano, com que Deus o faria senhor do mundo”²⁷.

Nós poderíamos dizer, no que concordamos com Palacín, que o “Quinto Império poderia ser visto como a grande utopia cristã do barroco e da Contra-reforma. Do barroco, como a criação de um mundo ideal perfeito onde refugiar-se da violência e da corrupção ‘deste miserável século’; da Contra-reforma por seu caráter militante de conquista realizada em perfeita simbiose pelo próprio Cristo e por seus delegados terrenos, o papa e o imperador”.

Uma conclusão aberta

A Apresentação feita até aqui, já é, ao meu ver, suficiente para tirarmos algumas conclusões. Dissemos, no início, em conformidade com nosso propósito, que

ninguém sai imune de uma relação. Parece que, guardada as devidas proporções, noutra área de atuação, séculos antes de nós, Vieira viveu, a partir dos seus dotes literários e sua missão, o que, hoje, é a exigência para uma Universidade jesuítica ou de inspiração inaciana. Gostaria, no entanto, de remeter esta tarefa de conclusão aos senhores. Terminando citando o Sermão da Sexagésima, pregado na Capela real em 1655 e fazendo dele uma paráfrase:

“Ter nome de pregador ou ser pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidaes que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente, convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem”.

“Ter nome de professor (pesquisador, educador) ou ser professor de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o professor leva à sala de aula, qual pensais que é? É o conceito que de sua vida têm os alunos. Antigamente, convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem”. □

“O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor e mediante isso salvar a sua alma. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem e para o ajudarem a a conseguir o fim para o qual foi criado.”

S.Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais, n. 23

* * * * *

A qualidade – qualidade total, como hoje se exige – requer dos Centros Educativos que com o tempo sejam atualizados em seus objetivos, seus conteúdos, suas metodologias, seus equipamentos, seu estilo de gestão. A excelência que pretendemos não é apenas acadêmica mas a excelência humana.”

Pe. Peter Hans Kolvenbach, S.J. - Desafios da Educação Cristã (18.07.1998)

²⁷ Defesa do livro intitulado “Quinto Império”, citado em Palacín, p. 79.

Diego Genu Klautau¹

CARIDADE NA VERDADE. A INTELIGÊNCIA E O AMOR



A terceira encíclica do Papa Bento XVI convida todos os cristãos a refletirem sobre seu lugar no mundo, convocando para a ação pública aqueles que se identificam com os ensinamentos da Igreja Católica e sua proposta social. Depois de *Deus Caritas Est* (*Deus é Amor*), de 2005, e *Spe Salvi* (*Salvos na Esperança*), de 2007, Bento XVI apresentou em junho de 2009 *Caritas in Veritate* (*Caridade na Verdade*).

De forma coerente com suas encíclicas anteriores, sempre ocupadas em lidar com a relação individual e pública da fé, Bento XVI escreve novamente sobre o amor e a fé. Diante da situação ocorrida em fins de 2008, da crise financeira mundial, Bento XVI apresenta o documento com uma proposta para todos os interessados na reflexão e ação cristã no mundo contemporâneo. A Igreja de Jesus Cristo tem uma palavra para contribuir nos caminhos do mundo do século XXI.

Dividida em seis capítulos, além da introdução e conclusão, *Caritas in Veritate* apresenta a Doutrina Social da Igreja, com seus princípios e virtudes, dando ênfase aos desafios contemporâneos percebidos nos cinco anos de pontificado do atual Papa. Na linha da Tradição da Igreja, em continuidade com a preocupação do Magistério católico desde o fim do século XIX, Bento XVI dialoga com vários predecessores, como Leão XIII (1878-1903), Paulo VI (1963, 1978) e João Paulo II (1978-2005).

Introdução

Nesta linha, a encíclica *Caritas in Veritate* anuncia em sua introdução que é o amor testemunhado por Jesus Cristo que propulsiona o desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor verdadeiro vai além das carências humanas e desenvolve o verdadeiro projeto de vida para cada homem. Jesus é a Pessoa da Verdade que se revela no amor radicado em Deus.

A caridade é a via mestra da Doutrina Social da Igreja, pois é a síntese de toda a lei e deve mediar a relação do homem com Deus, com o próximo e a vida social. Na atualidade, porém, vivemos uma redução do significado da caridade, que tende a ser excluída dos âmbitos sociais, jurídicos, políticos e econômicos. Assim, devemos conjugar a caridade na verdade e a verdade na caridade. O mundo de hoje, além de esvaziar a caridade, relativiza a verdade.

¹ Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP e professor do Centro Universitário da FEI.

A natureza pública da caridade está pautada na verdade, porque sem verdade a caridade é mero sentimentalismo. A caridade reflete a dimensão pessoal e pública da fé: *ágape* e *logos*. A caridade sem verdade é reserva de bons sentimentos, úteis para a convivência humana, mas marginais na totalidade da vida. Sem a verdade, a caridade se confina no âmbito privado e deixa de estabelecer relações com a vida pública objetiva e universal.

O amor na verdade é o desafio da Igreja num mundo de globalização, pois o risco é que a união econômica dos países não corresponda a uma real integração ética das consciências, condição para um desenvolvimento verdadeiramente humano. A partilha dos bens e recursos só é possível quando supera o progresso técnico ou as relações de conveniência e nos abre a relações humanas livres e conscientes na reciprocidade.

A Igreja não tem soluções técnicas e não pretende resolver a política dos Estados, mas garantir sua missão ao serviço da dignidade do homem diante de Deus. Sem verdade, podemos reduzir a razão a utilitarismo e ceticismo, tornando-a incapaz de identificar valores e significados que julgam a própria vida. A fidelidade à verdade é garantia de liberdade e do desenvolvimento humano integral.

A mensagem da *Populorum Progressio*

Em seu primeiro capítulo, a encíclica *Caritas in Veritate* retoma as bases da tradição e do magistério católicos. Nessa linha, a encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio*, sobre o desenvolvimento e progresso dos povos, é retomada em duas idéias-força: a de que a Igreja tende a promover o desenvolvimento do homem de maneira integral e que ela também possui o direito e o dever de sua manifestação pública diante dos Estados e da sociedade internacional.

Essas duas verdades refletem a dimensão transcendente da humanidade. O desenvolvimento integral do

homem abrange e acolhe a finalidade do encontro com Deus e sua dimensão além da matéria. Por isso, as atividades sociocaritativas da Igreja não podem se restringir a uma contribuição puramente social, mas devem aprofundar sua missão central, que é a revelação da salvação em Jesus Cristo.

Segundo a *Populorum Progressio*, o progresso é uma vocação do homem. Não há verdadeiro humanismo sem a abertura ao absoluto, estando fechado em si mesmo. O desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos. Nenhuma estrutura pode garantir esse desenvolvimento sem a livre adesão da pessoa. O homem não é meio de desenvolvimento, mas seu fundamento e objetivo. Apenas na liberdade o desenvolvimento pode ocorrer de forma plena.

Além de requerer a liberdade, o desenvolvimento também exige a verdade; daí poder-se dizer que o evangelho é essencial para o desenvolvimento. A verdadeira mensagem da *Populorum Progressio* é que se o desenvolvimento não for pleno e evangélico, não será verdadeiro desenvolvimento. O desenvolvimento integral do homem não se resume ao crescimento econômico. Ele visa também a diminuição das desigualdades sociais, a melhoria da qualidade de vida, e a promoção da riqueza cultural e moral para cada homem e para todos.

O subdesenvolvimento não tem causas apenas materiais. A sociedade globalizada nos torna vizinhos, mas não irmãos. A razão fundamenta a igualdade, mas não a fraternidade, pois esta só tem sentido se nos concebemos no horizonte de relacionamento com um Deus que é Pai de todos os povos e nações.

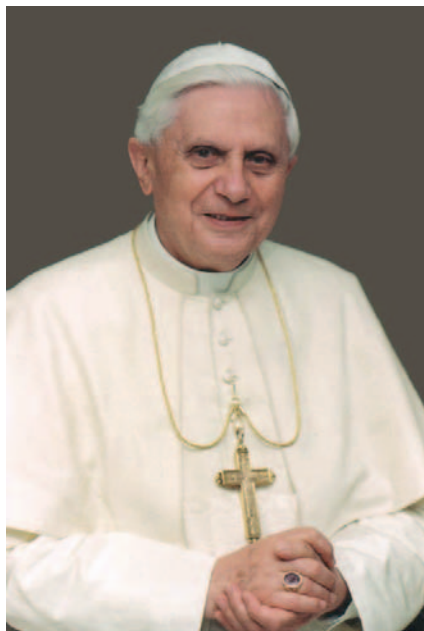
O desenvolvimento humano do nosso tempo

No segundo capítulo da encíclica, Bento XVI demonstra as diferenças contextuais entre o pontificado de Paulo VI e a contemporaneidade. O conceito

de desenvolvimento de Paulo VI significava a elaboração de um novo quadro que incluía o crescimento econômico, regime democrático e instituições sociais que buscassem reduzir as desigualdades sociais e a pobreza. No novo contexto, o lucro deve assumir sua função no bem comum e no desenvolvimento integral, havendo necessidade de uma nova síntese humanista, que reorganize a sociedade para seu pleno desenvolvimento

O quadro do desenvolvimento atual é policêntrico. No cenário internacional, as disparidades são gritantes e as fronteiras entre países ricos e pobres se tornam mais espessas e complexas. Há um consumismo desenfreado, de um lado, e uma pobreza miserável do outro. A diminuição das redes de segurança social e o esvaziamento das organizações sindicais geraram uma mobilidade laboral e uma instabilidade psicológica que afeta indivíduos e famílias. No plano cultural, há uma interação de culturas, possibilitando diálogo intercultural, porém existe um duplo perigo: o ecletismo cultural, que aniquila qualquer critério de verdade (relativismo cultural), e o nivelamento cultural pela mercantilização da cultura (homogeneização dos estilos de vida).

Nesse ponto, Bento XVI convoca ao desafio de alargar a razão, para que os saberes que se propõem a contribuir com o progresso humano realizem um diálogo profundo com a fé da Igreja, justamente porque as exigências do amor não contradizem a razão. Assim, Bento XVI afirma que a inteligência não vem antes do amor: devemos buscar um amor rico de inteligência e uma inteligência cheia de amor. Somente dessa forma conseguiremos responder com seriedade



Papa Bento XVI

e profundidade aos desafios que a sociedade contemporânea lança à Igreja e à humanidade.

Fraternidade, desenvolvimento econômico e sociedade civil

No terceiro capítulo da encíclica *Caritas in Veritate*, encontramos a apresentação da Doutrina Social da Igreja como fraternidade. A realidade de Deus como Pai da humanidade exige uma resposta de fraternidade universal que se manifeste nas relações sociais.

O desenvolvimento integral do ser humano exige o princípio de gratuidade como expressão

de fraternidade. No mundo contemporâneo, um espaço fundamental de encontro entre as pessoas é o mercado, que não deve ficar alheio a este princípio de fraternidade, parte integrante da Doutrina Social da Igreja. Dessa forma, não apenas a justiça comutativa (que responde aos ganhos e perdas de cada atividade econômica) deve operar, mas também devem estar presentes a justiça distributiva e a justiça social. Somente com esses laços de solidariedade e confiança recíproca o mercado consegue cumprir a própria função econômica.

A relação entre a lógica mercantil e o princípio do bem comum é necessária para o desenvolvimento. Não apenas o Estado deve se preocupar com o bem comum, mas também a função social do lucro deve garantir a perpetuidade do mercado. Da mesma forma a atividade econômica justa, que promova na sociedade a concepção, produção e circulação de bens e serviços, atividades que o mercado já realiza, deve ser protegida.

Ao retomar a encíclica *Centesimus annus*, de João Paulo II, Bento XVI destaca a necessidade de um sistema com três sujeitos: o mercado, o Estado e a sociedade civil. Apesar de ser na sociedade civil que podemos encontrar uma economia de gratuidade, também nos dois outros sujeitos isso pode e deve ser estimulado. As iniciativas de responsabilidade social, investimento social e sustentabilidade são formas de fomentar a economia de gratuidade nas empresas.

A concepção da empresa deve carregar em suas discussões a dimensão moral e social em sua atividade econômica. Também os investimentos sempre possuem significado moral, para além do econômico, e devemos evitar empregar os recursos financeiros apenas na especulação, esquecendo de cuidar da sustentabilidade da empresa, dos empregos e de seu serviço concreto para a economia real, como o de promover países em desenvolvimento.

O Estado também deve se ocupar em promover desenvolvimento econômico e as condições para o progresso empresarial, porém deve salvaguardar os princípios de bem comum e mesmo regulá-lo quando houver necessidade. A divisão estanque entre empresa e Estado não corresponde mais à realidade contemporânea e suas necessidades sociais.

Desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, ambiente

No quarto capítulo, Bento XVI discute como a noção de direitos e deveres interfere de forma concreta no desenvolvimento. Primeiramente, ressalta a ideia de nem tudo o que é reivindicado hoje é direito que promove a vida, mas ao contrário busca sua eliminação de forma sistemática, ao mesmo tempo em que aspectos do direito fundamental à vida são abolidos, negados e violados. Assim, a partilha dos deveres mobiliza e integra a sociedade de forma mais profunda que a reivindicação de direitos.

Um dos desdobramentos centrais da discussão

sobre o direito fundamental à vida diz respeito ao planejamento familiar. A questão do crescimento demográfico não pode ser vista como negativa. A família natural é o principal regulador da sociedade e da constituição da vida humana. O matrimônio fundado na relação de um homem com uma mulher é a célula vital de todo desenvolvimento, e deve ser protegido e ajudado.

Daí a concepção de ética e de fraternidade. Uma vez entendida a família como centro da sociedade, a economia também deve ser pautada pelas relações de reciprocidade e de fraternidade presentes na família. Exemplos de organizações pautadas em relações de reciprocidade e fraternidade, podem ser encontrados em entidades sem fins lucrativos. A divisão estanque entre organizações com finalidade de lucro e as empresas sem finalidade de lucro já não corresponde à realidade. A pluralidade dessas formas institucionais exige mais competitividade e mais solidariedade.

Estas novas formas organizacionais (que conservam a produtividade e a competitividade buscando preservar, ao mesmo tempo, as relações de fraternidade e reciprocidade) acabam por gerar princípios que se inserem na própria atividade econômica. Nestes casos, a centralidade da pessoa humana no processo de desenvolvimento econômico é mais facilmente proclamada, ao lado de um aperfeiçoamento na monitoração de resultados e de gestão da qualidade.

O relacionamento do homem com o ambiente natural é cada vez mais presente nas pautas empresariais. Nesse ponto, as questões da preservação da Terra para as futuras gerações, as problemáticas energéticas e o desenvolvimento nos países pobres exigem uma renovada solidariedade da comunidade internacional através de acordos, projetos e tratados que necessitam de uma governança responsável sobre a natureza.

Por fim, a verdade de como o homem lida com a natureza reflete como ele lida consigo próprio e com a humanidade. A revisão dos estilos de vida da humanidade diz respeito à Igreja, que promove a comunhão

e a contemplação com a Criação. Quando a ecologia humana é respeitada, também a ecologia ambiental se fortalece.

A colaboração da família humana

No quinto capítulo de *Caritas in Veritate*, é debatida a maior pobreza que o homem pode experimentar: a solidão. Ainda que pobreza material seja séria e desafiadora, não podemos esquecer que a origem da pobreza não é apenas econômica: ela também nasce do isolamento e do medo do homem. A recusa do amor de Deus, amor fundador de toda a humanidade, gera a quebra da reciprocidade e, por isso, a reclusão do homem a si próprio é a origem de todas as pobreza. Daí a necessidade de um aprofundamento comprometido com a categoria de relação. O homem é um ser relacional, e esta relação reflete sua condição de imagem de Deus. A criatura humana se realiza nas relações interpessoais, e somente com o auxílio das Ciências Sociais, da Metafísica e da Teologia esta criatura pode de fato perceber as relações transcendentais que se encontra a autêntica dignidade humana.

Assim, a reflexão sobre o desenvolvimento remete a uma dimensão da inclusão relacional de todas as pessoas e todos os povos numa única família humana. Essa realidade de solidariedade reflete o mistério revelado na Trindade, que afirma que a verdadeira abertura à relação não significa dispersão centrífuga, mas profunda unidade, como as experiências humanas de amor e verdade.

A dimensão metafísica do humano, na qual a categoria de relação é fundamental, é a base da revelação cristã, embora a presença da fraternidade seja uma realidade em diversas culturas e religiões. A manifestação da religião em esfera pública se torna necessária para o desenvolvimento, assim como no debate



racional, onde a fé pode ser purificada pela razão, e a razão ser iluminada pela fé. Neste diálogo público entre crentes e não crentes está uma possibilidade de desenvolvimento pleno.

O tema do desenvolvimento não se restringe apenas à dimensão econômica, mas deve englobar também as dimensões culturais, morais e tecnológicas, visando a cooperação internacional e a solidariedade entre os povos, instituições e grupos. A atenção aos países em desenvolvimento deve seguir o princípio da subsidiariedade, que colabora com sua emancipação e autonomia, resgatando a independência ao mesmo tempo em que permite o incentivo e o estímulo concretos para o desenvolvimento.

É preciso estimular as diversas formas de mobilização da sociedade civil em torno da colaboração da família humana, buscando garantir os direitos do trabalho e a proteção da família. As organizações sindicais dos trabalhadores, encorajadas e apoiadas pela Igreja, têm seu papel no desenvolvimento, assumindo a responsabilidade na discussão sobre consumo e cidadania, bem como atuando na área das finanças, através da oferta de microcréditos, na realização de investimentos sociais e na promoção da educação financeira.

O Papa também defende a necessidade de reforma da Organização das Nações Unidas, numa perspectiva de arquitetura econômica e financeira mundial, para a real concretização do conceito de família de nações. O desenvolvimento mundial exige uma autoridade global que possa ser gerida pelos princípios de solidariedade, subsidiariedade e bem comum, comprometida com o desenvolvimento integral da humanidade.

O desenvolvimento dos povos e a técnica

No sexto e último capítulo da encíclica, Bento XVI exorta a humanidade a promover o desenvolvimento verdadeiro, que não se pretenda origem da própria liberdade e que possa reconhecer a verdade de Deus presente no coração humano. De fato, para viver o bem, o ser humano necessita da liberdade, porém o bem é independente da liberdade humana. Quando o homem pretende ser a medida do bem e produtor de si mesmo, o orgulho torna-se um perigo real, assim como o perigo da humanidade entender desenvolvimento apenas como o progresso da técnica e da ciência, sem um reconhecimento da lei moral, que Deus escreveu no coração da humanidade.

Apesar de a técnica e o progresso tecnológico serem profundamente humanos (porque refletem a capacidade do espírito de domínio da matéria e a autonomia do homem diante da natureza), elas também podem escravizar a consciência, tornando-a materialista, numa embriaguez prometeica.

Daí que o verdadeiro desenvolvimento deve seguir a coerência moral e ser orientado para o bem comum. Seja o político, o empresário ou o cientista, todos devem reconsiderar os fins e os meios de sua respectiva atividade. O poder, o lucro ou a técnica não podem ser fins em si mesmos, mas meios para o desenvolvimento pleno da humanidade. Da mesma forma, os meios de comunicação social devem assumir sua responsabilidade, sem se submeter apenas aos cálculos econômicos e nem servir de veículo ideológico e político. A humanização dos meios de comunicação de massa acontece quando estes se tornam veículos do bem comum, da propagação dos valores justos e universais e das informações verdadeiras.

A área da bioética se torna um ponto fundamental no diálogo entre a técnica e a consciência moral sobre o valor da vida. A fé e a razão devem novamente estar em diálogo frequente, para que a razão não se perca na

ilusão de sua própria onipotência, nem a fé se distancie da vida concreta das pessoas. Temas como a fecundação *in vitro*, pesquisa sobre embriões, a possibilidade de clonagem, a hibridação humana e a eutanásia são pontos cruciais que servem à cultura de morte.

Por isso, o absolutismo da técnica reduz a capacidade de a razão perceber o que não se explica meramente pela matéria. O próprio ato de conhecer não é simplesmente material, porque o conhecido contém algo para além do dado empírico. Da mesma forma, o desenvolvimento do homem e dos povos também assume uma dimensão espiritual, de caminhada da humanidade, que a visão redutiva do materialismo e do tecnicismo não consegue perceber.

Conclusão

Na conclusão da encíclica, encontramos a constatação de que um humanismo sem Deus é um humanismo desumano. Isto porque é preciso que o desenvolvimento dos povos seja fundado na abertura de cada homem ao absoluto que é Deus e, portanto, à consciência moral e social da responsabilidade total pela família humana. As estruturas, as instituições, a cultura, o *ethos*, todos devem estar em relação com a transcendência e o amor de Deus, que nos convoca a sair de nós mesmos e ir em direção ao bem de todos.

O Papa termina a encíclica afirmando corajosamente que a contribuição dos cristãos é imprescindível para o desenvolvimento dos povos. A Igreja – e, portanto, também os fiéis leigos – tem o compromisso de lembrar a todos que a plenitude humana não se limita ao aspecto econômico, mas exige que sejam valorizadas também as dimensões morais, sociais e espirituais, que são parte essencial da vida do homem. Por isso, todo cristão é chamado a realizar sua missão na realidade social, uma vez que admitir a existência de Deus implica um compromisso com o desenvolvimento de cada homem e de toda a humanidade. □

MATTEO RICCI (1552-1610): UM CIENTISTA MISSIONÁRIO



24 de março de 1578: era primavera em Coimbra. Seis meses antes, o italiano Matteo Ricci, noviço da Companhia de Jesus, então com os primeiros votos professados, começava os estudos de Teologia naquela cidade e se preparava para zarpar, junto com 14 outros companheiros, no navio que, uma vez por ano, partia dali para a Índia. Um ano antes, havia solicitado, numa

carta de petição enviada ao Superior Geral da Companhia de Jesus, o Pe. Everardo Mercuriano (1514-1580), partir em missão para as Índias Orientais. Aconselhado pelo Pe. Alessandro Valignano (1539-1606), visitador das casas da Companhia no Oriente, Matteo Ricci, que contava com 25 anos de idade, decidiu então se arriscar a completar a missão que, 30 anos antes, seu confrade, o Pe. Francisco Xavier (1506-1552) e outros muitos que vieram depois dele não conseguiram terminar: levar o Cristianismo para a China.

O jovem maceratense, nascido no dia 6 de outubro de 1552, desde muito cedo mostrou seus dotes intelectuais: aos 16 anos de idade começou os estudos de Direito, no Colégio Romano (fundado por Inácio de Loyola, em 1551), tendo antes se destacado no colégio jesuíta de Macerata, sua cidade natal. Alguns anos mais tarde, abandonou o curso de Direito para ingressar no noviciado da Companhia de Jesus. Começava ali, em 1571, a aventura desse italiano de espírito tenaz e respeitoso, de cultura vasta e grande capacidade de comunicação. Aventura que só terminaria no dia 11 de maio de 1610, quando o Imperador Wanli (1563-1620), da Dinastia Ming, numa atitude sem precedentes em toda a história do império, autorizou o sepultamento de um estrangeiro na China.

Li Madou, o “Sábio do Ocidente”, é como ficou conhecido na China, ocupando um posto definitivo na história da cultura milenar daquele país. E, de fato, Matteo Ricci pode mesmo ser considerado um sábio, um daqueles exemplos de “homens enciclopédicos” do renascimento: um verdadeiro humanista, dotado de cultura filosófica, teológica e artística, com conhecimentos de ciências, especialmente, matemática, astronomia e geografia, que também sabia imprimir livros, consertar relógios e pêndulos, construir casas, arriscava-se na agricultura e que tinha amplos conhecimentos de religiões e Sagradas Escrituras. Sua capacidade de comunicação, seu conhecimento do mandarim e do Confucionismo, sua sabedoria e sua humildade, permitiram-lhe transitar da Corte Imperial de Beijing

RELIGIÃO E CULTURA

**Paulo Roberto de
Andrada Pacheco¹**

¹ *Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, estudioso de documentos antigos da Companhia de Jesus e professor do Centro Universitário Sant'Anna.*

RELIGIÃO E CULTURA

para as casas dos chineses mais simples com muita facilidade. Essa extraordinária capacidade era devida não apenas ao seu temperamento inato, mas também ao seu rigor e à educação que recebeu nos colégios da Companhia de Jesus – especialmente o Romano, berço, na época, das melhores mentes da Europa. Naquela época, os estudos ali conseguiam unir a filosofia e a teologia às mais importantes pesquisas no campo das ciências positivas. Com professores como o matemático e astrônomo Christopher Clavius (1538-1612), ou o filósofo e jurista Francisco Suarez (1548-1617), ou o teólogo Roberto Belarmino (1542-1621), e outros tantos nomes das ciências e da teologia, o Colégio Romano se destacava na Europa e lançava as bases para os conhecimentos teóricos e as aplicações técnicas de muito da ciência moderna (ver box).

Uma das características da antiga Companhia de Jesus (1540-1773) era o fato de grande parte de seus membros virem da academia, muitos inclusive dedicados às ciências. Não é de estranhar, visto a natureza e a missão da ordem: desde a conversão, Inácio de Loyola considerava a aquisição de conhecimentos tarefa bastante proveitosa para a salvação das almas. Destacava-se também o papel que, aos poucos, os jesuítas foram assumindo como educadores na Europa e no mundo, o que significou o progressivo uso pedagógico e científico da razão, do método e da eficiência. Outro fator decisivo para o desenvolvimento das ciências entre os jesuítas é a organização institucional da Companhia, que permitiu a criação de um sistema de cooperação e comunicação, essencial para o recolhimento e a troca de informações científicas. Mas, seguindo as mudanças do pensamento científico europeu do início do século XVII, a Companhia deu novos passos, com nomes como o do cientista alemão Athanasius Kircher (1602-1680), um dos grandes nomes da ciência entre os jesuítas no século XVII: professor no Colégio Romano, dedicou-se à matemática, astronomia, acústica, química, microscopia, medicina, linguística, geografia, música, óptica, magnetismo etc.

Tendo se instalado em Beijing apenas no ano de 1601, Matteo Ricci passou por várias cidades e inúmeras dificuldades, até ser acolhido pelo Imperador na Cidade Proibida e, desde então, ser por ele financiado. Os 18 anos passados em território chinês até o ano de sua acolhida pelo “Filho do Céu” foram marcados por muitas viagens – Zhaoqing (de 1583 a 1589), Shaozhou (de 1589 a 1594), Nanjing (1594), Nanchang (1595), Nanjing (de 1596 a 1598), Beijing (alguns meses de 1598), Nanjing (de 1598 a 1601) – nas quais fundava casas, enfrentava guerras, assaltos e prisão, trabalhava na tradução de obras do Ocidente (entre as quais o *De Amicitia* de Cícero), escrevia livros em mandarim, dedicava-se à edição de um dicionário, publicava mapas e administrava, como superior, a Missão Jesuíta da China.

Estabelecido em Beijing, Matteo Ricci pôde dedicar-se mais amplamente às ciências, especialmente à matemática, à cartografia e à geometria, traduzindo, junto com o amigo Xu Guangqi – a quem ensinou a arte da Memória¹ –, os *Elementos de Geometria*, de Euclides. Até a sua morte, escreveu outras quatro obras, reeditou o Mapa Mundi que imprimiu logo de sua chegada à China e deu início à obra histórica intitulada “Sobre a Entrada da Companhia de Jesus e do Cristianismo na China” (ao final do texto, apresentamos uma lista das obras do Pe. Matteo Ricci).

Ao longo de anos de amadurecimento, preparação cultural, estudo da língua, dos hábitos e dos costumes, e inculturação na realidade chinesa, Matteo Ricci foi entendendo qual a posição que deveria assumir diante daquele povo para ser mais bem aceito. Enquanto que, no início, quis ser identificado como um homem de religião, conformando-se aos hábitos e à condição social dos monges budistas, depois de um tempo, entendeu que deveria, na verdade, conformar-se a um estilo de vida próprio dos letrados. Essa mudança deveu-se, sobretudo, à sua percepção aguda do ambiente no qual emergiu totalmente – fazendo-se chinês com os chineses²: os monges viviam à margem da sociedade e o Cristianismo não era algo para ser vivido às escondidas,

¹ Cf. YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas: UNICAMP, 2007.

² Numa carta que o Padre Michele Ruggieri, seu companheiro de missão na China, escreveu a um amigo italiano, ele dizia: “... siamo fatti Cini: ut Christo Sinas lucrificamus” (“fizemo-nos chineses – para vencer a China para Cristo”).

a fé religiosa não deveria levar a uma fuga da sociedade, mas a um empenho com o mundo, *ad maiorem Dei gloriam* – para a maior glória de Deus.

Dedicando-se, então, às ciências e às artes – sem prescindir da preocupação missionária³ –, conhecendo o espírito do povo chinês, Padre Ricci conquistou, pouco a pouco, um espaço de respeitabilidade que deixou uma marca indelével naquela cultura (até hoje – 400 anos depois –, é conhecido e respeitado pelos chineses):

Padre Ricci, quis, antes de tudo, abrir aos chineses uma via sólida para melhorar seus esforços de progresso científico, e com verdadeira coragem traduziu para o mandarim a geometria de Euclides. Tratava-se de uma contribuição preciosa oferecida pelo Ocidente ao mundo chinês. Mas, obviamente, o mace-ratense mirava também outros objetivos, perseguidos sempre com profundo respeito pelos seus interlocutores. Ao falar do Evangelho, ele soube encontrar o modo culturalmente mais apropriado para quem o escutava. Iniciava com a discussão de temas caros ao povo chinês, isto é, a moralidade e as regras da vida social, segundo a tradição do confucionismo, onde, inclusive, reconhecia com simpatia os grandes valores humanos e éticos. Em seguida, introduzia de modo discreto e indireto o ponto de vista cristão dos vários problemas; e assim, sem querer se impor, acabava levando muitos dos ouvintes ao conhecimento explícito e ao culto autêntico de Deus, Sumo Bem⁴.

Seu empenho acabou por construir uma ponte de diálogo entre a Europa e a China, significando um primeiro e profícuo intercâmbio entre culturas. Um intercâmbio que, hoje em dia, mostra-se cada vez mais

fundamental, dada a crescente importância da China no cenário internacional. De fato, foi a competência dos jesuítas em algumas ciências de seu tempo, como a matemática e a astronomia, o que lhes permitiu o reconhecimento e a consideração por parte dos intelectuais chineses, e que lhes abriu as portas do Império. Por isso, ainda que a ciência tenha sido uma ferramenta para conseguir seu verdadeiro objetivo de caráter evangelizador, hoje em dia, o aspecto mais estudado da história dos jesuítas na China é, justamente, seu trabalho científico⁵. O Padre Matteo Ricci, 400 anos depois, ainda nos ensina como devemos nos aproximar de um povo

de cultura milenar, como o chinês: respeito, capacidade de diálogo, liberdade intelectual, amizade, generosidade. Foram essas virtudes que impressionaram o Imperador Wanli até o ponto de desejar que o jesuíta se instalasse em Beijing sob seu patrocínio.



Mapa-múndi elaborado por Matteo Ricci na China (Milano, Biblioteca Ambrosiana)

Em 1608, o padre Ricci descreveu, em uma carta enviada para a Itália, os frutos que começava a ver desse empenho árduo de quase três décadas:

Eu ainda me encontro na Corte de Beijing há oito anos desde que cheguei, e estou bem ocupado, e aqui penso acabar minha vida, pois assim deseja este rei. Muitos se tornaram cristãos em quatro casas que temos em quatro lugares principais do reino: e muitos vêm às Missas e se confessam e comungam nas festas principais, e ouvem com grande gosto a palavra de Deus, com o que se tem grandes frutos. Mas muito mais com os livros que se imprimem e língua chinesa, e neste ano imprimiu-se um, que foi muito aceito, e foi reimpresso em duas ou três outras províncias.

Passados mais de 1300 anos desde a chegada dos primeiros cristãos à China⁶, hoje este país conta com

³ Na verdade, o dualismo entre missão evangelizadora e preocupação científica não existia, assim como não existia o dualismo moderno entre fé e razão.

⁴ JOÃO PAULO II. Discurso di Giovanni Paolo II ai partecipanti al convegno di studi nel IV Centenario dell'Arrivo di Matteo Ricci. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982.

⁵ Acerca da importância dos jesuítas, e especialmente do Pe. Matteo Ricci, para o desenvolvimento científico na China, cf.: CERVERA, J. A. Ciencia misionera en Oriente. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2001, ENGELFRIET, P. Euclid in China. Leiden: Brill, 1998 e D'ELIA, P. M. L'apport scientifique du Père Matthieu Ricci à la Chine. Tianjin: Hautes Études, 1934, entre outros.

⁶ Em 635, durante a Dinastia Tang, o bispo persa Alopen, que guiava uma delegação de Bagdá, foi recebido pelo Imperador Taizong. E, em 638, o Imperador Tchong-Kuan autorizou a difusão do Cristianismo no Império.

RELIGIÃO E CULTURA

uma presença de mais de 12 milhões de cristãos que vivem sob a perseguição do regime comunista. No dia 27 de maio de 2007, o Papa Bento XVI, em uma carta enviada aos cristãos da China, escreveu:

Estou ciente de que a normalização das relações com a República Popular da China requer tempo e pressupõe a boa vontade de ambas as partes. Do seu lado, a Santa Sé permanece aberta a negociações, necessárias para superar o difícil momento atual. De fato, esta situação carregada de mal entendidos e incompreensões não favorece as Autoridades chinesas nem a Igreja católica na China. Como declarou o Papa João Paulo II, recordando aquilo que o Padre Matteo Ricci escrevia de Beijing, “também a Igreja católica de hoje não pede à China e às suas Autoridades políticas privilégio algum, mas unicamente a possibilidade de retomar o diálogo, a fim de alcançar uma relação tecida de respeito recíproco e de profundo conhecimento”. Que a China o saiba: a Igreja católica tem o vivo propósito de oferecer, uma vez mais, um serviço humilde e desinteressado, naquilo que lhe diz respeito, para o bem dos católicos chineses e para o de todos os habitantes do País⁷.

Não podemos, finalmente, nos esquecer de que este diálogo é fundamental se considerarmos que, nos últimos anos, a China tem passado por inúmeras mudanças que vêm ajudando este país a consolidar sua presença no cenário internacional, tornando-se uma das maiores e mais promissoras potências econômicas do mundo.

Ao mesmo tempo ela enfrenta múltiplos problemas internos, como a corrupção, o desemprego crescente, e a difusão de uma ideologia caracterizada pelo mero pragmatismo econômico. Neste contexto, o incremento das relações entre o estado do Vaticano e o Estado chinês poderia se dar por meio de um intercâmbio cultural que colocasse em evidência os valores humanos presentes na tradição histórica destes dois estados⁸.

Valores estes que Padre Matteo Ricci, o cientista missionário, soube comunicar e encontrou, no povo chinês, um interlocutor à altura. □

OBRAS DO PE. MATTEO RICCI, SJ

O Pe. Matteo Ricci, S.J., publicou, ao longo de sua vida na China, as seguintes obras:

- *Explicação dos dez mandamentos*, Shiuhing, 1584;
- *Verdadeira Noção de Deus*, Nam-cheung, 1595 (reimpresso em Macao e traduzido para o coreano, o japonês e o francês);
- *Tratado sobre Amizade*, Nam-cheung, 1595 (traduzida também em italiano e publicada em Macerata, no ano de 1885);
- *Vinte e cinco sentenças que contêm a essência moral cristã*, Beijing, 1604;
- *Tetrabiblion Sinense de moribus*, publicado na Itália no ano de 1593 (tradução do Sishu, obra clássica chinesa, para o latim);
- *Dez sentenças paradoxais*, Beijing, 1608;
- *Disputas contra seitas da idolatria*, Beijing, 1609;
- *Vantagens do jejum e Nove virtudes necessárias aos sacerdotes que querem* (dois opúsculos em um volume);
- *Mapa Mundi*, 1584 (que depois foi reimpresso em Beijing);
- *Método de aprender de cor*, Nanjing, 1595;
- *Comentário sobre os quatro elementos do Mundo*, 6 vols., Beijing, 1598;
- *Desenvolvimento da esfera celeste*, 2 vols., Beijing, 1607;
- *Annuae literae a Sinisannis*, 1591, 1605 e 1607, e 1611; além de outras cartas.

⁷ BENTO XVI. *Carta do Santo Padre Bento XVI aos bispos, aos presbíteros, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos da Igreja Católica na República Popular da China*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

⁸ CARLETTI, A. *China e Vaticano*. In: FONDAZIONE CASSAMARCA. (Org.). *Colóquio Internacional O Humanismo Latino e as culturas do Extremo Oriente*. Treviso: Fondazione Cassamarca, 2006, v. 1, p. 321.

MEMÓRIA: OS MÁRTIRES DE EL SALVADOR



Vinte anos não foram suficientes para apagar da memória o terrível assassinato de seis padres jesuítas, juntamente com a funcionária de sua residência e sua filha de 15 anos, no dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador.

Na madrugada daquela quinta-feira, paramilitares do Batalhão Atlacatl do Exército salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas e executaram os sacer-

dotes espanhóis Ignacio Ellacuría, então reitor da UCA, Ignacio Martín Baró, Segundo Montes, Amando López, Juan Ramón Moreno, além do sacerdote salvadorenho Joaquín López, a funcionária da residência dos jesuítas Elba Montes, e sua filha de 15 anos, Celina.

A ação deu sequência ao assassinato de outro jesuíta, Pe. Rutilo Grande, amigo próximo de Dom Óscar Arnulfo Romero, arcebispo da capital, San Salvador, que também havia sido fuzilado enquanto celebrava a missa.

Ao completar 20 anos em novembro de 2009, o brutal homicídio ocorrido na UCA foi lembrado em diversas partes do mundo. Apenas agora o governo salvadorenho reconheceu o crime, mas a maioria dos assassinos continua em liberdade.

Apresentamos trechos das entrevistas de Héctor Samour para Patrícia Fachin publicada pelo Instituto Humanitas, Unisinos, com tradução de Benno Dischinger.

Vinte anos após a morte de Ignacio Ellacuría e seus companheiros, como avalia seu legado? Quais são, em sua opinião, as principais conquistas que Ellacuría produziu para a sociedade e a Igreja salvadorenha?

Héctor Samour: Os mártires da UCA converteram-se para muitos de nós em exemplo, causa de ânimo e esperança e, inclusive, motivo de celebração. Além disso, conseguiram, com sua morte, que o processo de paz de El Salvador se acelerasse, contribuindo para salvar um grande número de vidas.

No caso de Ellacuría, sua contribuição foi fundamental para propiciar o diálogo-negociação entre as partes em confronto no conflito armado de El Salvador e para encerrá-lo de forma racional e justa. Sua crítica às raízes do conflito, sua denúncia da repressão dos militares e da falta de liberdades no contexto de uma sociedade desgarrada como a salvadorenha, converteu-se num elemento fundamental na defesa dos direitos humanos dos fracos e excluídos.

Para a Igreja salvadorenha, a contribuição de Ellacuría pode ser resumida em duas frases: profecia e utopia. Profecia enquanto denúncia de tudo aquilo que nega os

¹ Héctor Samour é doutor em Filosofia pela Universidad Centroamericana José Simeón Cañas de El Salvador (UCA), onde coordena o Programa de Pós-doutorado em Filosofia. Foi professor visitante do Swarthmore College (EUA) e da Universidad de Granada (Espanha).

valores de reino de Deus, e utopia enquanto anúncio de uma nova sociedade e de uma nova civilização que tornem possível uma presença maior de Deus na história.

Os sonhos de Ellacuría em relação à justiça social ganharam perspectiva em El Salvador? Em que sentido o martírio dos seis jesuítas e das duas mulheres suscitou a busca por melhores condições de vida para o povo salvadorenho?

Héctor Samour: Se olharmos em retrospectiva tudo que sucedeu em El Salvador desde a assinatura dos acordos de paz de 1992, pode-se avaliar que muito do que Ellacuría e seus companheiros mártires promoviam em suas análises e em suas ações, como a superação do militarismo, a promoção da democracia e o respeito dos direitos humanos, teve concreções importantes. As maiores conquistas nas últimas décadas em El Salvador se deram em nível político: retirada dos militares da vida política, pluralismo político, respeito dos direitos civis e políticos, especialmente da liberdade de expressão e de reunião. Certamente ficam pendentes os problemas sociais e econômicos, especialmente a pobreza e a exclusão de grandes segmentos da população, e a desigualdade social e econômica, que são fatores importantes que incidem diretamente na conflitividade e violência social que se observa atualmente na sociedade salvadorenha.

Muito do que os mártires jesuítas promoviam com sua práxis e seu pensamento influenciou no desenvolvimento social e político em El Salvador, começando com a assinatura dos acordos de paz e o subsequente processo de democratização que se abriu a partir da década dos anos noventa. Não há agora melhores condições de vida do ponto de vista social e econômico, porém, ao nível político sim.

Qual é a importância dos mártires para a Igreja latino-americana?

Héctor Samour: Os mártires continuam sendo um exemplo do que é ser uma Igreja encarnada na história concreta de um povo, buscando realizar os valores do reino em sociedades divididas e contrapostas a partir

da opção pelos pobres e excluídos. Sua proposta de um cristianismo libertador continua sendo vigente em sociedades pobres como as nossas e que necessitam urgentemente de mudanças fundamentais para poder construir uma convivência social justa, democrática e ambientalmente sustentável.

Como a experiência de Ignacio Ellacuría ajuda a pensar a criação de uma civilização melhor em termos humanos e libertadores?

Héctor Samour: Ignacio Ellacuría, há vinte anos, assinalou algo que agora se torna mais evidente: que a atual civilização do capital, a civilização ocidental, não é ética, porque não é universalizável. Sua universalização acarretaria uma catástrofe ambiental de proporções inimagináveis. Trata-se de uma civilização que está levando a humanidade e o planeta à sua destruição. Por isso é necessário, dizia ele, reverter a história, subvertê-la e lançá-la em outra direção. Ou seja, para uma nova civilização que ele chamou uma civilização da pobreza na qual a primazia não tenha o capital senão o trabalho humanizador e na qual se torne possível a satisfação das necessidades básicas para todos e o respeito e a preservação da diversidade cultural do planeta que hoje está sendo esmagada pela globalização da cultura popular norteamericana.

Qual é a atualidade de Ignacio Ellacuría no debate filosófico contemporâneo?

Héctor Samour: Em Ellacuría, encontramos uma proposta filosófica que, sendo crítica da modernidade, não cai nas posturas conservadoras das filosofias pós-modernistas. Ele propõe enraizar a reflexão filosófica na e a partir da práxis histórica, tratando de pôr no centro da reflexão filosófica os graves problemas de que padecem as maiorias da humanidade. Neste sentido, para ele, a tarefa da filosofia é dupla: de crítica e de criação. De crítica às ideologias e ideologizações que encobrem a realidade, e de criação e de proposta de soluções aos graves problemas da realidade histórica, sobretudo daqueles que afetam as maiorias populares e os povos oprimidos. □

CRISTIANISMO PURO E SIMPLES, de C. S. LEWIS

RELIGIÃO E
CULTURA

Mere christianity data de 1942-44 e, na sua forma definitiva, de 1952. No Brasil foi publicado recentemente pela editora Martins Fontes, com o título *Cristianismo puro e simples* (2005). É uma das obras centrais e mais populares de C. S. Lewis, o autor que ficou conhecido entre nós pelos famosos contos alegóricos infanto-juvenis as *Crônicas de Nárnia*, de grande sucesso. Muitos outros textos importantes de Lewis ganharam edição brasileira, mas de fato é de comemorar entre nós o aparecimento de *Mero Cristianismo*.

Mais do que nunca, como quando a obra foi publicada na Inglaterra dilacerada por duas guerras e desanimada na fé, aqui também conhecemos hoje um esfriamento do coração humano só comparável ao abatimento diante da dor ou da perda dos ideais. Talvez não reconheçamos tal estado, pois nos dizemos cristãos e, portanto, achamos que seria exagero colocar as coisas dessa forma. No entanto, essa profissão de fé hoje é mais nominal do que real e, na grande maioria, somos como os homens modernos descristianizados, aos quais Lewis buscou levar as luzes do entendimento que, em primeiro lugar, havia conquistado para si mesmo. O brilhante professor de Oxford debateu-se bravamente para encontrar as profundezas do mistério da existência e, ateu professo, sairia da luta um homem novo, a quem a razão havia mostrado o passo necessário para aderir à fé. A força singular do seu livro nasce daí. É um relato pessoal e bastante honesto da descoberta de Deus, descrito por aquele que foi um dos espíritos mais brilhantes, cultos e verdadeiros do século XX.

Mais do que questões apoloéticas de exposição da doutrina cristã, os temas que o livro apresenta são as



diversas questões que se colocam ao pensamento quando este é capaz de perceber a existência de Deus. Sua formulação genial (e irrefutável) da demonstração da existência de Deus pela via da Lei Natural é das páginas mais admiráveis do livro, mas é só o começo: Lewis é capaz de nos fazer entender de novo a transcendência de Deus, a realidade da Encarnação e muitos pontos da moral cristã de difícil compreensão para quem busca hoje uma prática da fé apoiada apenas na mera opinião. Ao buscar a demonstração lógica e a coerência das ideias, Lewis usa imagens familiares a todos, inclusive ao leitor não cristão, criando um modo de exposição renovador e que serve de verdadeiro apoio para a inteligência alcançar as ideias que apresenta.

Ao olhar para além das questões de doutrina e se preocupar mais em apresentar no que os cristãos realmente creem, Lewis encontra uma maneira de falar a todos, mas principalmente àqueles a quem a confusão e correria dos tempos atuais não permitem mais sequer entender o que é o Cristianismo – e muito menos vislumbrar sua finalidade e promessa.

O Cristianismo que Lewis nos apresenta em seu despretenso livro é necessário hoje, pois, dirigindo-se àqueles que ainda não encontraram a pessoa de Jesus Cristo, ele faz ver que não se trata apenas de uma ideia, de aderir a uma fé, mas de tocar o fato cristão acontecido e, ainda hoje, percebê-lo como real – o que, aliás, diga-se de passagem, é preciso reafirmar também aos que professam uma fé apenas nominal. A leitura de C. S. Lewis modifica nossa visão e, com isso, alarga o nosso coração para a aceitação do extraordinário fato de que Deus se fez presente entre nós. Sua leitura é obrigatória e o livro está em nossa biblioteca. Mãos à obra! □

Henriete Aparecida
da Fonseca ¹

¹ Graduada em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestre em Ciências da Comunicação pela USP e professora do Centro Universitário da FEI.

Rafael Mahfoud
Marcoccia¹



Congresso Nacional, Brasília, DF. (Mario Roberto Duran Ortiz)

UMA PROPOSTA PARA VIVER A POLÍTICA

Em outubro próximo estaremos diante de mais uma eleição para presidente, governador, senador e deputado – estadual e federal. Desejamos ajudar a compreender os critérios oferecidos pela Igreja Católica para escolher os candidatos e para viver o momento das eleições de modo positivo e construtivo.

Por um lado, há um progresso nos indicadores sociais e econômicos; por outro, há uma percepção real de que as dificuldades da vida cotidiana estão se tornando mais pesadas. A crescente violência, o desemprego, a educação precária dos filhos, atingem um número cada vez maior de pessoas e famílias. Além disso, estamos diante de um desastre ético e da decomposição da vida política.

A sociedade brasileira vive um desencanto com a

vida política. Por toda parte se ouve que os políticos são mesmo corruptos, que não vale a pena participar da vida política do país, que o melhor é cada um cuidar de si, que o Estado deve cuidar de tudo, apesar de geralmente não cuidar bem de quase nada. Esse desencanto não é uma sadia compreensão dos limites da política. Pelo contrário, é um sinal da perda de esperança na possibilidade de se encontrar algo de novo na vida, de uma experiência que valha a pena ser vivida e que nos lance – de forma positiva – na aventura da realização de nossa humanidade.

A consequência é que muitas vezes somos tentados a achar que a política não é para nós — pessoas comuns —, mas apenas para os políticos “profissionais”. Várias vezes acreditamos ser nosso voto apenas uma obrigação, que pouco ou nada adianta.

¹ Mestre e doutorando em Ciências Políticas pela PUC-SP e professor do Centro Universitário da FEI.

Felizmente não é verdade. A postura política não passa apenas pelos que são eleitos, mas pela atitude de cada um de nós que precisa se educar a fazer da vida serviço ao outro. Se não nos interessarmos pela política, ela acaba sendo usada por pessoas que não se preocupam com o bem comum e sim com seus interesses particulares, o que inevitavelmente gera corrupção.

É preciso, portanto, retomar o verdadeiro significado da política: entendê-la como uma das formas mais eficazes de interferirmos na realidade e construirmos uma nova sociedade.

O filósofo italiano Luigi Giussani afirma em seu livro *O Eu, o poder, as obras* que a *"a política só pode ter como preocupação fundamental o homem (...) e o que determina o homem é aquele elemento dinâmico que, por meio das perguntas, das exigências fundamentais com que se exprime, guia a expressão pessoal e social do homem"* (p.161).

No impacto com a realidade é natural que surjam as perguntas – por que existe a injustiça? Por que existe a desigualdade? Por que muitos têm tantas coisas e outros têm tão pouco? Por que existe o mal? Ao mesmo tempo, também é interessante notar que quando nascem essas perguntas vêm juntas exigências: exigência de justiça, a exigência de bem, de bem comum (para todo mundo), o desejo de amor, o desejo de beleza, o desejo de paz.

Diante da realidade nascem essas perguntas e essas exigências, esses desejos, que são o que nos guiam e nos fazem tentar responder às circunstâncias que aparecem diante da realidade.

Giussani em outro momento descreve:

O desejo é como uma fagulha com a qual se acende o motor. Todos os movimentos humanos nascem desse fenômeno, desse dinamismo constitutivo do homem. O desejo acende o motor do homem e então ele se põe a buscar o pão e a água, se põe a buscar o trabalho, põe-se a buscar uma poltrona mais cômoda e uma morada mais decente, interessa-se por saber como é que alguns têm tanto e outros não têm nada. É interessante que a partir daí, dessas perguntas, dessas exigências a pessoa se torna

sujeito ativo e verdadeiro da história. (p. 169)

Quer dizer, quando nascem essas perguntas e elas são levadas em conta, o homem se movimenta para tentar responder a essa realidade. E a política deve manter vivo o desejo original do homem, do qual brotam desejos e valores que tornam a pessoa sujeito verdadeiro e ativo da história.

É a política partindo da pessoa, e não de uma ideia pré-concebida, não de uma ideia ou de um plano que se tem e se aplica; uma forma de ver política de acordo com a realidade, de acordo com as circunstâncias que se apresentam, partindo da pessoa: eu olho para as minhas exigências, olho para as perguntas que surgem em mim no impacto com a realidade e tento respondê-las de acordo com a minha criatividade. A política deve servir a isso. E essa dinâmica está no nível pessoal, mas também está no nível comunitário, no nível social até chegar às relações políticas, à sociedade e ao Estado.

A política não se fundamenta no individualismo atomizante, e sim na natureza social do homem, que o leva a associar-se espontaneamente para realizar seus objetivos, o que não conseguiria sozinho.

Como diz Giussani:

Um homem tem um desejo e busca satisfazê-lo. Outros homens, sentindo o mesmo desejo, buscam satisfazê-lo e compreendem que se reunindo, satisfazem cada um o próprio desejo de modo mais fácil e muito melhor. Quanto mais se dá liberdade à criação das comunidades intermediárias e quanto mais o poder se dá conta do seu serviço, mais feliz será a humanidade. (p. 171)

Pluralismo Social

Em uma sociedade, as pessoas se organizam em grupos e movimentos dentro de um contexto de comunhão e afinidades, para responder às suas necessidades mais profundas e às exigências originárias de cada pessoa. Esses grupos e movimentos são o fenômeno chamado costumeiramente de "associações intermediárias", que vivem diretamente a experiência

DESAFIOS MODERNOS

da solidariedade e do bem comum, criando iniciativas e obras para responder a essas necessidades. São inúmeros exemplos, tais como: centros de acolhida para pessoas em situações críticas, creches, centros de reforço escolar, centros de formação profissional, escolas, hospitais filantrópicos, cooperativas de microcrédito, cooperativas de trabalho, empresas, atividades de assistência a idosos, centros comunitários, centros para distribuição de alimentos e bens de primeira necessidade. São presenças capilares no tecido da nossa sociedade.

Tais iniciativas são fundamentais para manter vivo o dinamismo social, uma vez que o movimento que as gera está ligado às circunstâncias concretas da vida e, portanto, estará sempre aberto a reformulações, mudando, corrigindo e renovando a forma de sua resposta.

Essas associações e grupos intermediários intercalam-se entre o indivíduo isolado e o Estado, constituindo uma garantia da comunidade contra a redução individualista e contra o poder estatal. A vida social move-se em círculos concêntricos indestrutíveis: primeiro, o círculo da pessoa individual, circundado pelo da família; depois, o círculo das livres e autônomas atividades sociais das pessoas, em sua vida cultural e econômica; e então, abraçando-as e proporcionando paz, justiça e ordem entre eles, o Estado.

A sociedade é a multidão dos indivíduos e das famílias, das inumeráveis e variadas associações. Aham-se todos ligados entre si por sua livre iniciativa, são dirigidos por seus fins e interesses particulares, no esforço cotidiano pelo melhoramento individual e social, pela cooperação econômica e pelo progresso social; sempre em solidariedade de ações e objetivos, para atingirem o bem de todos.

Uma sociedade pluralista reconhece às associações e obras um grande raio de ação. O Estado encontra-se a serviço do bem comum, que é ajuda para que os membros da comunidade se desenvolvam sob sua própria responsabilidade e autodeterminação.

A maioria dessas realidades sociais tem uma preo-

cupação educativa com as pessoas com as quais se relaciona e, por isto, torna-se ponto de referência na sociedade. Ao responder às necessidades específicas, sua ação é voltada para a pessoa em sua totalidade, realizando uma formação humanizadora diante da crescente decadência individual, familiar e social. Essa riqueza não depende, exclusivamente, da ação de quem “faz política”, mas daquelas realidades sociais que vivem uma estima sincera para com o outro, em qualquer situação este se encontre, uma estima que o torna mais livre e responsável diante das próprias circunstâncias da vida. São experiências de solidariedade e gratuidade, necessárias para a realização de cada pessoa e para a construção do verdadeiro tecido social. Isso é construção política!

Os problemas de desenvolvimento do Brasil estão diretamente vinculados à possibilidade das pessoas se associarem e efetivarem experiências concretas para enfrentar toda ordem de problemas da vida e de necessidades cotidianas. Um governo que pretende definir as necessidades do indivíduo e da sociedade acaba substituindo a iniciativa destes pela ação de aparatos burocráticos, ineficientes e dispendiosos. Torna-se, assim, inimigo da educação a uma verdadeira liberdade e criatividade – únicas possibilidades para a responsabilidade pessoal e coletiva.

Doutrina Social da Igreja

Partindo da experiência humana, a Igreja Católica propõe uma resposta abrangente, que contemple todas as dimensões da pessoa humana e que, por isso, valem para todos indiscriminadamente. Através da sua Doutrina Social, nos convida a participar da vida política de nossa comunidade, Estado, País. Esse convite gira em torno de alguns valores e princípios fundamentais e gerais, permanentes e universais, e que constituem a espinha dorsal da sua proposta para a sociedade e a política.

Os princípios são: antes de tudo, o primado da pessoa humana com sua dignidade transcendente

(princípio personalista); em seguida, o princípio de solidariedade, entendida como comunhão fraterna para o bem de todos; em terceiro lugar, o princípio de subsidiariedade, que prioriza a participação das associações intermediárias para a resolução de seus próprios problemas e sugere que tudo aquilo que pode ser realizado por elas deve ser incentivado e incrementado pelo Estado, deixando para a administração pública somente aquilo que a sociedade não é capaz de resolver, e a fiscalização das atividades sociais.

1. Princípio Personalista

João XXIII, na Encíclica *Pacem in terris*, descreve a função desse princípio personalista: “Em uma convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e de vontade livre. Por essa razão, possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria natureza. Trata-se por conseguinte, de direitos e deveres universais, invioláveis, inalienáveis.” (n. 9)

Isso significa afirmar que o Estado é posterior ao homem, ou seja, significa realmente aceitar que no centro do sistema está a pessoa humana com os seus direitos e seus deveres, a começar pelo direito à vida, que é a base de todas as liberdades fundamentais do homem: a liberdade de pensamento e de consciência, de educação e de associação, inclusive o direito ao trabalho e todos os outros direitos civis.

Hannah Arendt, em seu clássico *A condição humana*, reitera a singularidade e o protagonismo da pessoa numa abordagem sócio-política: “O erro básico de todo materialismo político (...) é ignorar a inevitabilidade com que os homens se revelam como sujeitos, como pessoas distintas e singulares, mesmo quando empenhados em alcançar um objetivo completamente material e mundano” (p. 196). E conclui que há grande risco em reduzir a pessoa ao homem-político, a um ser que possui existência enquanto cidadão em relação a um Estado.

Em *Por uma civilização do amor*, Bartolomeo Sorge sugere que tanto o Estado como a sociedade deverão buscar o bem comum, subordinando-o sempre à plena realização da pessoa. Portanto, a sociedade e o Estado podem dispor da atividade da pessoa para a consecução das metas comuns, mas jamais podem dispor da própria pessoa, nem da vida do homem, pois esta é o fundamento de todos os outros direitos. Por isso, os limites morais e jurídicos que daí derivam não prejudicam nem os poderes públicos, nem o desenvolvimento, nem o progresso da pesquisa científica, mas são simplesmente garantia de civilização. De fato, a pessoa humana tem em si valor de fim e jamais poderá, em qualquer caso e por qualquer razão, ser considerada e tratada como um empecilho.

É necessário, então, que se ajude a eleger pessoas que defendem a vida e o bem comum, que reconhecem o valor das pessoas desde o momento da concepção até o último instante da vida, ou seja, que tenham posições claras contra o aborto, as pesquisas com embriões humanos e a eutanásia.

2. Princípio de Solidariedade

A primazia absoluta da pessoa humana não contrapõe o indivíduo à sociedade; ao contrário, vislumbra no indivíduo o próprio fundamento da sociabilidade. Isto é, a sociedade nasce da pessoa; é uma resultante dela. De fato, a pessoa existe e se realiza sempre em sociedade; o homem é um ser ao mesmo tempo individual e social.

Por isso, o Concílio Vaticano II conclui:

A natureza social do homem torna claro que o processo da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Com efeito, a pessoa humana, uma vez que por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais. Não sendo portanto a vida social algo de acrescentado ao homem, este cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de responder à própria vocação, graças ao contato com os demais, o mútuo

DESAFIOS MODERNOS

serviço e o diálogo com seus irmãos (n.25).

Da intrínseca sociabilidade da pessoa surge o princípio de solidariedade. A prática da solidariedade no interior de cada sociedade é válida quando os seus membros se reconhecem uns aos outros como pessoas. Aqueles que têm mais, dispondo de uma parte maior de bens e de serviços comuns, devem ser responsáveis pelos mais fracos e estar dispostos a compartilhar com eles o que possuem. Por seu lado, os mais fracos, na mesma linha de solidariedade, não devem adotar um atitude meramente passiva ou destrutiva do tecido social; mas, embora defendendo os seus direitos legítimos, fazer o que lhes compete para o bem de todos. Os grupos da sociedade, por sua vez, não deveriam insistir egoísticamente nos seus próprios interesses, mas respeitar os interesses dos outros.

Desse princípio de solidariedade também derivam para a ação social e a política alguns importantes critérios de julgamento. O Concílio nos relembra especialmente três: “satisfazam-se as exigências, em primeiro lugar, as exigências da justiça, para que não se dê como caridade o que já é devido a título de justiça”; em segundo lugar, “eliminem-se as causas (estruturais) dos males, não só os efeitos”; finalmente, “seja encaminhada a ajuda de tal maneira que, os que a recebem, pouco a pouco se libertem da dependência externa e se tornem auto-suficientes.” (n. 8).

3. Princípio de Subsidiariedade

Por fim, a Doutrina Social da Igreja nos apresenta o princípio de subsidiariedade, que vem equilibrar a liberdade, detendo o indevido intervencionismo estatal em áreas próprias da sociedade, e convocando o Estado a ajudar, promover, coordenar, controlar e suprir a atividade do pluralismo social. O princípio busca a valorização da sociedade e tem como pressupostos, além da liberdade, a iniciativa e a responsabilidade dos indivíduos e dos grupos no exercício de seus direitos e obrigações. Esse princípio tenta estabelecer uma relação equilibrada

entre o Estado e os cidadãos, visando ao atendimento das demandas sociais de modo mais eficiente, observando sempre os valores e vontades da sociedade.

Subsidiariedade significa *ajuda* ou *socorro*, e sugere que tudo aquilo que pode ser realizado pela sociedade deve ser incentivado e incrementado pelo poder público, deixando para o governo somente aquilo que a sociedade não é capaz de resolver, e a fiscalização das atividades sociais. Prioriza a organização das pessoas para a resolução de seus próprios problemas (habitação, saúde, educação etc), estabelecendo parcerias com os governos e outras entidades, ao invés de apostar na intervenção exclusiva do Estado.

Deste modo, temos a afirmação do valor da pessoa, da sua criatividade e da sua capacidade de gerar obras sociais ou lucrativas que enfrentam a realidade concreta do cotidiano, dando respostas às necessidades encontradas.

As propostas concretas que nascem das associações intermediárias influenciam de maneira determinante as circunstâncias da vida social de um povo e de uma nação. De fato, a presença dessas associações é fundamental para que se mantenham vivas a identidade e a criatividade popular. A experiência acumulada das organizações sociais deve ser utilizada na formulação das políticas públicas para a cidade, o estado e o país. Desse modo, o exercício do poder ganha maior legitimidade ao deixar de ser uma operação imposta para se tornar um consenso entre os governantes e os entes sociais.

Quer dizer, a subsidiariedade sugere uma sociedade forte, autônoma e livre, consciente de seu papel social e político e de seus objetivos próprios, e que queira atuar solidariamente com outros cidadãos e grupos. Um Estado que faça restrições às iniciativas geradas pela base tende a construir uma administração pública altamente burocratizada, centralizada e ineficiente.

Em *Deus Caritas Est*, Bento XVI nos lembra que: “O Estado, que forneceria de tudo, absorvendo tudo em si mesmo, se tornaria por fim uma mera burocracia, incapaz de garantir exatamente aquilo de que a pessoa sofredora

— na verdade, de que toda pessoa — precisa: ou seja, interesse pessoal amoroso. Não precisamos de Estado que regule e controle tudo, mas de um Estado que, em harmonia com o princípio da subsidiariedade, reconhece e apoia generosamente as iniciativas surgidas das diferentes forças sociais e combina a espontaneidade com a aproximação dessas necessidades" (n. 28).

Podemos indicar cinco razões para a importância da participação popular: 1. as decisões e os programas são enriquecidos pelo conhecimento e experiência de muitas pessoas; 2. por isso, há maior probabilidade de serem eficientes e corresponder às necessidades reais; 3. as pessoas que cooperam na elaboração ou nas decisões tornam-se mais interessadas e envolvidas na sua execução, e não precisam ser convencidas; 4. dá-se aos interessados a oportunidade de aplicar seus conhecimentos e aperfeiçoar sua competência; e 5. serve melhor ao bem comum e assegura a promoção humana.

O papel do Estado, então, deve ser o de estimular as iniciativas de solidariedade popular e as auxiliar, subsidiando-as para que possam levar adiante seus objetivos, porque o desenvolvimento propriamente humano é aquele que é feito com a participação consciente e responsável das pessoas e grupos que integram a comunidade. O homem tem o direito de agir na realidade com um ideal, a fim de realizar o bem comum e a si próprio. Nada pode substituí-lo. O homem e as associações precisam de ajuda, e a partir daí começa o papel do Estado e das políticas públicas.

Um dos exemplos mais significativos de obras geradas na realidade brasileira está ligado à área da saúde. A livre organização popular gerou as Santas Casas de Misericórdia, que hoje se tornaram grandes hospitais e atendem principalmente aqueles não têm recursos para cuidar de sua saúde. As Santas Casas de Misericórdia são reconhecidas pela sua eficiência e por ter gastos mais baixos do que aqueles que o Estado suportaria para realizar o mesmo trabalho. Cabe à administração pública aumentar as verbas repassadas a essa instituição e outras similares, além de valorizar

o serviço prestado pelos ambulatorios médicos e odontológicos que oferecem serviços gratuitos às populações mais pobres.

No âmbito da educação supõe-se o apoio integral, inclusive no campo financeiro, a todas as propostas educativas que se propõem a serem eficientes e públicas. Creches, escolas, centros de formação e universidades criadas pelas próprias comunidades ou por organizações religiosas e leigas, que atendam a estes dois pré-requisitos, devem receber apoio e incentivo. O apoio implica também na valorização em todos os sentidos da função do educador, desde o seu reconhecimento dentro da sociedade, como da melhoria das suas condições de trabalho — aumento do salário, formação continuada.

Na questão habitacional, o Estado deve favorecer associações que realizam na periferia assentamentos legais e regularizados, e fazer convênios de assessoria técnica e econômica. Portanto, favorecer as inúmeras experiências de mutirões existentes.

Conclusão

Assim, os três princípios apresentados pela Doutrina Social da Igreja — personalista, de solidariedade e de subsidiariedade — são, portanto, uma valorização das associações sociais que enfrentam de modo realista seus problemas, de forma própria, original e assim constroem a sua história e a história de seu povo.

A política precisa de governantes que respeitem a liberdade e a criatividade das pessoas, valorizando as iniciativas sociais que respondem às necessidades cotidianas. A política não precisa de pessoas que se julgam no direito de decidir o que é bom para todos. A Doutrina Social da Igreja propõe que cada pessoa seja protagonista de sua história e que possa estar sempre a serviço do outro.

A política, portanto, não é só o voto nas eleições, mas como diz Giussani, é a mais completa forma de cultura de um povo. ▢

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BENTO XVI. *Encíclica Deus caritas est*. 2005. Disponível em: www.vatican.va/.../benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_it.html. Acesso em 31 out 2009.

GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

_____, Luigi. *O Eu, o Poder e as Obras*. São Paulo: Cidade Nova, 2001.

JOÃO XIII. *Pacem in Terris*. In: *SANCTIS*, Antônio de (Org.). *Encíclicas e Documentos Sociais*. São Paulo: LTr, 1991.

SORGE, Bartolomeo. *Por uma civilização do amor – a proposta social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

VATICANO II. *Constituição Pastoral "Gaudium et Spes"*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

Francisco Borba
Ribeiro Neto ¹

*Palestra proferida no Centro
Universitário da FEI,
03 de abril de 2008.*

A EXPANSÃO DA RAZÃO, A UNIVERSIDADE E A TECNOLOGIA



O tema do alargamento da razão se tornou uma das características da pregação de Joseph Ratzinger, enquanto papa Bento XVI². Ainda que a razão e a racionalidade moderna sejam questões presentes na reflexão de muitos pensadores modernos, como Max Weber e Theodor Adorno – para citar dois entre os mais conhecidos – a abordagem do papa apresenta elementos próprios, que remontam à tradição do pensamento cristão e ao mais recente diálogo entre o cristianismo e a cultura pós-moderna.

Num discurso que deveria ser proferido na Universidade “La Sapienza”, de Roma, o próprio Bento XVI levanta, como primeira objeção a seu posicionamento nesse debate cultural, sua condição de pontífice católico: afinal, em uma sociedade pluralista, teria o representante de uma religião algo a dizer a todos, particularmente quando se trata de um tema aparentemente não religioso? Sua resposta é que o papa (e a própria Igreja) *“fala como representante de uma comunidade crente, na qual, durante os séculos da sua existência, amadureceu uma determinada sabedoria da vida; fala como representante de uma comunidade que guarda em si um tesouro de conhecimento e de experiência ética, que se revela importante para toda a humanidade: nesse sentido, fala como representante de uma razão ética”*³.

A base do discurso não é, portanto, uma confissão religiosa, mas uma “razão ética”. Não uma ética de convenções e preconceitos, mas sim a sabedoria da vida e as experiências concretas de uma comunidade humana. Trata-se, portanto, de uma proposta aberta à indagação racional e à comparação com outras propostas.

E qual é o ponto a partir do qual essa sabedoria acumulada pela tradição da Igreja se cruza com a reflexão racional do homem moderno? Bento XVI irá dizer que *“O homem quer conhecer; quer a verdade (...). Mas a verdade nunca é apenas teórica. Agostinho (...) notou uma reciprocidade entre ‘scientia’ e ‘tristitia’: o simples saber deixa-nos tristes. E, realmente, quem se limita a ver e apreender tudo aquilo que acontece no mundo acaba por*

¹ Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.

² BENTO XVI. *Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões*. Aula Magna da Universidade de Regensburg, proferida em 12 de setembro de 2006. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html.

³ BENTO XVI. *Discurso para o encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”, que deveria ser proferido em 17 de janeiro de 2008*. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza_po.html.

ficar triste"⁴. Essa é uma experiência cotidiana de cada um de nós, ao ler os jornais todos os dias – mas pode ser levada a níveis mais profundos, quando pensamos na análise científica dos comportamentos individuais ou sociais das pessoas.

A racionalidade científica se baseia, *a priori*, na relação entre causa e efeito. Para cada efeito deve existir uma causa e, quando se analisam as ações humanas, a causa deve envolver algum ganho obtido pelo seu protagonista – consciente ou inconsciente, professado publicamente ou escondido aos olhos do mundo. Esses ganhos podem ser muito sutis, como uma forma mais confortável de tratar os próprios traumas psicológicos, ou até mesmo independentes da pessoa, como o sacrifício altruísta dos pais que pode ser explicado como resultado de uma seleção natural que maximiza o número dos genes de um indivíduo na próxima geração. A ideia por trás dessa reflexão é que uma ação que não apresente uma vantagem sobre outra acabará sendo, de alguma forma, eliminada pela mais eficiente. O raciocínio pode parecer economicista ou utilitarista, mas está na base implícita de grande parte da reflexão das ciências humanas, e realmente permite compreender grande parte da realidade humana e social.

No cotidiano

Essa discussão aparentemente teórica e abstrata está muito presente no cotidiano. Cada vez mais, as relações pessoais, sejam familiares, afetivas, profissionais ou políticas, se deixam definir por essa lógica. Tudo é visto como cálculo e interesse, uma espécie de cinismo tende a dominar todas as relações, um cinismo que diz que tudo se organiza em função dos ganhos pessoais, que se deve sempre buscar o interesse oculto em cada gesto do outro, e que se pode – por isso – usar as pessoas em função do próprio bem-estar.

Assim, o conhecimento que nasce das ciências e da reflexão moderna aparentemente nos leva a uma visão mecanicista, calculista e desiludida da realidade.

Ao sofrimento objetivo nascido das catástrofes naturais, das doenças e dos acidentes, se soma a desilusão de um mundo onde o bem parece ser apenas uma convenção para disfarçar algum tipo de interesse particular. A realização pessoal se identifica com a satisfação das necessidades e a fuga do sofrimento. O pragmatismo e o utilitarismo se tornam um modo para julgar e decidir a respeito de tudo.

Vamos sendo chamados a uma vida onde os anseios e as esperanças, as lutas e os sofrimentos, são achatados e reduzidos. Vive-se para trabalhar, trabalha-se para ganhar, se ganha para comprar alguns objetos e por uns poucos momentos de repouso no fim de semana ou nas férias. Os sonhos se tornam ilusões fugidias, que nunca se realizarão ou que perdem o encanto assim que se realizam. Aos poucos desaparece do horizonte um ideal que corresponda realmente ao desejo do coração, pelo qual valha mesmo a pena viver. E a pessoa, sem um ideal verdadeiro, se rende à dominação e à desumanidade que marca toda a sociedade.

A racionalidade moderna e o técnico

Contudo, um técnico de nossos dias – seja ele engenheiro, economista, administrador, médico, pesquisador, etc. – pode pensar: mas essa é a racionalidade de que disponho para trabalhar, é com ela que resolvo os problemas de minha vida profissional, e com eficiência!

Essa razão, utilizada na organização da produção, na pesquisa científica e na tomada de decisões no mundo moderno, é chamada de razão instrumental, pois é um instrumento para que o ser humano atinja seus objetivos. Sua limitação é justamente não nos ajudar a compreender quais são nossos verdadeiros objetivos, mas apenas como organizar os meios disponíveis para chegar a esses objetivos.

Mas nem todos os problemas cotidianos da atividade produtiva envolvem apenas o uso da razão instrumental. Poderíamos nos perguntar, para ilustrar

³ BENTO XVI, *op. cit.*

DESAFIOS MODERNOS

essa questão: quantas obras de engenharia caíram por erros técnicos e quantas caíram por descaso dos responsáveis? A ética não é um fator externo à própria atividade tecnológica, mas não pode ser entendida apenas pela razão instrumental.

A razão instrumental pode, ainda, ajudar um médico a avaliar os riscos e os procedimentos técnicos disponíveis diante de uma gravidez de risco. Mas a decisão entre realizar um aborto ou assumir o risco da gravidez até o final depende de um outro conjunto de fatores, como o desejo da mãe, sua vontade de se arriscar pelo bem de seu filho, o peso de suas outras relações afetivas, etc. Esses elementos devem ser ordenados segundo uma outra racionalidade, que supera a pura instrumentalidade das coisas. Mais: trata-se de uma decisão ética e não de uma decisão técnica. Se a mãe fez a sua decisão ética, o técnico poderá tomar decisões técnicas, usando a razão instrumental, para adotar o melhor procedimento para que a vontade da mãe seja cumprida.

Um engenheiro ou um administrador de empresas utilizam diariamente a razão instrumental para ordenar e resolver problemas. Porém, a lógica empregada para resolver o problema da máquina que não está funcionando como previsto, ou de um descompasso entre a oferta de insumos e a demanda de produtos, não pode ser utilizada para resolver a questão do filho que não tem um bom rendimento escolar, ou da complementaridade de funções entre ele e a esposa dentro da família. Ainda que a ordenação dos problemas possa ser feita com o auxílio da racionalidade instrumental, é necessária outra lógica que leve em consideração as relações afetivas, o significado que as pessoas representam uma para as outras nesse processo.

O próprio sentido da vida profissional, o motivo pelo qual se trabalha, os objetivos que se buscam ao conduzir uma empresa, são questões que não podem ser respondidas satisfatoriamente dentro da ótica instrumental. Sem uma razão mais abrangente, o sentido do trabalho e os indicadores de sucesso se reduzem

ao poder, à posse e ao prazer. Porém, poder, posse e prazer – em si mesmos – conduzem cada vez mais o ser humano à solidão e à falta de sentido, pois ele é uma criatura relacional, que busca e precisa do outro para se realizar plenamente.

Assim, as questões éticas, afetivas e de sentido da vida não podem ser resolvidas pela razão instrumental, mesmo na experiência cotidiana do profissional que trabalha com a técnica. A limitação não está em utilizar a razão instrumental, mas sim em não percebê-la como parte de uma racionalidade mais ampla, capaz de incorporar as dimensões éticas e afetivas ou de buscar o sentido da realidade. Com a hegemonia da razão instrumental, a parte passa a dominar o todo, em vez de se subordinar a ele.

Expandir a razão até o seu horizonte sapiencial

A questão não reside, portanto, no uso disso que chamamos de razão instrumental. Reside em compreender os limites e a necessidade de superação dessa razão limitada. O problema é expandir a razão, indo além dos limites impostos por uma visão mecanicista e utilitarista da realidade.

Voltemos ao discurso do papa à Universidade “La Sapienza”, de Roma: *“Verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem. Este é também o sentido do questionar-se socrático: Qual é o bem que nos torna verdadeiros? A verdade torna-nos bons, e a bondade é verdadeira: tal é o otimismo que vive na fé cristã, porque a esta foi concedida a visão do Logos, da Razão criadora que, na encarnação de Deus, se revelou conjuntamente como o Bem, como a própria Bondade”*.⁵

Expandir a razão significa ser capaz de um conhecimento que não se esgota na constatação da existência das coisas ou numa visão de seu funcionamento, mas que também mostra a verdade e a bondade presentes na realidade. Bento XVI dirá que a fé cristã, em sua

⁴ *Idem.*

dimensão histórica, enquanto visão de mundo que atravessa os séculos, mostra que é possível que o ser humano construa sua vida na busca da verdade e do bem, pois foi isso que os homens de fé fizeram – cada um em seu tempo e a seu modo.

Essa unidade entre conhecimento, verdade e bondade é a sabedoria, que deveria acompanhar os homens de ciência e os intelectuais, mas se torna cada vez mais ausente nos próprios meios universitários – onde professores e alunos repetem a experiência de alienação e privação de significado que caracteriza o trabalho humano em todas as demais esferas da sociedade capitalista.

O grande problema, em todo esse processo, é que a razão deve ser capaz de abraçar o amor, e o amor deve ser capaz de abraçar a razão⁶. Uma razão incapaz de compreender o amor mergulha o ser humano numa busca incessante por poder, posse e satisfação, mas não consegue dar sentido a nenhum desses objetivos quando esses são atingidos.

Em todos os tempos, mas de forma particularmente dramática nestes nossos dias, a arte se constitui como um grande esforço para recuperar a racionalidade do amor, a capacidade do homem – conscientemente – falar do amor, compreendê-lo e organizar seu mundo a partir dele. A beleza, em sua forma mais pura, é sempre uma celebração do amor ou um testemunho da tragédia que se esconde na falta de amor.

No contexto do saber tecnológico, esse horizonte sapiencial se revela em alguns aspectos simples, mas importantes tanto na vida do profissional quanto na organização da sociedade:

- ❖ O fascínio diante da beleza do mundo e das criações do homem, que não aparecem mais como simples exercício de dominação ou satisfação das necessidades materiais, mas como manifestação de nossa humanidade, daquelas coisas que fazem com que nossa vida tenha valor. O sábio é fascinado pela beleza e é capaz de vê-la nas coisas que formam o seu cotidiano, sejam elas a mais bela praia do

mundo, o rosto da mulher amada ou uma simples máquina que executa sua função.

- ❖ A capacidade de subordinar o fazer e o poder tecnológico a uma dimensão ética. Isso significa não buscar apenas na razão instrumental ou nos recursos tecnológicos as soluções para problemas que envolvem a liberdade humana e o compromisso ético das pessoas. O sábio reconhece que as verdadeiras respostas dependem da liberdade e do compromisso moral das pessoas.
- ❖ A experiência do amor, que se torna evidente para todos e que transparece na vida profissional, na forma de enfrentar os problemas e de relacionar-se com as pessoas. Para o sábio, o amor não é uma experiência individual a ser vivida no contexto privado, mas algo que invade todas as dimensões da realidade e que se comunica nas práticas mais simples e mecânicas da vida.

Crescer no diálogo com o mistério

Mas como a pessoa pode realizar esse alargamento da razão até seu horizonte sapiencial? A razão que é capaz de sabedoria é uma razão que está em permanente diálogo com o “Mistério”. O destino e o sentido último da vida de cada ser humano, as verdadeiras implicações de cada grande decisão, são sempre mistérios, dados desconhecidos para o homem. Porém, é em função desses dados desconhecidos, misteriosos, que se definem realmente os passos de nossa vida. Por isso, o sábio é aquele que se abre para esse mistério, que aceita enfrentar as perguntas e os questionamentos que ele lança a cada momento de sua vida.

O primeiro passo para que esse diálogo entre a razão e o mistério se consolide é olhar para o próprio desejo. O ser humano vive um desejo de sentido, de realização completa, de amor infinito, que é constitutivo do seu ser. No horizonte sapiencial da vida, é esse desejo que dialoga com o mistério presente na realidade.

Contudo, todos os dias, a dinâmica da vida social,

⁶ Cf. RATZINGER, J. *Amor e razão, os dois pilares do real. Extraído da palestra Verdades do cristianismo?, proferida em 27 de novembro 1999, na Universidade da Sorbone em Paris. Disponível em http://www.pucsp.br/fecultura/textos/fe_razao/amor_razao.html.*

DESAFIOS MODERNOS

com suas obrigações, suas promessas, seus trabalhos, suas responsabilidades, tende a triturar, quebrar, esse desejo, transformando-o em um conjunto de pequenos desejos e necessidades: sexo, dinheiro, poder, alimento, etc. A satisfação desses pequenos desejos e necessidades pode ser controlada pelo poder e manipulados pela razão instrumental, por isso nossa sociedade tende a apresentá-los como a única realidade concreta, banindo o desejo maior de nosso coração para a esfera do sonho e do inalcançável. Viver no horizonte do desejo é caminhar para a liberdade, aceitar sua redução a esses desejos e necessidades parciais é viver submetido ao poder e à dominação.

O segundo passo é aceitar que os dados da realidade podem não se esgotar em si mesmos, mas serem sinal de um sentido maior. A beleza das coisas, o sofrimento das pessoas, o olhar da pessoa amada, a aparente aridez do trabalho, sempre remetem a uma pergunta sobre o sentido de tudo, à existência de algo capaz de dar sentido a todos esses elementos⁶.

Aceitar o desafio dessa pergunta, permitir que ela permaneça aberta não é apenas uma questão do homem religioso, que responderia a ela com a resposta “Deus”, mas de todo homem que busca viver a integralidade de sua experiência humana. Nesse sentido, muitas vezes o homem religioso pode ser o mais distante desse horizonte sapiencial, se Deus para ele for um esquema – e não uma realidade que se evidencia nesse diálogo entre o desejo, a busca de sentido e os sinais da realidade.

O terceiro passo é perceber a vida como vocação, como chamado a realizar alguma coisa que lhe dá sentido e valor. A vocação não é, como entendemos normalmente em nossa sociedade, o exercício de uma aptidão e/ou de uma inclinação pessoal. A vocação é resposta a um outro. Por isso, tradicionalmente, o catolicismo considera que existem duas grandes vocações: aquela ao casamento, que é resposta a uma outra pessoa humana de outro sexo; e aquela à virgindade, que é entendida como a resposta dada à pessoa de Deus⁸.

Assim, a vida como vocação é a experiência de se sentir chamado a construir algo que tenha valor no mundo, seja isso uma família, o bem de uma pessoa amada, ou uma obra que atenderá a milhares de pessoas. Se a vocação for entendida como realização de uma inclinação individual, ela nos fecha em nós mesmos e na instrumentalidade de nossa vida e da vida dos outros. Mas se é resposta ao chamado de um outro, toda a realidade se torna sinal desse outro e de nosso amor mútuo.

O quarto e último passo pode ser considerado quase que uma decorrência do percurso anteriormente feito. É viver na memória desse diálogo entre o nosso desejo e o Mistério que dá sentido a toda a realidade. A memória não é uma simples recordação sentimental de fatos do passado, é aquela consciência da presença do outro, mesmo quando ele está fisicamente ausente, que permite-nos recuperar a vida como vocação, ver os sinais do Mistério nas coisas e recuperar a força de nosso desejo, mesmo quando ele parece vergado pela realidade⁹.

Esses passos não são automáticos. A sociedade moderna se constituiu, de certa forma, procurando eliminá-los da consciência humana – e isso pode acontecer com relativa facilidade. Porém, quando a pessoa começa a trilhar esse caminho, percebe que eles são naturais, que eles correspondem muito mais ao seu coração que qualquer outro que possa fazer. A razão quer alargar-se, quer encontrar o Mistério. Por essa naturalidade, por essa correspondência entre esse caminho e aquilo que somos, o problema não é tanto o de um empenho moral, quanto de um olhar para o lugar certo: olhar para o próprio desejo e aceitar as provocações que nascem daí.

Talvez essa firmeza do olhar seja difícil, diante das provocações do cotidiano. Para isso, as pessoas se colocam juntas, buscam viver uma amizade que as ajude a enfrentar a distração, a anulação do desejo que é feita sistematicamente pelo poder. Esse é o sentido maior de uma verdadeira amizade e a razão de ser da Igreja no mundo. ▢

⁷ PRADES, J. *A razão é inimiga do Mistério? Parte I: O itinerário da razão. Palestra proferida no Meeting de Rimini, Itália, em agosto de 2006. Disponível em http://www.pucsp.br/fecultura/textos/fe_razao/inimiga_misterio.html.*

⁸ PRADES, J. *A razão é inimiga do Mistério? Parte II: A vida é ser chamado por Outro. Palestra proferida no Meeting de Rimini, Itália, em agosto de 2006. Disponível em http://www.pucsp.br/fecultura/textos/fe_razao/inimiga_misterio_pat_02.html.*

⁹ PRADES, J. *Op. cit.*

GRUPO “GENTE”: TRANSFORMANDO AS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZADO



O grupo GENTE (Grupo de Estudos de Novas Tecnologias Educacionais) foi criado em 2009 com o intuito de ser um fórum aberto a todos os profissionais envolvidos em educação da FEI para discussão de novas formas de ensino e uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC). Os objetivos do grupo são: motivar reflexões sobre a contribuição das TIC para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das propostas pedagógicas e tecnológicas; avaliar os desafios postos pelos usos das novas TIC; refletir sobre as combinações dos ambientes presenciais e virtuais do ensino superior (hibridização); favorecer a aprendizagem cooperativa e a capacitação do professor universitário junto às TIC.

A ideia de um grupo de discussão partiu do Prof. Leandro Alves da Silva, membro do Departamento de Ciência da Computação da FEI e doutor em Educação pela FEUSP, que em conjunto com outros professores e aglutinando interesses comuns, decidiu criar o grupo GENTE. Desde sua primeira reunião, em março de 2009, o grupo se encontrou quinzenalmente para propor ações visando alcançar seus objetivos.

O aspecto mais interessante do GENTE é ser um grupo aberto: qualquer um pode participar e colaborar com a discussão. Há temas que vêm sendo discutidos e propostas que vão sendo sugeridas e implementadas, assim como discussão de experimentos de uso das TIC em sala de aula.

Em linhas gerais, a expectativa em torno do GENTE é que este grupo possa propor novos rumos para a instituição no que tange às formas de ensino, ao uso das TIC, à infraestrutura e gestão educacional no Centro Universitário da FEI.

As TIC englobam não apenas tecnologias de apoio ao professor, mas também técnicas de apoio ou infraestrutura que melhorem ou desenvolvam corretamente o ensino e aumentem o interesse e o aprendizado do aluno. É importante observar que o conceito de TIC não se resume ao Moodle, ao LearnLoop ou ao ensino a distância. Lousa e giz também são TIC, e não podem ser ignorados. Mas é possível analisar qual a melhor forma de usar cada uma dessas tecnologias, tendo em vista as mudanças por que nossa sociedade passa e o modo como tais mudanças se refletem na sala de aula e na relação professor-aluno. O GENTE mostrou, nas reuniões já realizadas, que quer ir além, analisar e testar novas formas, novas tecnologias, novos meios para melhorar o modo de aprendizado. Como fazer tudo isso? Esta é função do GENTE: descobrir e estimular a aplicação das novas tecnologias e metodologias.

Nas diversas reuniões realizadas, alguns pontos importantes foram levantados:

- a) Novos papéis do professor universitário frente às TIC;

PROJETOS

**Flavio Tonidandel,
Leandro Alves da Silva,
Plinio Thomaz Aquino Jr.
e Rodrigo Filev¹**

¹ Professores do Centro Universitário da FEI.

PROJETOS

- b) As cooperações aluno-professor e aluno-aluno são muito importantes e precisamos aprender a criá-las;
- c) Usar novas TIC pode incentivar a participação do aluno na FEI e mesmo fora dela;
- d) Motivar o docente é algo importantíssimo no processo de implantação de novas TIC;
- e) Há várias iniciativas de novas formas de aula pela FEI. É preciso tornar isso público;
- f) Definir formas de apoio institucional às novas TIC.

Com os aspectos principais levantados, surgiram direcionamentos de condução das discussões. O primeiro ponto discutido foi: como motivar o docente a usar as novas TIC ?

A discussão abordou temas importantes, tais como: a necessidade de a motivação para o uso de TIC ser institucionalizada, através dos diversos departamentos; a importância de compartilhar as experiências realizadas e de demonstrar, de forma efetiva, que as TIC podem melhorar o aprendizado e a condução das aulas. Também ficou bastante claro nas discussões que o tempo de docência não é um fator preponderante no uso das TIC: o decisivo é o desejo de inovar e encontrar formas de atingir o público discente, explorando melhor os conceitos abordados nas várias disciplinas.

Foi a partir dessas discussões que surgiu a ideia da apresentação, durante a Semana de Qualidade, de alguns casos de sucesso e insucesso no uso das TIC, tais como o Moodle, ou um Wiki, ou simplesmente a realização de aulas não presenciais. Como isso seria possível e qual resultado é gerado com isso?

Aulas de dependência semipresenciais

Um caso de sucesso apresentado – que pode e deve estimular outros professores – é o método aplicado nas disciplinas de Análise de Sistemas e Banco de Dados da Ciência da Computação, apresentado pelo Professor Dr. Plínio Thomaz Aquino Jr. Nestas disciplinas é utilizada com sucesso, há anos, a ferramenta

Moodle para a realização de aulas de dependência semipresenciais (composição de aulas presenciais e a distância). Sendo o curso de Ciência da Computação no período noturno, muitos alunos têm dificuldade de vir à FEI às 17h20 ou 18h10 para assistir às aulas de dependência. Além disso, essas aulas têm carga horária reduzida, gerando um obstáculo a mais aos alunos que já apresentavam dificuldades com a carga horária cheia. O resultado era que, antes do uso do Moodle e da organização de aulas semipresenciais, as disciplinas apresentam altas taxas de reprovação por faltas e nota, sendo que apenas 34% dos alunos eram aprovados. Ferramentas que apoiam a educação a distância, como o Moodle, oferecem vários recursos ao docente (*chat* para esclarecimento de dúvidas e debate, repositório de arquivos compartilhados, fórum para debate documentado e moderado e *wiki* para produção de conteúdo colaborativo), permitindo um melhor aproveitamento por parte dos alunos.

A regra principal que direciona as atividades da dependência semipresencial é o atendimento do calendário de atividades não presenciais e aulas presenciais. O calendário normalmente é composto por uma aula presencial para cada duas aulas não presenciais. Dessa forma, o semestre possui de 4 a 5 aulas presenciais e 8 a 9 atividades não presenciais.

Para o sucesso deste formato de disciplina, tanto os alunos como os professores possuem obrigações bem definidas. Os alunos devem estudar materiais teóricos divulgados e usados nas aulas regulares, resolver os exercícios publicados semanalmente, esclarecer dúvidas pelos canais digitais, entregar os exercícios completamente ou parcialmente com dúvidas formuladas, participar das aulas presenciais ativamente e fazer as provas com a turma regular. Nas atividades *online*, o docente deve publicar exercícios e materiais de estudo, responder e-mails de dúvidas, atender os alunos no horário de aula usando *chat* ou outro meio de comunicação digital e também estar disponível para possíveis atendimentos presenciais. Nas aulas

presenciais, o professor deve resolver os exercícios que geraram dúvidas, estimular e discutir assuntos não cobertos nos exercícios *online*, fomentar novos exercícios de acordo com a discussão e questionar todos os alunos, aproveitando que as turmas são menores que as turmas regulares.

Os alunos recebem fator de participação de acordo com o empenho apresentado nas atividades presenciais e remotas (fator variando de 0 a 1,1 – que os alunos das turmas regulares também possuem).

Essa experiência apresentou resultados positivos. Além de manter a possibilidade de atendimento presencial com o professor (manutenção do método tradicional), os alunos possuem o canal adicional de contato remotamente via *chat*, e-mail, *wiki* e fórum, estimulando-os a estar conectados com a universidade durante mais tempo no seu dia a dia. Os alunos se declaram mais motivados ao utilizar ferramentas digitais para o ensino, pois são ferramentas que já utilizam constantemente para sua convivência social. Esse método possibilita que o aluno mantenha-se em sua atividade no mercado (não é mais reprovado por faltas na dependência), com possibilidade de escolher o melhor horário de estudo. Com isso, a taxa de aprovação dos alunos subiu para 80%.

Atividades colaborativas

Outra experiência está sendo conduzida na disciplina de Arquitetura de Computadores II, na qual o Prof. Rodrigo Filev propôs uma atividade que deve ser realizada de forma colaborativa através das ferramentas do Moodle. Cada grupo de alunos deve realizar em laboratório um projeto cujo resultado causa impactos diretos nos resultados dos demais grupos, pois o trabalho de um grupo gera dados ou funcionalidades necessárias para a tarefa de outro grupo. O projeto sugerido visa à criação de um sistema para dispositivos embarcados, e cada grupo de alunos explora os conceitos estudados em aula e na bibliografia disponível

(em sua maioria em formato eletrônico). A colaboração com os demais grupos ocorre através de *wikis* e do fórum do Moodle. Logo, os alunos são incentivados a escrever todo o detalhamento do projeto em *wikis* e discutir dúvidas no fórum; dessa forma, todos manipulam as especificações do sistema proposto de tal forma a atender a necessidades de todos os grupos e às especificações do tipo de dispositivo embarcado. Essa experiência está em andamento e espera-se que a motivação dos alunos mantenha-se elevada até o final do curso, permitindo que o projeto seja apresentado com todas as funcionalidades previstas.

Perspectivas

O sucesso de uma nova TIC passa, necessariamente, pela aceitação do aluno em participar ativamente de seu uso. E isso significa que temos que motivá-lo a isso. As discussões sobre esse tema já se iniciaram e temos mais perguntas do que respostas. Como fazer a interação aluno e professor? Como estabelecer diálogo em sala de aula? Como motivar aluno para a aula? Será que a TIC não seria exatamente esse motivador? É necessário sempre uma punição ou uma premiação para levar os alunos a participar da aula ou de novas iniciativas?

O GENTE deve e vai procurar respostas para essas questões. O que o GENTE espera é estimular novas experiências de professores em sala de aula, produzir resultados de sucesso (ou até mesmo de insucesso) que norteiem os direcionamentos do grupo, e conseguir posicionar a FEI na vanguarda do ensino de graduação e transferência de conhecimento entre professor e alunos.

O grupo GENTE deverá existir sempre. Isso é saudável para uma instituição que prima pela qualidade de ensino. E ele só será viável com a participação dos professores da instituição. Faça sua inscrição no GENTE através do Moodle, participe das reuniões e ajude a transformar a FEI em um exemplo de tecnologia aplicada ao ensino. ▢

PROJETOS

Vagner Bernal Barbeta ¹



Encerrou-se no dia 06 de dezembro de 2009 o programa JOVEM (Jornadas de Valorização das Engenharias no Ensino Médio), com financiamento da FINEP, e que abriu a possibilidade para que diversos docentes do Centro Universitário da FEI pudessem interagir com professores e alunos do ensino médio. Foram dois anos e meio de intensa atividade para toda a equipe envolvida em sua execução, e com resultados extremamente gratificantes. Aqueles que tiveram a oportunidade de acompanhar o evento de encerramento, ocorrido no dia 08/10/09, puderam ver o entusiasmo e alegria dos 140 alunos das escolas de ensino médio, que aqui compareceram para apresentarem os seus projetos na competição final. No total foram apresentados 22 projetos: oito da área de mecânica (carrinho motorizado), oito da área de eletrônica/computação (construção e implementação de robôs móveis) e seis da área de química (combustível líquido carburante), orientados respectivamente pelos Profs. Carlos Rodrigues S. Neto, Paulo dos Santos e Maristhela Marin.

Foi um período de muito aprendizado para todos e cheio de possibilidades de reflexão a respeito da realidade das escolas de ensino médio, de seus alunos e de como trabalhar com estes jovens para que se interes-

sassem pela área de engenharia, este último o principal objetivo do programa JOVEM. Entre os diversos pontos que poderiam ser aqui discutidos, ressalta-se um em especial, motivo de intenso debate entre os participantes do JOVEM. A questão levantada é se a realização de uma competição seria realmente benéfica para motivar os alunos de ensino médio, ou se deveria ser proposto o desenvolvimento de um projeto em que o essencial fosse o processo de colaboração entre os participantes. Ao serem colocados para competir, corria-se o risco de fazer com que aqueles que perdessem se sentissem fracassados e, assim, ao invés de motivarem-se fossem desmotivados para a área de engenharia.

A proposta enviada à FINEP previa a criação de grupos de trabalho nas escolas para que pudessem competir em um grande evento, sendo esta a forma encontrada para desafiar-los a se envolverem no desenvolvimento de pequenos projetos de engenharia. No primeiro ano do evento, porém, no transcorrer do processo de orientação desses projetos, a idéia de fazê-los competir foi gradativamente perdendo força, por diversos motivos.

Existe uma grande diferença nas condições sócio-econômicas das diversas instituições participantes, já

¹ Doutor em Física pela USP e Chefe do Departamento de Física do Centro Universitário da FEI.

que o projeto envolve tanto escolas públicas quanto particulares. Mesmo as escolas públicas possuem perfis muito distintos, e nesse sentido já havia a previsão de algumas ações voltadas a minimizar os efeitos dessas diferenças, como a entrega de um kit padrão de materiais e a orientação, na própria escola, sendo realizada por um docente da FEI. No entanto, mesmo com a implantação dessas ações, estas disparidades poderiam privilegiar um grupo em detrimento de outro. Outro aspecto importante foi a ocorrência de pequenos conflitos entre grupos da mesma instituição (e dentro dos próprios grupos), o que quase causou o abandono do projeto por parte de algumas pessoas e equipes. Isto levou o comitê gestor do programa JOVEM a diminuir o caráter competitivo do evento, mesmo porque a ideia era a de que os alunos pudessem experimentar o prazer pelo desenvolvimento de projetos de engenharia, e não a frustração de serem eventualmente derrotados em uma competição.

Assim, no primeiro ano de realização da etapa chamada de "Competição", buscou-se reconhecer o esforço dos diversos grupos envolvidos, e a avaliação dos projetos foi feita visando muito mais oferecer um retorno sobre os resultados alcançados do que um mero processo de classificação dos projetos. Embora nas áreas de mecânica e elétrica tenha sido atribuída uma pontuação, o que não ocorreu na área de química, todas as equipes receberam troféus de participação no evento e tiveram reforçada a ideia de que todos haviam vencido, uma vez que tinham conseguido vencer os desafios propostos. Esta decisão dividiu as opiniões de alunos e docentes das escolas de ensino médio, com defensores e opositores das duas posturas ("competir" versus "não competir").

Após uma reunião de fechamento do primeiro ano do programa JOVEM, a avaliação global feita foi muito positiva havendo, no entanto, a percepção geral de que deveria ser retomada a proposta inicial de realizar um processo de competição. Em função das discussões realizadas, conclui-se que mesmo havendo o risco de conflitos não deveria ser deixada de lado a proposta da apresentação dos projetos na forma da realização de uma competição. Seria preciso incentivar a competição saudável e a ética esportiva, o "*fair play*", incentivando também a cooperação entre os diversos grupos participantes. Competição e cooperação poderiam e deveriam ser harmonizadas, de modo que a competição não se transformasse em rivalidade entre membros da mesma escola, ou entre escolas diferentes, mas sim em um elemento positivo para a superação de desafios.

Na verdade, competição e cooperação não devem ser vistos como antônimos e sim como processos distintos que podem se complementar, sendo plenamente possível competir em um ambiente de cooperação. Esses conceitos de cooperação e competição têm sido explorados de forma muito interessante na área esportiva, através dos chamados jogos cooperativos, onde o caráter competitivo que normalmente é associado a um jogo ou esporte pode ser balanceado com a atividade de cooperação. Segundo Brotto² (1999, p. 5) "[...] o verdadeiro valor do Jogo e do Esporte, não está em somente vencer ou perder, nem em ocupar os primeiros lugares

no pódio, mas está, também e fundamentalmente, na oportunidade de jogar juntos para transcender a ilusão de sermos separados uns dos outros, e para aperfeiçoar nossa vida em comunidade." Ainda segundo Brotto (1999, p. 41), "Competir ou cooperar são possibilidades de agir e de Ser no



Professores coordenadores do projeto: (da esq.) Roberto Bortolussi, Carlos Rodrigues, Ricardo Belchior Torres, Maristhela Marin, Vagner Barbeto, Roberto Baginski, Rosângela Santos, Aldo Belardi, Flavio Tonidandel, Custódio Thomaz Martins, Paulo Eduardo Santos.

² BROTTTO, F. O. *Jogos Cooperativos: O jogo e o esporte como exercício de convivência*. 1999. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas.

PROJETOS

mundo. Enquanto possibilidade, dependem da vontade, do discernimento e da responsabilidade pessoal e coletiva, para se concretizarem na realidade."

Somou-se a essa discussão a necessidade de se reforçar junto aos alunos de ensino médio de que é importante se ter uma visão interdisciplinar, especialmente no caso do desenvolvimento de projetos de engenharia. Assim, para o segundo ano de realização do JOVEM buscou-se criar mecanismos que levassem à criação de um ambiente de cooperação, dentro da proposta de competição entre as escolas. A solução encontrada foi a de que os projetos de mecânica e de química deveriam ser integrados, fazendo com que os participantes de um grupo cooperassem com o desenvolvimento do projeto do outro grupo. Por esta razão, o projeto de química foi repensado em termos de produção de um combustível líquido carburante para ser utilizado no veículo construído pela equipe de engenharia mecânica, sendo pontuada não somente a participação individual do grupo, mas também o resultado conjunto. No caso do projeto de engenharia elétrica, esta cooperação ocorreria através do desenvolvimento de um projeto conjunto, onde o robô de uma equipe deveria interagir com o robô da outra equipe, de modo que os dois grupos necessitassem trabalhar de forma coordenada para alcançar um objetivo comum.

É interessante notar que dentro da visão com que o programa JOVEM foi implantado é possível correlacioná-lo diretamente com a proposta educacional da UNESCO, desenvolvida em um trabalho coordenado por Jaques Delors³, e publicada no livro *"Educação: Um Tesouro a Descobrir"* (DELORS, 1999). Destacam-se nesse trabalho os quatro pilares da educação que envolve o "aprender a conhecer", "aprender a fazer", "aprender a viver com os outros" e "aprender a ser".

As etapas iniciais de sensibilização do corpo docente e discente de ensino médio, bem como as fases iniciais de orientação para o desenvolvimento dos projetos (que envolveram a aquisição dos conhecimentos técnicos e científicos necessários para a sua

consecução), podem ser correlacionadas diretamente com o "aprender a conhecer". Nesta fase ampliaram-se os horizontes destes jovens através do contato mais íntimo com a área de ciência e tecnologia, e desenvolveu-se neles o desejo de aprender mais, para que pudessem alcançar os objetivos propostos pela competição.

A construção de protótipos ou desenvolvimento de produtos é a materialização desses conhecimentos adquiridos na etapa inicial. É o "aprender a fazer". Nesse aspecto, focou-se não apenas no processo interno de consolidação dessa aprendizagem, mas também na capacidade de transmitir tudo o que foi aprendido, razão pela qual se valorizou também a apresentação escrita e oral daquilo que foi desenvolvido.

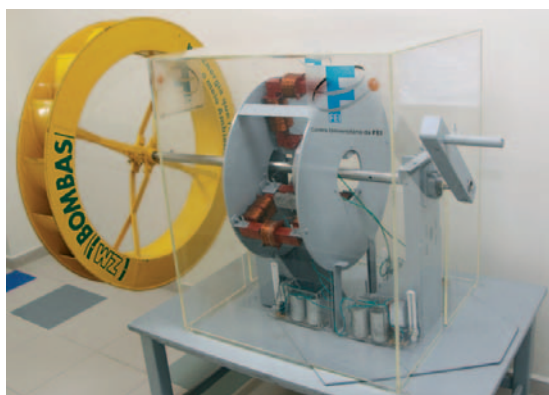
O "aprender a viver com os outros" inseriu-se de uma forma muito direta na discussão apresentada anteriormente, no binômio competição/cooperação. Embora o conceito de "aprender a viver com os outros" seja muito mais amplo, a convivência entre os estudantes, ajudando-se mutuamente e trabalhando com um objetivo comum, ajuda a criar nesses alunos a visão da importância de se lidar com a diversidade, e que as diferentes habilidades que cada um possui podem ser muito úteis para a solução de um problema comum. A possibilidade de conviver e competir com outros alunos com realidades muito diferentes também ajudou nesse processo.

Finalmente, o "aprender a ser" envolve todos os outros aspectos, com a busca pela formação de indivíduos autônomos, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, de comunicarem e evoluírem permanentemente, e de intervir de forma consciente e proativa na sociedade.

Estes quatro pilares sintetizam, sem dúvida, os objetivos da educação que todos procuram, e que pode ter tido uma pequena contribuição do programa JOVEM, que foi desenvolvido pelo Centro Universitário da FEI. A oportunidade é propícia para agradecer a toda a equipe executora (docentes, monitores, técnicos e funcionários da FEI) que souberam cooperar de forma exemplar para que fossem alcançados excelentes resultados. □

³ DELORS, J.; Eufrazio, J. C. (trad.). *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

COMPETÊNCIA, PESQUISA E TECNOLOGIA PARA RESPONDER ÀS NECESSIDADES SOCIAIS



A observação das condições de vida e da realidade habitacional nas periferias das grandes metrópoles torna visível o quanto esta questão vai além da simples acomodação de pessoas. Analisando mais atentamente um assentamento subnormal nota-se que, para além das condições precárias das moradias, encontra-se uma exclusão social que degrada a experiência de dignidade humana dos que ali vivem.

Segundo o *Atlas da Exclusão Social* (2002), dos 5.507 municípios existentes no Brasil, 2.209 (41.6%) encontram-se em situação de extrema exclusão social. O *Relatório de Desenvolvimento Humano* publicado pela PNUD³ em 2005 mostra que o Brasil ocupa a 70ª. posição do ranking de desenvolvimento humano com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,800, e uma esperança de vida de 71,7 anos ao nascer⁴.

A posse e a organização da casa respondem às necessidades de habitação da pessoa e sua família, sendo

o espaço de convivência e de união do grupo familiar. Embora a utilização de bens de consumo (como geladeira e televisão, por exemplo) esteja sendo incorporada ao cotidiano de famílias residentes em zonas urbanas, o mesmo fenômeno não se verifica para a população que habita regiões onde a energia elétrica ainda não está acessível.

Constata-se, portanto, que a presença da energia elétrica no cotidiano das pessoas muda seus hábitos e qualidade de vida. A partir dela, caminhos são iluminados tornando o dia mais longo e mais produtivo, alimentos são conservados por um período mais longo e as informações chegam mais rapidamente, promovendo melhorias no bem-estar das populações atendidas. O acesso à energia elétrica também pode ampliar a capacidade produtiva mesmo em pequenas propriedades de economia de subsistência. Neste sentido, a disponibilidade de energia elétrica pode favorecer o crescimento econômico de pequenos núcleos produtivos familiares⁵.

A partir da observação desta realidade, Mário Kawano, professor do curso de Engenharia Elétrica do Centro Universitário da FEI, propôs um trabalho de iniciação científica ao aluno Vinicius Rizzo.

Por um ano, com a orientação do professor Kawano, foram realizadas visitas a comunidades agrícolas na região serrana entre Santos e Cubatão. Nas encostas de morros e montanhas vizinhos a esses municípios, há pequenas propriedades rurais sem acesso à energia elétrica. Por estarem afastados das redes de distribuição e não terem condições financeiras para custear a ligação à rede de energia, os habitantes da região vivem

PROJETOS

Carla Andréa Soares de
Araújo¹ e Mário Kawano²

¹ Doutora em Educação pela USP e professora do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário da FEI.

² Mestre em Engenharia Elétrica pela USP e professor do Departamento de Engenharia Elétrica do Centro Universitário da FEI.

³ PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007-2008*.

⁴ A Islândia, país que ocupava a primeira posição no ranking, apresentava um IDH de 0,968 e esperança de vida de 81,5 anos. Neste mesmo país, em 2004 o consumo de energia per capita era de 29,430kw/h e uma taxa de eletrificação de 100%.

⁵ Segundo o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, 2,5 milhões de domicílios brasileiros – cerca de 11 milhões de habitantes – não tinham acesso à energia elétrica. Já os dados da PNUD mostravam que a taxa de eletrificação no Brasil, em 2004, era de 97% e o consumo de energia per capita era de 2,340 kw/h.

PROJETOS

excluídos da sociedade. Foram coletadas informações e, a partir da observação da topografia local e das necessidades de algumas famílias residentes na área, procurou-se desenvolver tecnologia de baixo custo que levasse energia elétrica de forma sustentável para residências rurais de pequeno porte daquela região.

Durante as visitas, o professor Kawano e seu aluno notaram que alguns grupos estão localizados em regiões que dispõem de água de boa qualidade. As nascentes estão situadas a 30 ou 40 metros acima das residências e a água é canalizada através de mangueiras cujo comprimento que varia de 100 a 800 metros de extensão. Devido à pressão da água, os moradores da região evitavam fechar as mangueiras, como medo de rompê-las. Desse modo, o excesso vazava pelo ladrão da caixa e a água descartada descia livremente aos córregos da mesma bacia hidrográfica das nascentes.

Por isso, o professor e seu orientando desenvolveram um gerador de energia acoplado a uma roda d'água – alternativa encontrada para conseguir energia elétrica de fontes renováveis em locais distantes dos centros urbanos e que não têm fornecimento de energia elétrica. A roda d'água, dispositivo muito comum em área rural, é utilizada na maioria das vezes para bombear água até a residência. Neste projeto, contudo, a água é transportada por mangueiras que vão se afunilando até terminarem em um pequeno orifício, por onde sai um forte jato d'água que é usado para girar uma pequena turbina ligada a um gerador. O gerador, por sua vez, alimenta um banco de baterias que permite o armazenamento da energia elétrica.

A energia gerada é suficiente para uso de utensílios de baixo consumo, como lâmpadas, televisão, rádio, geladeira, celular, fogão elétrico e pequenos equipamentos agrícolas. Assim, as comunidades locais são

beneficiadas e podem armazenar alimentos com mais facilidade, obter acesso a novos canais de comunicação ou realizar trabalhos domésticos durante a noite, aproveitando melhor o tempo.

Todo material usado na elaboração do aparato foi de baixo custo, sendo utilizados materiais reaproveitados e artesanais. O equipamento completo custou aproximadamente R\$ 3,7 mil.

Em agosto de 2009 este equipamento foi premiado pela Agrifam (Feira da Agricultura Familiar e do Trabalhador Rural) com placa e menção honrosa.

O objetivo desse projeto foi, portanto, gerar, transmitir e instruir o uso consciente de energia elétrica não poluente para pequenas comunidades agrícolas distantes da rede elétrica na região serrana entre Santos e Cubatão. O trabalho representa uma oportunidade importante

para diversas outras pequenas comunidades residentes na Serra do Mar, pois a topografia da região favorece o aproveitamento de recursos hídricos para a geração de energia elétrica barata e sustentável.

Vale lembrar que nas últimas décadas a busca por matrizes energéticas renováveis, não poluentes e mais eficientes tem sido alvo de discussões em todo o mundo. Dessa forma, o projeto apresentou uma opção no estudo de novos materiais para construção de turbinas e para o desenvolvimento de energia limpa, além de colocar a FEI na vanguarda em projetos de sustentabilidade sócio-ambiental.

O projeto do professor Kawano representa, pois, o ideal que anima o trabalho do Centro Universitário da FEI: a busca da integração entre valores éticos e a capacitação técnica dos estudantes a fim de formar profissionais capazes de praticar responsabilidade social, competentes e engajados na construção de uma sociedade mais humana e justa. ▢



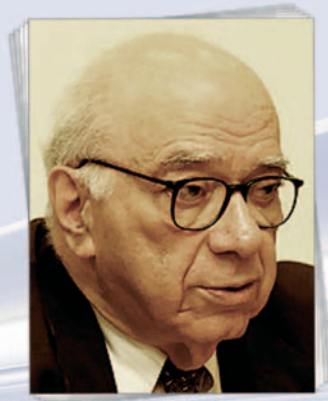
Vinícius Zacarias Rizzo e Prof. Mário Kawano

ASSINOU A VIDA HUMANA COM A QUALIDADE DE SUA PASSAGEM

No dia 15 de setembro de 2009, encerrava sua vida terrena o médico e professor Pedro Salomão José Kassab, aos setenta e nove anos de idade. Estava se restabelecendo bem de uma cirurgia, prestes a ter alta, planejando sua agenda com vontade de menino; porém, na madrugada prévia a sua saída do hospital, seu coração parou para sempre. Surpreendeu a todos: sua família que o acompanhava, aos amigos que torciam pelo retorno a sua convivência nas diversas instituições nas quais militava.

Era um cidadão muito inserido em atividades a favor da educação, da saúde, da cultura, enfim da vida humana de qualidade. Herdou de sua família valores humanos de alto quilate. Seus pais o educaram para o nível superior de estudos, tendo cursado Medicina na melhor universidade do país e, ao mesmo tempo, exercia o magistério, lecionando ciências exatas, principalmente a Física. Médico e educador, pelo esmero, tornou-se mestre de muita gente nas mais variadas situações. Como médico, liderou a Academia de Medicina em nível nacional e internacional. Homem de trato afável e capaz de tornar-se próximo do interlocutor pela cordialidade, paz e confiança transmitida. Percorreu o Brasil e o exterior. As honrarias e distinções que lhe ofereceram foram a expressão da vontade que Kassab se tornasse um deles, através dos títulos outorgados por diversos Estados e Municípios. Foi também condecorado no Brasil e na França.

O professor concursado exerceu muito de seu mister na direção do Liceu Pasteur, acolhendo, por mais de cinco décadas, seus alunos, famílias, professores, funcionários, com a fidalguia de quem transmitia o apreço respeitoso devido a quem o procurava para seguir suas sábias orientações e determinações. Pelo seu magistério, foi reconhecido como apto para oferecer ao público maior do Estado sua sabedoria, acumulada com a prudência que lança para o futuro. Para isso foi nomeado para o Conselho Estadual



Dr. Pedro S. José Kassab
(1930-2009)

de Educação. Conselheiro eleito pelos pares para presidir durante dois mandatos o egrégio colegiado.

Homem culto, de expressão privilegiada de seus pensamentos, conceitos e meditações nos jornais, foi eleito para as Academias Paulistas de Educação e de Letras. Estar a seu lado era uma maravilha. Nas reuniões difíceis ou de decisões complexas, era admirável acompanhar seu raciocínio e verbalização das soluções a serem dadas ou consignadas. Muitas vezes, expressava melhor que o interlocutor o que este queria dizer. No uso da língua vernácula, tinha estilo elegante e requintado. Em outras ocasiões, à mesa, portava-se como quem ama

viver bem e partilhar a conversa, a refeição, como momentos de suprema comunhão interpessoal.

No exercício da profissão e em família demonstrava que as qualidades e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida estavam à disposição para apoiar, ajudar a elevar a auto-estima de todos que o cercavam. Aliava seriedade e bom humor, santidade e bonomia, palavra séria e gracejo. Sabia passar do prático ao teórico e da teoria à prática. Sabia viver e transmitir o gosto pela vida.

A despedida dele foi um misto de tristeza pela surpresa da morte e de ufania pela graça de tê-lo conhecido, partilhado sua sabedoria, acolhido reciprocamente a sua amizade, considerado singular e único em todos os momentos. Partiu cedo, com saúde, na plenitude de sua consciência e percepção, com a agenda lotada de planos e de trabalhos a desenvolver. Partiu como se dissesse: até logo! Assim foi sua entrada na eternidade divina: carregado de bons desejos, motivado por iniciativas, portador de nossas saudades, convicto de que os valores pelos quais viveu permanecerão para sempre no terreno propício de nossos corações.

Com a gratidão do Centro Universitário da FEI, desejo que descanse. ▢

NA LUZ DA
ETERNIDADE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

**Prof. Álvaro Camargo
do Prado**

Em 1947, um aluno da segunda turma de Engenharia Química da FEI, ainda no bairro da Liberdade, em São Paulo, talvez nem sonhasse que chegaria a diretor da então Faculdade de Engenharia Industrial.

A história de vida do professor Jorge Hilsdorf confunde-se com a história da FEI. A trajetória do professor inicia-se nos primórdios da instituição e perdura até o final de seu terceiro mandato como diretor, em 1994.

Já no final de seu curso, o aluno Jorge foi monitor da Faculdade e logo depois de formado foi contratado como auxiliar de ensino. Na década de 60, o professor alternou sua vida profissional com a escola e a indústria.

Em 1975, o professor Jorge teve uma grande alegria: seu filho, Wilson, ingressou na FEI, para graduar-se em Engenharia Mecânica. Na época, Jorge era Chefe do Departamento de Engenharia Química e tornou-se chefe do Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais, Ipei, que presidiu até 1982, quando assumiu seu primeiro mandato como diretor. A alegria renovou-se quando Wilson voltou à FEI como professor. Hilsdorf juntava, definitivamente, a família e a FEI, suas duas maiores motivações.

TRAJETÓRIA INESQUECÍVEL



**Prof. Jorge Hilsdorf
(1926-2009)**

Wilson Hilsdorf, que hoje é professor do Departamento de Engenharia de Produção do Centro Universitário, conta que ter escolhido a FEI para estudar deixou o pai muito satisfeito: “A FEI foi a grande paixão de meu pai, além da família, lógico”.

Jorge Hilsdorf tinha uma forte ligação com o Padre Sabóia de Medeiros, com quem colaborou desde sua época de estudante. “A pedido do padre, meu pai desenhou o primeiro símbolo da FEI, aquele que tinha uma chaminé com uma engre-

nagem”, relata Wilson.

Quando deixou a diretoria, Jorge Hilsdorf atendeu a um pedido do então presidente da Fundação, Padre Aldemar Moreira, para conduzir a Associação dos Ex-alunos da FEI, função que exerceu até seu desligamento da instituição, em 2001.

Com quase 50 anos de trabalho na FEI, o professor Jorge Hilsdorf é lembrado por aqueles com quem conviveu por seu amor e dedicação à instituição. Participou das diversas fases da escola, do início, em São Paulo, até a expansão do campus São Bernardo, no final dos anos 90. Manteve contato com a FEI por meio de seus contemporâneos e de seu filho, Wilson, até falecer, em 2009. □

OBRIGADO, MESTRE!

Ficaram mais pobres a engenharia e a FEI. Mais tristes também. Perderam Franco Brunetti, reconhecido como um dos mais importantes professores de engenharia do Brasil.

Sua importância transcende a FEI e as outras escolas por onde passou. Franco Brunetti, um irrequieto milanês, demonstrou seu amor pelo Brasil formando milhares de engenheiros que multiplicaram seu conhecimento, ajudando na transformação do País nos últimos 40 anos.

Seu nome associa-se ao ensino de mecânica dos fluidos e de motores de combustão interna. Para a mecânica dos fluidos deixou como herança seu livro, que levou anos para escrever, praticando o perfeccionismo que impunha a tudo que fazia. Na área de motores contribuiu para a evolução que iniciou com os primeiros motores a álcool e culminou com a tecnologia flex.

Brunetti reinventou o ensino da mecânica dos fluidos. Como dizia, “o ensino baseado em teoria difícil e exercícios fáceis”. Criou uma metodologia oposta à praticada em sua época, para facilitar a compreensão pelos alunos de uma área tão árdua da engenharia. Daí talvez tenha se originado seu reconhecimento como professor, enriquecido por tantas outras contribuições para disseminar o conhecimento tecnológico.

Seu legado, entretanto, vai muito mais além do que



Prof. Franco Brunetti
(1943-2009)

fez em sala de aula.

Deixou na FEI uma geração de professores das áreas de energia e fluidos. Alguns seus contemporâneos; a maioria seus ex-alunos. Criou na escola um laboratório didático de mecânica dos fluidos, que já era referência em 1976, e que desde então vem evoluindo e incorporando novas tecnologias. Criou outro, para fluidos incompressíveis, que seguiu a mesma trajetória. O terceiro, de motores a combustão, demorou mais para sair do plano das ideias, mas é tão ou mais atualizado que os demais.

Didática impecável e lousa cinematográfica, em sala de aula Brunetti oscilava entre o professor e o engenheiro para atingir o objetivo maior de ensinar. Cada inserção conceitual, exercício ou exemplo, era cuidadosamente estudada para levar o aluno à compreensão imediata do fenômeno que explicava.

Fora da sala, no convívio com os amigos e colegas de profissão, era divertido e tinha sempre muitas histórias para contar. Ávido pelo conhecimento, demonstrava a inquietude de quem tudo quer saber ou conhecer, além do profissionalismo ímpar.

Fui seu aluno, fui seu colega; dois grandes motivos de orgulho. Em nenhum momento deixei de aprender com o grande mestre. Sua passagem marcará a engenharia brasileira para sempre. Sua lembrança será a de um grande homem, de um magnífico professor. ▢

NA LUZ DA ETERNIDADE

**Prof. Álvaro Camargo
do Prado**

PRIMEIRO ANO DE DESCANSO ETERNO DE FLÁVIO VIEIRA DE SOUZA

*Extratos da homilia
proferida pelo*

*Pe. Theodoro Peters, S. J.,
em 16 de março de 2009,
São Paulo, Capela Nossa
Senhora do Bom Conselho.*

Flávio foi privilegiado de virtudes humanas: alegria, felicidade, comunicação, inteligência especulativa e dedutiva. Intelectual plenamente cultivado nas melhores instituições no Brasil e no mundo. Homem prático na prevenção e solução de conflitos ou atritos entre seus semelhantes. Homem da paz conciliada, guardou a confiante esperança do “menino passarinho” que sempre foi. Flávio sabia divertir uma comunidade ou auditório, divertindo-se, com espírito elevado, ironia delicada e trocadilhos inesperados e surpreendentes. Seu intelecto quebrava as palavras como os dedos ágeis de uma criança ao abrir o invólucro de um ovo de Páscoa, ao descamar o carmesim de amendoins ou as mãos fortes de um adulto descascando nozes ou pistaches. Brejeiro, fazia da festa uma vida a



Prof. Flávio Vieira de Souza
(1934-2008)

ser compartilhada, comemorada, celebrada. Sua capacidade inata e adquirida para concatenar pensamentos e idéias difusas numa bela corrente de reflexões profundas, pertinentes e desafiadoras para seu auditório espontâneo que o rodeava de pessoas, ou constituído formalmente para uma aula, palestra ou meditação orante. Eis o Flávio, amigo fraterno que encerrou seu itinerário terrestre, passado um ano. A sua personalidade sagaz foi distinguida pela fé e esperança inquebrantável. Sua filosofia, teologia com base na ex-

periência humana e na sabedoria, edificada pela Palavra de Deus, foi a âncora balizadora do navio de sua existência, migrando por mares diversos, sabia em quem esperava, onde fincava sua segurança, qual manancial donde manava todo o bem e toda a graça. ▢

“A nossa vida é breve. Daqui a cem anos viverá alguém aqui dos presentes? Não podemos perder este referencial da transitoriedade. A vida é transitória, nós passamos. Se na projeção da construção de uma convivência global tivermos como limite a parede, não se irá longe na criatividade da pessoa humana. Não há energia vital que possa tentar recriar o mundo para alguns anos, para uma geração. A vida humana fechada na brevidade destes anos é muito tacaña. Então a baliza tem que ser jogada mais longe e este horizonte é típico da presença de Jesus Cristo na humanidade.”

*Dom Luciano Mendes de Almeida
Semana da Qualidade, São Bernardo do Campo, 1º de agosto de 2004.*

Campus SBC
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo
Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3207.6800

www.fei.edu.br / info_fei@fei.edu.br